



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SMADS - SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

**PESQUISA CENSITÁRIA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA,
CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA POPULAÇÃO ADULTA EM
SITUAÇÃO DE RUA E RELATÓRIO TEMÁTICO DE IDENTIFICAÇÃO DAS
NECESSIDADES DESTA POPULAÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO**

PRODUTO V
**RELATÓRIO COMPLETO DO CENSO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE
RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO**

SÃO PAULO

MAIO/2015

APRESENTAÇÃO

A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - Fipe, encaminha à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social - SMADS, o relatório completo do Censo da População em Situação de Rua na cidade de São Paulo, 2015.

Como definido nos termos contratuais, são apresentados os resultados censitários obtidos, seguidos da análise descritiva de todas as variáveis que constaram nos formulários de coleta das informações. O relatório inclui a descrição do planejamento do trabalho, metodologia utilizada e procedimentos seguidos em campo, constituindo o documento de apresentação final do trabalho realizado. Também em consonância com os termos contratuais, segue em anexo o banco de dados do levantamento, nas versões dBase, SPSS e Shapefile (ArGIS).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
PARTE I: PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO	2
1. INTRODUÇÃO: DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO E DOS OBJETIVOS DO TRABALHO	2
2. METODOLOGIA	3
2.1 QUADRO DE REFERÊNCIA	3
2.1.1 O Levantamento das Informações: SMADS – Serviços Prestados à População em Situação de Rua	4
2.1.2 Consultório na Rua	11
2.1.3 Informações sobre Cenas de Uso e de Tráfico de Drogas	12
2.1.4 Condições da Rua e Perfil da População	12
2.1.5 A Rede de Serviços Diurnos para a População em Situação de Rua	13
2.1.6 SAS e Equipes do Serviço Especial de Abordagem Social	14
2.2 DEFINIÇÃO DOS DISTRITOS CENSITÁRIOS	16
2.2.1 Procedimentos Gerais	16
2.2.2 Distritos censitários	18
2.3 ELABORAÇÃO DOS MAPAS E ROTEIROS	20
2.4 MONTAGEM DO BANCO DE DADOS E TESTES DE CONSISTÊNCIA	28
3. SELEÇÃO E TREINAMENTOS DOS PESQUISADORES	29
3.1 SELEÇÃO DOS PESQUISADORES	30
3.2 SELEÇÃO DOS SUPERVISORES DE CAMPO	31
3.3 TREINAMENTO DOS SUPERVISORES DO CENSO DE MORADORES DE RUA	32
3.4 TREINAMENTO DOS SUPERVISORES DOS CENTROS DE ACOLHIDA	33
3.5 TREINAMENTO DOS PESQUISADORES DE RUA	34
3.6 TREINAMENTO DOS PESQUISADORES DOS CENTROS DE ACOLHIDA	36
4. EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO	37

4.1 EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO, RUA	38
4.2 EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO, ACOLHIDOS	41
PARTE II: RESULTADOS	43
1. NÚMERO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO E SUA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL	43
1.1 NÚMERO DE PESSOAS NA CIDADE	43
1.2 NÚMERO DE PESSOAS NA ÁREA CENTRAL	48
1.3 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS MORADORES DE RUA E ACOLHIDOS	50
2. RESULTADOS PARA MORADORES DE RUA: INFORMAÇÕES DO LEVANTAMENTO CENSITÁRIO	53
2.1. MORADORES DE RUA QUE JÁ PERNOITARAM EM CENTROS DE ACOLHIDA	54
2.2. VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS	56
2.2.1. Sexo, Idade, Cor e Nacionalidade	56
2.3. MULHERES COM FILHOS DORMINDO NA RUA	66
2.3.1. Moradores de Rua na Área Central e Demais Áreas de Cidade	67
3. RESULTADOS SOBRE OS PONTOS DE ABORDAGEM DA POPULAÇÃO	69
3.1 RESULTADOS PARA A CIDADE, TIPO DE PONTO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ENTORNO.	69
3.2 RESULTADOS DESAGREGADOS POR SUBPREFEITURAS E REGIÕES: NÚMERO DE PONTOS COM MORADORES DE RUA	72
3.3 NÚMERO DE MORADORES POR PONTO: DISTRIBUIÇÃO NA CIDADE E IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE MAIOR CONCENTRAÇÃO	78
3.4 PRESENÇA DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES E GRUPOS FAMILIARES NOS PONTOS	81
3.5 PONTOS COM PRESENÇA DE BARRACAS: DISTRIBUIÇÃO NAS ÁREAS DA CIDADE	83
4. RESULTADOS PARA ACOLHIDOS: INFORMAÇÕES DO LEVANTAMENTO CENSITÁRIO	91
4.1 TIPOS DE SERVIÇO: CARACTERIZAÇÃO DA REDE E SUA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL	91
4.2 VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS: SEXO, IDADE, COR E NACIONALIDADE	97
4.3 MULHERES COM FILHOS ENTRE OS ACOLHIDOS	102

5. GRUPOS DIFERENCIADOS NA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA _____	104
6. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES _____	116
ANEXOS _____	121
ANEXO I: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS MORADORES DE RUA E ACOLHIDOS _____	122

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.1 - Número de pessoas em situação de rua, 2000, 2009, 2011 e 2015 _____	43
Tabela 1.2 - Total de pessoas em situação de rua, Acolhidos e Moradores de Rua, 2000, 2009, 2011 e 2015 _____	43
Tabela 1.3 - Variação e variação anual, 2000 a 2015. - População da cidade de São Paulo, Pessoas em Situação de rua, Acolhidos e Moradores de Rua _____	44
Tabela 1.4 - Variação do número de pessoas em situação de rua, Acolhidos e Moradores de Rua períodos intercensitários _____	45
Tabela 1.5 - Variação anual, do número de pessoas em situação de rua, períodos intercensitários _____	46
Tabela 1.6 - Variação anual, do número de pessoas em situação de rua, períodos intercensitários _____	47
Tabela 1.7 - Variação do número de pessoas em situação de rua, acolhidos e moradores de rua, períodos intercensitários _____	47
Tabela 1.8 - Número de pessoas em situação de rua, acolhidos e moradores de rua na área central, 2000, 2009 e 2015 _____	49
Tabela 1.9 - Variação anual, do número de moradores de rua, área central, restante da cidade (não centro), períodos intercensitários _____	49
Tabela 1.10 - Número de pessoas em situação de rua, por Subprefeitura, 2015 _____	51
Tabela 1.11 - Número de pessoas em situação de rua, por Região, 2015 _____	51
Tabela 1.12 - Número de pessoas em situação de rua, por Distrito Municipal, 2015 _____	52
Tabela 1.13 - Número de acolhidos, por Subprefeitura, 2015 _____	53
Tabela 1.14 - Número de acolhidos, por Distrito Municipal, 2015 _____	53
Tabela 2.1 - Moradores de rua que já dormiram em centro de acolhida _____	54
Tabela 2.2 - Distribuição de homens e mulheres que já dormiram em centro de acolhida _____	55
Tabela 2.3 - Moradores de rua por sexo _____	57
Tabela 2.4 - Moradores de rua por faixa etária _____	59
Tabela 2.5 - Distribuição etária dos moradores de rua por sexo _____	60
Tabela 2.6 - Moradores de rua por grupo etário atribuído _____	61
Tabela 2.7 - Moradores de rua por cor auto atribuída _____	62

Tabela 2.8 - Distribuição dos moradores por cor auto atribuída, por sexo _____	63
Tabela 2.9 - Moradores de rua por cor atribuída pelo pesquisador _____	64
Tabela 2.10 - Distribuição da cor atribuída aos moradores, por sexo _____	65
Tabela 2.11 - Moradores de rua brasileiros e estrangeiros _____	66
Tabela 2.12 - Mulheres com filhos na rua _____	66
Tabela 2.13 - Número de filhos pernoitando nas ruas _____	67
Tabela 2.14 - Moradores de rua da área central e das demais áreas _____	68
Tabela 3.1 - Tipo de ponto _____	70
Tabela 3.2 - Características do entorno dos pontos _____	72
Tabela 3.3 - Estatísticas do número de moradores por ponto _____	73
Tabela 3.4 - Pontos com moradores de rua por Subprefeitura _____	73
Tabela 3.5 - Pontos em que foram localizadas pessoas em situação de rua, por Região _____	76
Tabela 3.6 - Pontos com moradores de rua na Área Central e demais áreas _____	77
Tabela 3.7 - Pontos com moradores de rua por distritos da Área Central _____	78
Tabela 3.8 - Pontos por número de moradores, Área Central _____	79
Tabela 3.9 – Pontos por número de moradores, por Região _____	81
Tabela 3.10 - Pontos com presença de crianças e adolescentes _____	82
Tabela 3.11 - Pontos com presença de crianças e adolescentes na Área Central _____	82
Tabela 3.12 - Pontos com presença de grupos familiares _____	83
Tabela 3.13 - Pontos com presença de barracas _____	84
Tabela 3.14 - Pontos com presença de barracas por Subprefeitura _____	85
Tabela 3.15 - Pontos com presença de barracas por região _____	87
Tabela 3.16 - Pontos com barracas na Região Central _____	88
Tabela 3.17 - Número de pessoas em situação de rua por pontos com presença de barraca _____	89
Tabela 3.18– Estatística sobre o número de pessoas em situação de rua, por presença de barracas no ponto _____	91
Tabela 4.1 - Número de acolhidos por tipo de serviço _____	93
Tabela 4.2 - Número de serviços e de acolhidos nos CAs segundo a capacidade de atendimento _____	94
Tabela 4.3 - Número de acolhidos por tipo de serviço nos CAEs _____	95
Tabela 4.4 _____	96
Tabela 4.5 - O Sr (a) já dormiu na rua? _____	97
Tabela 4.6 - Acolhidos por sexo _____	97
Tabela 4.7 - Acolhidos por faixa etária _____	99

Tabela 4.8 - Grupo etário atribuído pelo pesquisador	100
Tabela 4.9 - Cor/raça dos acolhidos auto atribuição	101
Tabela 4.10 - Cor/raça atribuída pelo pesquisador	101
Tabela 4.11 - Acolhidos brasileiros e estrangeiros	102
Tabela 4.12 - Mulheres com filhos nos serviços	103
Tabela 4.13 - Número de filhos que dormem com a acolhida no serviço	103
Tabela 5.1 - Grupos diferenciados na rua e entre os acolhidos	105
Tabela 5.2 - Pernoite na rua e em Centros de acolhida*	108
Tabela 5.3 - Grupos de acolhidos por tipo de serviço, idade média, cor/raça e pernoite na rua	110
Tabela 6.1 - Ocupações Área central (49)	117
Tabela 6.2 - Crianças e adolescentes abrigadas por estar em situação de rua dez 2014/mar2015	119

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1.1 - Número de pessoas em situação de rua, acolhidos e moradores de rua, 2000 a 2015	45
Gráfico 1.2 - Crescimento anual do número de Pessoas em Situação de rua, Moradores de Rua e Acolhidos, períodos intercensitários	46
Gráfico 1.3 - Número de pessoas em situação de rua, acolhidos e moradores de rua em 2000, 2009 e 2015	47
Gráfico 1.4 - Crescimento anual do número de Pessoas em Situação de rua, Moradores de Rua e Acolhidos, períodos intercensitários	48
Gráfico 1.5 - Taxa anual de crescimento dos moradores de rua na área central e restante da cidade, períodos intercensitários	50
Gráfico 2.1 - Moradores de rua que já dormiram em Centro de acolhida	55
Gráfico 2.2 - Homens e Mulheres que já dormiram em centro de acolhida	56
Gráfico 2.3 - Distribuição dos moradores de rua por sexo	57
Gráfico 2.4 - Distribuição dos moradores por faixa etária	59
Gráfico 2.5 - Cor declarada e cor atribuída	63
Gráfico 3.1 - Tipo de ponto	71
Gráfico 3.2 - Características do entorno dos pontos	72
Gráfico 3.3 - Pontos por Subprefeitura	75
Gráfico 3.4 - Pontos em que foram localizadas pessoas em situação de rua, por Região	76
Gráfico 3.5 - Pontos com presença de barracas	84
Gráfico 3.6 - Pontos com presença barracas por Subprefeitura	86
Gráfico 3.7 - Pontos com presença de barracas por região	87

Gráfico 3.8 - Pontos com barracas na Região Central _____	88
Gráfico 3.9 - Número de pessoas em situação de rua por pontos com presença de barraca _____	90
Gráfico 4.1 - N° de acolhidos segundo tipo de serviço _____	93
Gráfico 4.2 - Número de acolhidos nos CAs segundo a capacidade do serviço _____	94
Gráfico 4.3 - Número de acolhidos por tipo de serviço nos CAEs _____	95
Gráfico 4.4 - N° de atendidos na área central e fora por tipo de serviço _____	96
Gráfico 4.5 - Acolhidos por sexo _____	98
Gráfico 4.6 - Idade declarada pelo acolhido _____	100
Gráfico 4.7 - Cor/raça dos acolhidos _____	102
Gráfico 4.8 - Número de filhos que dormem com a acolhida no serviço _____	104
Gráfico 5.1 _____	106
Gráfico 5.2 _____	109
Gráfico 5.3 - % dos grupos em relação ao total de acolhidos _____	111
Gráfico 5.4 - % de frequência de acolhidos nos grupos específicos por diferentes tipos de serviços _____	112
Gráfico 5.5 - Idade média por grupos específicos _____	113
Gráfico 5.6 - % de acolhidos por grupos específicos Cor/raça _____	114
Gráfico 5.7 - % de acolhidos que pernoveram na rua por grupos específicos _____	115

INTRODUÇÃO

O texto que se segue apresenta os resultados do levantamento censitário da população em situação de rua e registra os procedimentos metodológicos utilizados para sua realização. A natureza específica do recenseamento da população em situação de rua torna indispensável a apresentação da metodologia utilizada, para permitir a correta interpretação dos resultados e possibilitar, em termos técnicos, sua avaliação.

Os resultados de 2015 são analisados tendo como referência as Subprefeituras da cidade, as grandes regiões em que o município encontra-se dividido e os distritos municipais onde foi recenseada a população. São realizadas comparações com os resultados obtidos nos recenseamentos de 2000 e 2009, realizados pela Fipe. Quando pertinente, são feitas comparações com os dados levantados pela Fundação Escola de Sociologia e Política, Fesp, em 2011.

O relatório encontra-se dividido em III partes, seguidas de um conjunto de anexos. A parte I trata da definição da população recenseada e descreve a metodologia seguida no trabalho. A parte seguinte apresenta o número de pessoas em situação de rua e sua distribuição espacial. São também apresentados os resultados das variáveis que integraram o formulário do recenseamento, separadamente para a população encontrada nos serviços de acolhimento e nas ruas da cidade. Finaliza esta parte a descrição das características dos locais em que a população encontrada nas ruas foi recenseada. A Parte III trata, brevemente, de grupos não incluídos na definição de população em situação de rua, mas que, dada sua proximidade com ela justificam uma referência à exclusão feita.

PARTE I: PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO

1. INTRODUÇÃO: DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO E DOS OBJETIVOS DO TRABALHO

A definição de população em situação de rua não é trivial. Em comum, as pessoas que se reconhece estar “em situação de rua” utilizam alternativas de pernoite diferentes da moradia convencional: parques, centros de acolhida, praças e demais espaços públicos. Essa condição comum, entretanto, abriga diferenças: os inúmeros arranjos e materiais utilizados como abrigo e pernoite, frequência com que são usados, duração e razões para o pernoite resultam em uma multiplicidade de situações. Há pessoas pernoitando nas ruas por condições temporárias, ocasionais, e há, também, as que de há muito vivem nelas. Muitas outras diferenças podem ser apontadas.

A multiplicidade de condições exige critérios de identificação da população, sob pena de inviabilizar os esforços de análise e sua enumeração. O critério de inclusão na população deve ser aplicado sistematicamente a cada potencial integrante, para que as pesquisas realizadas possam, com segurança, fazer afirmações sobre a população. Não por outra razão, as denominadas “perguntas filtro” precedem o levantamento das informações de campo.

Todos os recenseamentos realizados pela Fipe¹ definiram população em situação de rua como o conjunto de pessoas que por contingência temporária, ou de forma permanente, pernoita nos logradouros da cidade - praças, calçadas, marquises, jardins, baixos de viaduto - em locais abandonados, terrenos baldios, mocós, cemitérios e carcaça de veículos². Também são considerados moradores de rua aqueles que pernoitam em albergues públicos ou de entidades sociais.

¹ A mesma definição e metodologia de pesquisa foram utilizadas pela FESP, em 2011. Ver “Censo e Caracterização Socioeconômica da População em Situação e Rua na Municipalidade de São Paulo (2011)”, pg. 10. Fesp, Março de 2012.

² Relatório Produto II.

A definição utilizada considera apenas as pessoas que se encontram “em situação de rua”, excluindo os grupos que mantêm proximidade com essa condição. São excluídas, por exemplo, as pessoas que habitam moradias precárias, com condições de habitabilidade reconhecidamente insatisfatórias, mas que não se encontram “em situação de rua”.

A importância da definição decorre, também, da necessidade de se definir o público alvo das políticas públicas. A inclusão de grupos diversos, com necessidades e reivindicações distintas impossibilita a formulação de políticas de atendimento focalizadas. Sem essa focalização, a avaliação dessas intervenções e sua eficácia ficam enormemente dificultadas.

O levantamento censitário, definida a população, teve como objetivo responder duas questões: quantas são as pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo e qual sua distribuição espacial. Os formulários para registro das informações censitárias incluíram algumas perguntas adicionais que, embora relevantes, não guardavam relação direta com a obtenção do número de pessoas em situação de rua e sua localização.

2. METODOLOGIA

2.1 QUADRO DE REFERÊNCIA

A construção de um quadro de referência é de fundamental importância para definir a estratégia e organização do censo da população em situação de rua. Esse quadro reúne um conjunto de informações sobre as pessoas que pernoitam nas ruas e que se deslocam em função da própria dinâmica da cidade ou das condições de vida na rua. Nesse sentido, são fundamentais as informações sobre a distribuição espacial dos moradores de rua e indicação das áreas de maior concentração e permanência dessas pessoas, as características urbanas dessas áreas e a identificação dos pontos que merecem maior atenção quanto à segurança dos pesquisadores, além de outros dados que possam contribuir para o planejamento do trabalho de campo. O levantamento de todas essas informações deve, portanto, pautar-se em fontes seguras e confiáveis.

Para a contagem censitária das pessoas que pernoitam nos Centros de Acolhida, a construção do quadro de referência requer informações sobre a localização, capacidade de atendimento (número de vagas ofertadas para pernoite) e horário das rotinas de funcionamento desses serviços. Esses dados permitem identificar a quantidade de serviços localizados em cada distrito censitário e o número aproximado de pessoas acolhidas a serem recenseadas, para planejar a realização do censo com a maior rapidez e menor interferência possível nas atividades desses Centros.

A SMADS mantém, ainda, uma rede de serviços socioassistenciais para a população em situação de rua, sem oferta de vagas para pernoite. São locais que normalmente atraem essa população que tende a permanecer em seu entorno e, por essa razão, devem constar também no quadro de referência.

A construção desse quadro de referência contou com a colaboração de várias fontes. As informações referentes aos moradores de rua foram fornecidas pelas equipes técnicas de SAS, juntamente com os agentes do Seas que fazem a abordagem social da população em situação de rua. As informações completas sobre a rede de serviços que oferecem pernoite e a rede socioassistencial sem pernoite, foram levantadas em SMADS, com os técnicos do Observatório Social e da Proteção Social Especial. Outros órgãos como a GCM, a SMS, Sehab e o projeto “De Braços Abertos” com os quais SMADS fez a intermediação do contato, foram também importantes interlocutores cujas informações contribuíram para ampliar a compreensão das condições atuais da rua e da população em situação de rua, completando as referências necessárias para o planejamento do trabalho de campo.

2.1.1 O Levantamento das Informações: SMADS – Serviços Prestados à População em Situação de Rua

A SMADS executa diretamente, ou através de convênios firmados com organizações sociais sem fins econômicos, os serviços socioassistenciais destinados a famílias e pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social entre os quais estão incluídos os que são

prestados especificamente às pessoas adultas em situação de rua, em diferentes modalidades e formas de atendimento.

Os serviços prestados diretamente por SMADS à população em situação de rua são os seguintes³:

- Centro de referência de Assistência Social – Cras, de abrangência distrital, funciona como principal porta de entrada do Sistema Único de Assistência Social – SUAS. Um de seus objetivos é “articular a rede socioassistencial do território, encaminhando usuários e validando vagas dos serviços conveniados”.
- Centro de Referência Especializado de Assistência Social – Creas, de abrangência distrital ou regional, presta atendimento às pessoas em situação de rua, articulando-se com o Cras para inserção de pessoas na rede socioassistencial da Proteção Social Básica e de Proteção Social Especial.
- Serviço de Hospedagem para pessoas em situação de rua, de abrangência regional, oferece vagas para pernoites em hotéis ou pensões para pessoas adultas em situação de rua, de ambos os sexos, encaminhadas pela rede de acolhida e que possuem autonomia financeira para garantir suas necessidades básicas.
- Central de Atendimento Permanente de Emergência – Cape, de abrangência municipal, responde também pelas “solicitações de atendimento a pessoas em situação de rua e pela central de vagas de acolhimento para adultos, crianças e adolescentes”. Este serviço monitora as vagas por meio do Sisrua e agiliza a acolhida das pessoas em situação de rua.

Os serviços prestados através de convênio com as organizações sociais sem fins econômicos são caracterizados com base na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais e estão agrupados nas seguintes categorias:

³ Cf. Portarias 46 e 47/2010, Tipificação da Rede Socioassistencial e Regulação da Parceria da Política de Assistência Social, Prefeitura de São Paulo, SMADS, fevereiro de 2011. Os serviços mencionados atendem a uma variedade de pessoas e famílias, mas aqui foram destacados apenas aqueles prestados à população em situação de rua.

- Rede de Proteção Básica, cujos serviços não oferecem acolhida para pernoite e atuam de forma preventiva.
- Rede de Proteção Especial de Média Complexidade que agrupa serviços que prestam atendimento às pessoas adultas em situação de rua de ambos os sexos, com ou sem filhos, sem oferta de vagas para pernoite nas seguintes modalidades:
i) Núcleos de Convivência para Adultos em Situação de Rua, cujo objetivo é acolher e estimular o processo de sociabilidade para facilitar a criação de vínculos interpessoais, familiares e comunitários com vistas à reinserção social. ii) Serviço Especializado de Abordagem Social a Adultos em Situação de Rua que realiza a busca ativa e abordagem de pessoas e famílias que dormem nos logradouros da cidade, com o objetivo de buscar uma alternativa de atendimento nos serviços existentes na rede.
- Rede de Proteção Especial de Alta Complexidade, composta por um conjunto diversificado de serviços de acolhida às pessoas em situação de rua, com oferta de vagas para pernoite. São os Centros de Acolhida para Adultos I, 16 horas; Centros de Acolhida para Adultos II, 24 horas e os Centros de Acolhida Especial que priorizam o atendimento de públicos específicos que necessitam de atendimento diferenciado como Idosos, Mulheres, Pessoas em Período de Convalescença e Famílias. Outra modalidade é a Instituição de Longa Permanência para Idosos – Iipi, que acolhe pessoas idosas em situação de vulnerabilidade e risco, mas que não têm passagem pela rua, ou seja, não são consideradas pessoas em situação de rua. Integram ainda esta rede, as Repúblicas destinadas aos jovens de 18 a 21 anos, aos Adultos e aos Idosos do mesmo sexo, que devem ter autonomia financeira para contribuir com as despesas da casa. Passou a integrar a rede como Centro de Acolhida para Adultos II - 24 horas, um Centro criado para acolher imigrantes em situação de rua.

Além desses serviços, SMADS mantém os chamados Serviços Complementares, que são conveniados e não incluídos na Tipificação Nacional. Porém, fazem parte da rede

socioassistencial do município e atendem pessoas em situação de vulnerabilidade e risco como a população em situação de rua.

Os serviços para essa população são também classificados de Rede de Proteção Especial de Média Complexidade e não oferecem pernoite. Entre eles estão o Centro de Capacitação Técnica para Adultos em Situação de Rua, o Espaço de Convivência para Adultos – Tenda, o Núcleo de Convivência com Restaurante Comunitário para Adultos e o Bagageiro.

- **Tipos de serviço ofertados pela Rede de Centros de Acolhida**

A SMADS oferece em 72 Centros de Acolhida, 11 tipos de serviço que se destinam a pessoas em situação de rua, com necessidades e condições específicas. Os serviços com maior oferta de vagas são os Centros de Acolhida I e II que, somados, têm uma capacidade de atendimento para o pernoite de 6926 pessoas, ou seja, 75,5% do total da rede, conforme distribuição a seguir:

Tipo de serviço	Quantidade	Vagas ofertadas
Abrigo Especial para Catadores	1	55
Centro de Acolhida I - 16 horas	9	1292
Centro de Acolhida II - 24 horas	34	5634
Centro de Acolhida Especial para Família	1	80
Centro de Acolhida Especial para Gestantes, Mães e Bebês	1	100
Centro de Acolhida Especial para Idoso	7	700
Centro de Acolhida Especial para Mulheres	4	496
Centro de Acolhida Especial para Pessoas Convalescentes	2	93
Centro de Acolhida de Emergência	1	80
Projeto Família em Foco	3	160
Projeto Especial Autonomia em Foco	2	300
República para Adultos	8	190
TOTAL	72	9180

- **Os Centros de Acolhida e demais serviços**

Os técnicos do Observatório de Políticas Sociais de SMADS disponibilizaram as informações sobre a rede de serviços destinados à população em situação de rua que oferecem pernoite e as que prestam somente atendimento diurno, com endereço, nome da instituição conveniada e tipo de serviço.

Em relação a esses 72 serviços que oferecem vagas para pernoite, foram levantados todos os dados necessários ao planejamento do censo da população em situação de rua pernoitando nas 9180 vagas distribuídas em 29 distritos municipais de 20 subprefeituras.

Distribuição da rede de Centros de Acolhida por localização e vagas noturnas

Subprefeitura	Distrito	Nº de serviços	Vagas noturnas
Capela do Socorro	Grajaú	1	40
Casa Verde	Casa Verde	3	210
Cidade Ademar	Cidade Ademar	1	60
E. Matarazzo	E. Matarazzo	2	140
Guaianases	Lajeado	1	50
Ipiranga	Ipiranga	1	100
Jabaquara	Jabaquara	1	150
Jaçanã-Tremembé	Jaçanã	1	100
Lapa	V. Leopoldina	1	100
Mooca	Belém	3	188
	Brás	4	410
	Mooca	1	1150
	Pari	6	864
	Tatuapé	1	200
Penha	Penha	3	150
Pinheiros	Pinheiros	1	80
São Mateus	S. Mateus	1	100
São Miguel	S.Miguel	1	80
Santana	Santana	3	150
Santo Amaro	Sto. Amaro	3	300
Sé	Bela Vista	6	713
	Bom Retiro	6	752

Subprefeitura	Distrito	Nº de serviços	Vagas noturnas
	Barra Funda	3	920
	Liberdade	3	210
	República	1	210
	Santa Cecília	8	553
V.Maria/V.Guilherme	V.Guilherme	3	900
Vila Mariana	Saúde	1	100
Vila Prudente	Vila Prudente	2	200
20 subprefeituras	29 Distritos	72	9180

- **Hotéis do projeto De Braços Abertos**

Não estão incluídos nas planilhas de SMADS, 8 (oito) hotéis do projeto *De Braços Abertos*, onde estão acolhidas pessoas com histórico de consumo de droga, por se tratar de convênio firmado pela Secretaria Municipal de Trabalho. Trata-se de um projeto especial integrado com SMADS e SMS para a prestação de serviços socioassistenciais a essa população em situação de rua que se encontra em processo de recuperação. A condição para participar desse projeto é a aceitação do tratamento da drogadição, da acolhida e do trabalho remunerado. Entendeu-se que essas pessoas devem ser incluídas no censo da população em situação de rua acolhida, porque embora com atendimento e condição diferenciada, estão abrigados como os demais que pernoitam nos Centros de Acolhida. O projeto oferece 493 vagas em hotéis, ampliando para 9.453, o total de vagas ofertadas para pernoite no conjunto da rede de serviços cujos acolhidos serão recenseados.

Esses hotéis estão localizados em 3 distritos da subprefeitura Sé, com maior oferta de vagas no distrito de Santa Cecília.

Hotéis do programa De Braços Abertos por distrito e vagas ofertadas		
Distrito	Quantidade	Vagas ofertadas
Liberdade	1	45
Santa Cecília	6	388
Sé	1	60
Total	8	493

A equipe de planejamento realizou visitas a 6 desses hotéis para registrar algumas informações como o número de pessoas acolhidas pelo projeto e horário de abertura e fechamento, para planejar o censo nesses locais. Foram visitados: o hotel Avaré, com 39 adultos entre homens e mulheres e nenhuma criança; hotel do Manuel com 104 pessoas, entre as quais estão 5 famílias e 5 crianças; hotel pensão Azul, com 120 pessoas entre as quais estão 9 famílias e 24 crianças; hotel Lucas, com 43 pessoas e 1 criança; hotel residencial Kelly, o único sem escadaria e que recebe cadeirantes, abrigando 65 pessoas, sendo 3 cadeirantes e não recebem crianças; hotel Alaíde, com 35 pessoas sendo 1 família e 1 criança. O horário não é uniforme. A abertura é a partir das 5h30 ou 6h00 e o fechamento varia entre 24h00 e 2h00, conforme informação do responsável pela portaria. Alguns hotéis mantêm quartos alugados para pessoas que não são do projeto, o que requer a identificação desses quartos no dia do censo.

Algumas pessoas do projeto saem e ficam fora por alguns dias. Há uma tolerância de ausência de até 30 dias consecutivos, ao término dos quais, a pessoa é desligada do hotel para liberar a vaga.

Antes de conhecer os hotéis, foi visitada a tenda da Rua Helvetia, onde estavam dormindo cerca de 60 pessoas que, segundo informação do orientador, são moradores de rua que ficam acordados durante a noite pelas ruas, muitos consumindo droga e álcool e que se dirigem à tenda para as atividades ou para dormir. A solicitação para entrar no projeto De Braços Abertos é grande, mas não há mais vaga para trabalho. Os moradores do hotel, em

sua grande maioria estão trabalhando. Nas redondezas dessa tenda, há um grande número de barracos improvisados onde se observou uma grande concentração de pessoas consumindo drogas.

O Observatório de Políticas Sociais disponibilizou também, os últimos dados da Operação Baixas Temperaturas e os endereços das abordagens realizadas para serem incorporados ao quadro de referência.

2.1.2 Consultório na Rua

A Secretaria Municipal de Saúde mantém o programa Consultório na Rua, criado para atender a população em situação de rua com problemas de saúde, drogadição e alcoolismo, oferecendo-lhes acesso aos serviços de saúde, com o objetivo de reinserção social e familiar.

Cada Consultório tem uma UBS de referência e atua no território, fazendo dois tipos de trabalho: o agendamento das atividades e as ações externas de busca e abordagem de pessoas em situação de rua nos logradouros da cidade e nos centros de acolhida. Atualmente, estão em funcionamento 16 Consultórios na Rua tipo 3, constituído por equipes com 3 profissionais de nível superior e 3 de nível médio, que atendem nos seguintes distritos: Belém, Brás, Bom Retiro, Lapa, Mooca, Pari Pinheiros, Santo Amaro, todos com 1 unidade. Os distritos da República e Sé têm 2 unidades cada e no da Santa Cecília funcionam 4 unidades. Há ainda mais dois Consultórios de modalidade tipo 1 e tipo 2, cuja diferença está na composição das equipes.

Os integrantes das equipes que participaram da reunião informaram que fazem atendimento e acompanhamento de moradores de rua que estão nas ocupações de imóveis, e que isso tem ocorrido em algumas regiões. A questão do álcool e da droga está mais presente, mas entendem que aumentou na sociedade toda e que não é um problema da população de rua, alertando para o perigo de se confundir os usuários de droga com moradores de rua pelo fato de estarem juntos numa cena de uso de drogas.

Foi destacada a presença de egressos do sistema penitenciário, cuja presença na rua tem aumentado desde 2008. Outro segmento que tem crescido é a de imigrantes em situação de rua e, em alguns locais, com uso intenso de álcool e drogas entre os homens.

As equipes dos Consultórios forneceram os endereços dos locais em que normalmente encontram moradores de rua, com a indicação das áreas que apresentam maior risco para os pesquisadores.

2.1.3 Informações sobre Cenas de Uso e de Tráfico de Drogas

A Guarda Civil Metropolitana enviou, através de SMADS, uma listagem de endereços onde foram constatadas “cenas de uso e de tráfico de drogas” em toda a cidade. Acompanha essa listagem, um mapa com o georreferenciamento de todos esses pontos, o que permite planejar melhor a abordagem de campo nas áreas que exigem maior experiência e cuidado por parte dos pesquisadores.

2.1.4 Condições da Rua e Perfil da População

A Coordenação de Proteção Social Especial de SMADS alertou para uma mudança que tem ocorrido tanto nas condições da rua, quanto no perfil da população em situação de rua, que está mais fragilizada do ponto de vista de saúde e da segurança.

O aumento da violência da sociedade se reproduz entre os moradores de rua cujas relações de proteção e solidariedade antes existentes, estão completamente esgarçadas. Há um aumento de idosos com problemas de alcoolismo e de jovens violentos, pessoas com problemas de saúde mental, pessoas egressas do sistema fechado e consumidores de drogas ilícitas. A presença de muitos imigrantes pernoitando tanto nas ruas como nos Centros de Acolhida é outro dado significativo. O aumento cada vez maior desses estrangeiros em situação de rua levou à criação de um Centro de Acolhida II para o imigrante, com a oferta de 190 vagas, no distrito da Bela Vista.

A presença da droga tem alterado as condições da rua. De acordo com informações da SMS, existem 76 “cracolândias” na cidade, ou seja, locais com a presença de 6 ou mais pessoas consumindo drogas. Com essa disseminação, coloca-se outra dificuldade para o censo, pois há pessoas que estão na rua apenas para o consumo de droga e que podem ser confundidas com outras que estão em situação de rua. Isto requer muito cuidado na aplicação das questões filtro para garantir que somente os moradores de rua sejam recenseados.

2.1.5 A Rede de Serviços Diurnos para a População em Situação de Rua

A SMADS mantém, através de convênio, uma rede de serviços para o atendimento de pessoas em situação de rua no período diurno. Tais serviços estão localizados em 11 distritos das subprefeituras: Mooca, Santana e Sé e comportam o atendimento a 4.374 pessoas em diferentes modalidades. Apesar de se tratar de serviços que não oferecem pernoite, constituem uma referência importante para o planejamento do censo, uma vez que são locais de atração ou concentração de moradores de rua que, muitas vezes, pernoitam nas redondezas. Os dados sobre a distribuição, quantidade e capacidade de atendimento dos diversos serviços são apresentados na tabela a seguir.

Serviços para população em situação de rua que não oferecem pernoite

Subprefeitura	Distrito	Tipo de serviço	Quantidade	Capacidade
MOOCA	Brás	Bagageiro	1	272
SE	República	Centro de capacitação técnica	2	80
	Bela Vista	Espaço de convivência	1	300
	Cambuci	Espaço de convivência	1	200
	Sta. Cecília	Espaço de convivência	1	450
MOOCA	Brás	Espaço de convivência	1	200
	Mooca	Espaço de convivência	1	200
SÉ	Bela Vista	Núcleo de Convivência c/restaurante comunitário	1	500
		Núcleo de Convivência para adultos	4	140
	Bom Retiro	Núcleo de Convivência para adultos	2	432
	Sé	Núcleo de Convivência para adultos	1	200
MOOCA	Belém	Núcleo de Convivência para adultos	1	200
	Brás	Núcleo de Convivência para adultos	1	900
SANTANA	Santana	Núcleo de Convivência para adultos	1	100
SÉ	Bom Retiro	Serviço de Inclusão Social e Produtiva	1	150
	Liberdade	Serviço de Inclusão Social e Produtiva	1	50
TOTAL			21	4374

2.1.6 SAS e Equipes do Serviço Especial de Abordagem Social

Além dos espaços acima mencionados para oferta de serviços, há um trabalho realizado diariamente das 8h00 às 22h00 em todas as áreas, pelos Serviços Especiais de Abordagem Social, através dos orientadores que entram em contato com as pessoas adultas em situação de rua para identificar os problemas de cada um e procurar uma forma de encaminhamento.

Essas equipes são as que conhecem a região e têm condição de informar os locais em que essa população se encontra sozinha ou em grupo, além de indicar os pontos mais críticos

em termos de atividades ilícitas e de risco, presença de famílias, de crianças e adolescentes que pernoitam nas ruas, presença de barracas e a mobilidade dessa população. Em reuniões realizadas com 15 grupos de integrantes de SAS e respectivos agentes de abordagem do Seas, foram levantadas todas essas informações.

Outro aspecto explorado foi a percepção de alguma mudança nas características ou no comportamento dos moradores de rua nos últimos anos, por parte dos agentes de abordagem. As informações dessas equipes corroboram as que foram prestadas pela Coordenação de Proteção Social Especial, tanto no que se refere às condições da rua como na mudança do perfil da população em situação de rua. Ou seja, a rua se tornou mais violenta, a droga se expandiu em várias regiões da periferia e em uma delas foi registrada a presença de grupos ligados ao tráfico que expulsam a população de rua tornando o local muito perigoso e de alto risco. Houve aumento de pessoas idosas e de jovens nas ruas e foi destacada a presença de mulheres com problemas de transtorno mental. O aumento de orientais, índios, bolivianos, haitianos e africanos em situação de rua, é outra mudança que tem sido observada no perfil dessa população.

Todos os pontos de moradores de rua foram registrados nos mapas de cada subprefeitura, com os símbolos indicativos das características do local, inclusive da presença de barracas que aparecem em várias regiões. Em cada distrito das subprefeituras foram identificados os pontos de atração de moradores de rua e as tendências mais observadas de migração de um local para outro, seja dentro do próprio distrito, seja entre distritos, o que foi registrado para orientar a elaboração dos roteiros de percurso dos entrevistadores do censo. Chamou atenção em algumas regiões, a informação de que as pessoas costumam migrar para o centro da cidade à noite e naquelas que não contam com nenhum serviço de acolhida, os moradores de rua são levados pela Cape para algum Centro de Acolhida em outro distrito. Em algumas regiões houve aumento da população em situação de rua em consequência das ações do poder público na área central provocando a ocupação de imóveis vazios ou deteriorados.

Das informações levantadas, observou-se que nos distritos Sé e República os moradores de rua concentram-se em numerosos pontos desse núcleo central. No centro expandido, a população ainda continua bastante numerosa, ocupando principalmente as áreas comerciais com pouco movimento noturno, as praças, estações de metrô e trem, e terminais de ônibus, além de trechos de grandes avenidas e baixos de viadutos. Saindo da área central, a concentração da população moradora de rua tende a diminuir quanto mais periférica a região, embora continue a reproduzir o mesmo padrão de ocupação dos logradouros da cidade.

Os agentes de abordagem mencionaram algumas áreas onde não há moradores de rua, mas pessoas que, frequentemente permanecem nas ruas durante o dia consumindo bebida alcoólica ou mesmo usando alguma droga ilícita e à noite, retornam às suas casas.

Todas as equipes de Seas trouxeram para a reunião, uma relação de endereços dos pontos de abordagem, com informações de pessoas encontradas e das características desses locais, para serem mapeados.

Para completar a elaboração do quadro de referência, foram incorporadas as informações prestadas por outros órgãos da Prefeitura que fazem algum tipo de atendimento às pessoas em situação de rua, uma vez que são contribuições importantes para a compreensão da dinâmica das ruas e para traçar as estratégias do trabalho de campo.

2.2 DEFINIÇÃO DOS DISTRITOS CENSITÁRIOS

2.2.1 Procedimentos Gerais

Todo levantamento censitário está sujeito a dois erros: sub enumeração – quando não se consegue identificar todos os elementos de uma população – e sobre enumeração – quando um mesmo elemento é contabilizado mais de uma vez. A população em situação de rua tem características que aumentam o risco de ocorrência desses erros:

- a) **Identificação** - Trata-se, pela própria definição da população a ser recenseada, de um grupo de pessoas que não tem endereço fixo podendo ser confundido com estratos mais pobres da população do município. É preciso salientar que a falta de moradia não é, muitas vezes, passível de observação direta, tornando necessária a realização de abordagem para a correta identificação de um transeunte como morador de rua.
- b) **Mobilidade** – O fato de não ter residência fixa faz com que parte dessa população se movimente pela cidade, o que pode levar tanto a sub como a sobre enumeração. A mobilidade é mais intensa durante o período diurno, no qual o morador está à procura de condições que garantam sua subsistência. Esta característica exige que o trabalho de campo seja feito rapidamente, a fim de evitar um efeito negativo da mobilidade sobre os resultados finais.
- c) **Estratégias de pernoite** – Parte da população alterna diferentes estratégias de pernoite. É possível que uma pessoa em situação de rua, por exemplo, faça utilização eventual de abrigos e pensões.

Além disso, deve-se levar em conta que o município de São Paulo tem uma área de mais de 1,5 mil km², com cerca de 17 mil quilômetros de ruas (dados de 2008⁴), divididas em 96 distritos municipais. A extensão da área e a necessidade de uma rápida execução do trabalho de campo constituem um desafio importante para a realização do trabalho de campo. Sua realização num único momento em todo o município traria problemas em relação à constituição e treinamento da equipe de campo, com reflexos negativos sobre o controle da qualidade final do trabalho. A organização do trabalho de campo em mais de um dia foi adotada nas pesquisas realizadas no município na última década, sendo também

⁴ <http://www.cetsp.com.br/media/56369/btcetsp44.pdf>

comum em pesquisas internacionais⁵. Desse modo, o município será dividido em grandes áreas – distritos censitários – e cada uma dessas áreas será recenseada numa única noite.

Buscando minimizar problemas decorrentes da dificuldade de identificação e da mobilidade da população, decidiu-se por realizar a pesquisa no período noturno. Nesse período há uma redução no número de pessoas circulando pela cidade e os moradores em situação de rua, em geral, estão em seus locais de pernoite, facilitando sua identificação e minimizando o risco de sub ou sobre enumeração.

A fim de contornar problemas advindos da diversificada estratégia de pernoite da população em situação de rua, os abrigos e demais locais de pernoite previamente identificados no sistema de referência, localizados num distrito censitário, foram recenseados na mesma noite em que a pesquisa foi realizada no distrito.

2.2.2 Distritos censitários

O município foi dividido em nove distritos censitários. A definição de seus limites segue os mesmos critérios dos recenseamentos realizados em 2000 e 2009, a saber:

- a) Que tenham tamanho suficiente para que o trabalho de campo seja concluído numa única noite;
- b) Que os limites dos distritos levem em conta o padrão de deslocamento dessa população no município. Os limites dos distritos, sempre que possível, serão barreiras naturais que dificultem a circulação de moradores de rua: estradas de ferro, grandes vazios, rios e grandes avenidas, por exemplo.
- c) Preferencialmente, que cada distrito municipal esteja contido num mesmo distrito censitário, desde que não sejam violadas as condições (a) e (b).

⁵ Ver, por exemplo, Glasser, I., Hirsch, E. e Chan, A.Y. (2012). Reaching and enumerating homeless populations. American Statistical Association: *Proceedings of the Survey Methods for Hard to Reach Conference*.

A partir das informações levantadas até o momento da redação deste relatório, planeja-se utilizar a mesma definição de distritos censitários utilizada em 2009:

- **Distrito Censitário 1 (Norte 1):** Anhanguera, Perus, Jaraguá, Pirituba, São Domingos, Jaguara, Brasilândia, Freguesia do Ó, Cachoeirinha, Limão, Casa Verde, parte norte de Mandaqui, Tremembé e Jaçanã;
- **Distrito Censitário 2 (Norte 2):** Parte sul de Mandaqui, Tucuruvi, Santana, Vila Guilherme, Vila Maria e Vila Medeiros;
- **Distrito Censitário 3 (Sul/Oeste):** Vila Leopoldina, Lapa, Barra Funda, Perdizes, Alto de Pinheiros, Pinheiros, Jardim Paulista, Itaim Bibi, Moema, Vila Mariana, Saúde e parte norte do Jabaquara,
- **Distrito Censitário 4 (Sul):** Campo Belo, Santo Amaro, Campo Grande, Cidade Ademar, Pedreira, parte sul de Jabaquara, Socorro, Jardim São Luís, Jardim Ângela, Cidade Dutra, Grajaú, Parelheiros e Marsilac;
- **Distrito Censitário 5 (Oeste/Sudeste):** Jaguaré, Rio Pequeno, Raposo Tavares, Butantã, Vila Sônia, Morumbi, Vila Andrade, Campo Limpo, Capão Redondo, Cursino, Sacomã, Ipiranga, Vila Prudente, Sapopemba e São Lucas;
- **Distrito Censitário 6 (Centro/Leste):** Pari Brás, Belém, Mooca, Tatuapé, Água Rasa, Carrão, Vila Formosa, Aricanduva, Cidade Líder, São Mateus, Parque do Carmo, São Rafael e Iguatemi;
- **Distrito Censitário 7 (Leste):** Cangaíba, Penha, Vila Matilde, Ermelino Matarazzo, Ponte Rasa, Artur Alvim, Vila Jacuí, Itaquera, São Miguel, Jardim Helena, Vila Curuçá, Itaim Paulista, José Bonifácio, Lajeado, Guaianases e Cidade Tiradentes;
- **Distrito Censitário 8 (Centro):** Santa Cecília, Bom Retiro, Consolação, Bela Vista, Liberdade e Cambuci;
- **Distrito Censitário 9 (Centro Histórico):** Sé e República;

Novas informações sobre alterações no comportamento da população de rua podem levar a alterações nessa definição.

2.3 ELABORAÇÃO DOS MAPAS E ROTEIROS

Para viabilizar o trabalho de campo, os distritos censitários foram divididos em áreas menores, chamadas setores censitários, com tamanho adequado para serem percorridos em uma única noite pelas equipes de campo. Para cada um desses setores foi elaborado um mapa e um roteiro com o objetivo de orientar o trabalho dos pesquisadores, de modo a assegurar a cobertura da área recenseada e a identificação de todos os seus moradores de rua.

A elaboração dos mapas e roteiros constitui atividade complexa e requer cuidado especial visando garantir que as áreas a serem percorridas sejam de fato as de maior atração para os moradores de rua e usualmente procuradas para o pernoite.

Para a elaboração dos roteiros a Fipe partiu da constatação, obtida pelos dados de levantamentos anteriores, de que a distribuição espacial dos moradores de rua tem como referência alguns polos de atração tais como: áreas com predominância de comércio e serviços, grandes avenidas, viadutos, praças, estações de metrô, rodoviárias, depósitos, equipamentos e serviços a eles destinados, igrejas e outros mais.

Para a atualização desse *background* foram fundamentais as informações consolidadas no quadro de referência. Essas informações referem-se à distribuição espacial dos moradores de rua, a dinâmica de seus deslocamentos, as características urbanas das áreas de maior concentração, além da identificação dos locais que requerem maior atenção quanto à segurança dos pesquisadores, pela presença de atividades ilícitas e de risco.

A participação das equipes de SAS e os agentes do Serviço Especial de Abordagem Social/Seas foi de grande validade. Por meio de reuniões com os técnicos de cada uma das regionais de SAS, foram levantados os principais pontos de atração de moradores, as tendências mais observadas de deslocamento espacial, locais de consumo de droga ilícitas e

com presença de barracas. Essas informações foram incorporadas aos mapas e roteiros dos setores censitários.

A equipe da Fipe ampliou a pesquisa sobre locais com indícios de presença de moradores de rua com a utilização do *Street View* do *Google*. Foi realizada uma pesquisa sistemática em todas as regiões da cidade, de locais como grandes avenidas, baixos de viadutos, canteiros centrais, estações ferroviárias e de metrô, além do entorno de grandes equipamentos urbanos. Como resultado dessa pesquisa, foram adicionados aos mapas e roteiros vários endereços que foram percorridos pelos pesquisadores.

Cabe destacar ainda a utilização de informações divulgadas na imprensa diária a respeito da localização de agrupamentos de população de rua em situações relacionadas ao consumo de drogas ilícitas. Uma dessas publicações trouxe a indicação de 30 locais caracterizados como concentrações de população de rua e de consumo de drogas,⁶ Esses locais foram mapeados pela equipe da Fipe, verificando-se que alguns, principalmente os localizados em áreas mais centrais, já constavam dos roteiros. Outros que não constavam foram analisados e incluídos desde que atendessem aos critérios definidos no planejamento do censo.

Os mapas definem a área e os limites de cada setor e incluem um conjunto de informações relevantes para a identificação dos pontos onde os moradores de rua puderam ser encontrados. Os Mapas trazem a indicação dos limites do setor e a indicação dos logradouros a serem percorridos, conforme determinações do roteiro. Os mapas foram elaborados com o emprego da base cartográfica municipal disponibilizada por SAS. Foram utilizadas algumas feições urbanas tais como a malha viária e a hidrográfica, fundamentais para a definição dos limites de cada setor por se constituírem, muitas vezes, em barreiras ao deslocamento dos que vivem nas ruas. Sobre essa base foram georreferenciadas informações significativas para o trabalho de campo, entre as quais se destacam:

- Limites do setor, que devem ser respeitados para evitar o risco de sobre enumeração;

⁶ Folha de São Paulo, 03/03/2015. Cracolâncias crescem fora do centro de SP e viram favelinhas.

- Pontos de atração da população em situação de rua (identificados na construção do quadro de referência);
- Equipamentos urbanos como hospitais, postos de saúde, escolas, mercados e sacolões, cemitérios, entre outros;
- Terminais de transporte público como estações de metrô, de trens e de ônibus;
- Áreas definidas como centralidades polares, que concentram o comércio e serviços locais, e que deveriam ser sempre exploradas pelas equipes.

É conhecido o fato de que a população em situação de rua tende a se concentrar em áreas de intensa circulação de pessoas durante o dia e que se esvaziam à noite. Em geral são grandes centros de atividades comerciais e de serviços que dispõem de variedade maior de recursos passíveis de serem utilizados pelos moradores de rua, para atender suas necessidades de sobrevivência e segurança.

Numa cidade das dimensões de São Paulo, esse padrão espacial se reproduz em suas diversas regiões, de modo que cada subprefeitura dispõe de seus centros regionais de atração, que foram identificados e tiveram grande peso na elaboração dos roteiros.

Os mapas e roteiros refletem também a densidade de pontos de atração e a quantidade esperada de moradores em situação de rua em cada região. Nas áreas com alta densidade de pontos de atração ou com expectativa de numerosa população de rua, foi indicada a necessidade de varredura de todos os logradouros, que foram percorridos a pé pelas equipes de campo. Por outro lado, nas áreas com alta dispersão de pontos de atração os roteiros indicaram que o percurso deveria ser feito com o apoio de um veículo, que deveria trafegar em baixa velocidade para que a equipe de campo pudesse identificar pontos com moradores ou vestígios de sua presença na rua. Nesse momento, o supervisor determinava a parada do veículo para que a equipe realizasse, a pé, a exploração do local.

O percurso totalmente a pé foi utilizado em todos os roteiros dos Distritos Censitário 9, que envolve os distritos municipais Sé e República. Nos demais distritos censitários foi

utilizada a combinação das duas estratégias de cobertura da área a ser pesquisada, com maiores percursos a pé, nos pontos mais densos.

Além de percorrer a totalidade do roteiro previamente definido, os pesquisadores foram orientados a fazer a busca ativa de moradores em situação de rua. Sempre que possível, perguntaram aos moradores abordados, a comerciantes e a transeuntes, se conheciam outros locais onde pudessem encontrar pessoas em situação de rua.

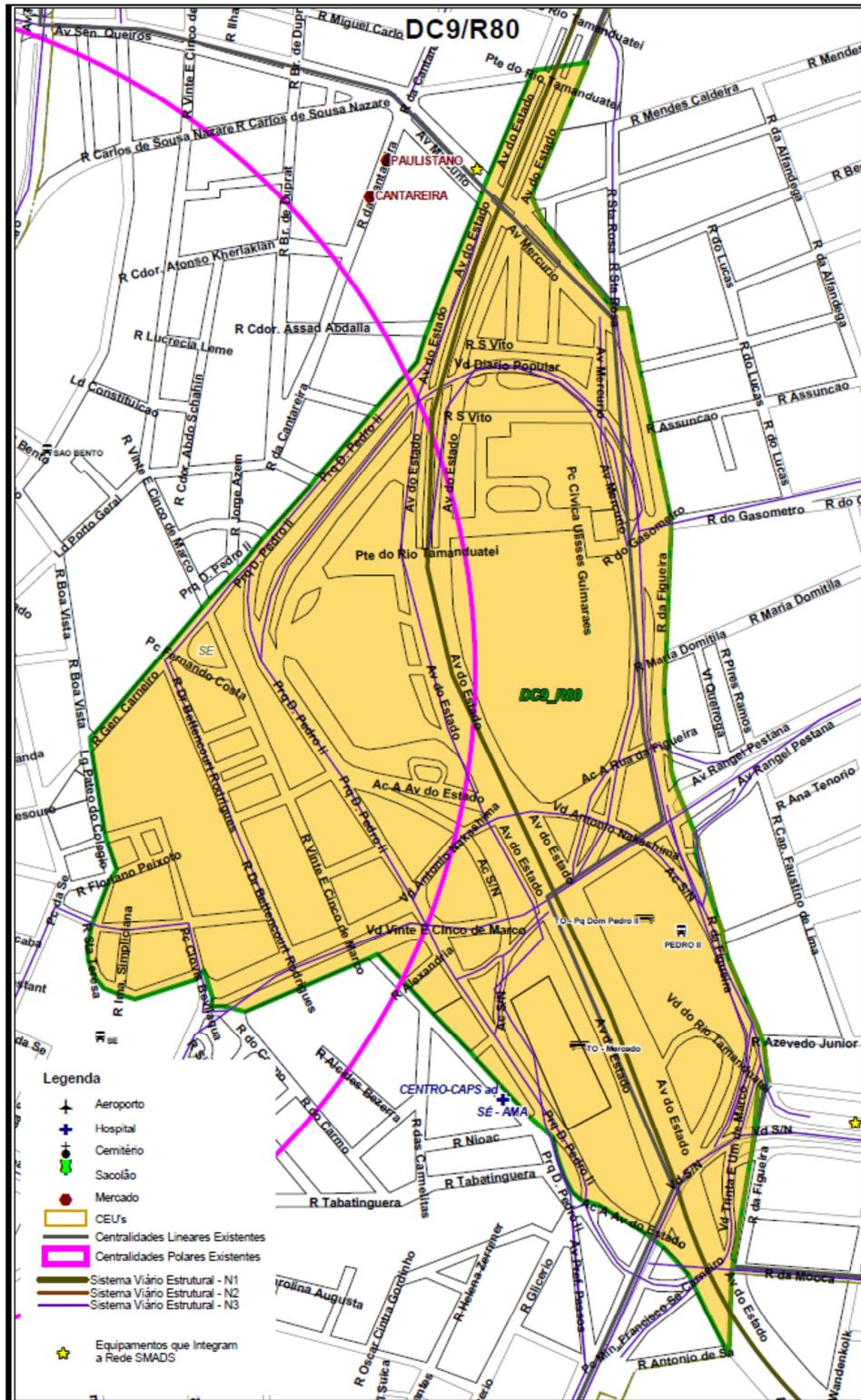
A elaboração dos roteiros levou em conta que, além de todas as demandas acima apontadas para identificar a presença de moradores de rua, cada setor censitário teria de ser percorrido em apenas uma noite.

Esses aspectos requerem roteiros com clareza na descrição do percurso de modo a favorecer o máximo de agilidade ao trabalho das equipes de campo. Uma questão delicada da elaboração dos roteiros foi justamente garantir que todas as ruas e avenidas a serem percorridas estivessem indicadas conforme os sentidos de direção permitidos, além dos acessos possíveis aos baixos das pontes e viadutos a serem explorados. Para tanto foram utilizados os recursos de aplicativos disponíveis na rede digital, que indicam a direção do tráfego de vias, além de fornecer uma visão das características da ocupação urbana nas diversas regiões da cidade.

Como exemplos, seguem dois roteiros:

Distrito Censitário 9 (DC9) R80 – Distrito Sé. Neste roteiro, como todo dos do DC9 , foi feita a varredura de todos os logradouros, motivo pelo qual não há uma descrição das ruas a serem percorridas. O supervisor foi orientado por onde iniciar e terminar o percurso.

Distrito Censitário 3 (DC3) R328 Distrito Jabaquara. O mapa desse roteiro é formado por 16 folhas A4. Para o trabalho de campo o mapa foi montado com as folhas impressas.



Roteiro 328

Van

BASE: CRAS Ipiranga

INÍCIO: Terminal Jabaquara

Todos saem do ponto Terminal Jabaquara, seguir pela Av. Francisco de Paula Quintanilha Ribeiro e explorar a Pça. Engº Haim Vaidergom.

Seguir pela R. Cruz das Almas e entrar à direita na Av. Engº George Corbisier.

Explorar a Pça Acássio Ramos.

Seguir pela Av. Engº George Corbisier, virar à direita na Av. General Valdomiro de Lima e deixar as duplas no cruzamento com a Av. Eng. Armando de Arruda Pereira. (VER PARTES A E B- A PÉ DO ROTEIRO)

Voltar e continuar seguindo na Av. General Valdomiro de Lima até o fim e virar à esquerda na Rua das Oiticicas. Virar à direita na Rua Turunans e logo em seguida virar à direita na Praça Nicolau Weber, e depois, à direita na Rua Taquarucu e à direita na Rua das Oiticicas. Logo em seguida entrar à esquerda na Av. General Valdomiro de Lima, e entrar à primeira esquerda na Rua das Aroeiras, seguindo por ela até a rotatória e entrar na Av. Dr. Luis Rocha Miranda. Seguir por ela e entrar à esquerda na Av. Engº Armando Arruda Pereira.

Virar à esquerda na Rua Mina de Ouro, contornar a Praça Hachiro Miyazaki e entrar na Rua Barros Brotero. Virar à direita na Av. Pedro Bueno, à direita na Av. Eng. Armando de Arruda Pereira e logo em seguida, à esquerda na Rua Miguel Hernandez. Depois, virar à direita na Praça Whitaker Penteado, e novamente à direita na Rua Caviana. Em seguida, virar à esquerda na Av. Pedro Severino e explorar a Pça e os baixos do Viaduto Delmanto.

Seguir à direita pela travessa Mexeana.

Seguir pela direita à R. Soares de Avelar, explorar a Pça. Professor Orlando Gomes. Seguir pela R. Soares de Avelar e continuar pela R. Eduardo Pereira. Virar à direita na Rua

Diederichsen e pegar as duplas na praça Francisco Sampaio Viana. Voltar pela Rua Diederichsen e virar à direita na Rua Eduardo Pereira.

Entrar à direita na R. Simão da Mata e à esquerda na R. Elza Fagundes.

Explorar a Pça Ana Rosa Tardochi de Andrade.

Seguir pela Av. Leonardo D´Vince e explorar a Pça. Vitor Godinho.

Seguir pela Av. Leonardo D´Vince e entrar à esquerda na Av. Lino de Almeida Pires.

Explorar a Pça. do Jabuti mirim e seguir por essa Avenida.

Explorar a Praça Santa Adelaide.

Seguir pela R. Lussanvira e explorar a Pça Juan Gris e entrar à direita na R. Bicudo de Brito e explorar a Praça Padre Angelo Salandra.

Seguir pela R. Bicudo de Brito e entrar à direita na R. São Venceslau. Explorar a Praça Nova América.

Retornar ao Terminal Jabaquara para pegar as duplas restantes.

FIM

A PÉ – PARTE A

Virar à direita na Av. Engº Armando de Arruda Pereira e seguir por esta avenida até o terminal Rodoviário Jabaquara. Explorar todas as vias do entorno do Terminal Intermunicipal do Jabaquara, Terminal Metropolitano Jabaquara, da Estação do Metrô do Jabaquara e terminal Rodoviário Jabaquara e as seguintes ruas:

Av. dos Jequitibás

Pça Padre José Conceição Meireles

R. Dos Jatobás (inteira)

R. Dos Buritis entra na R. Forjalas Koralcho e a R. Dos Guimixamas

R. Farjalla Koralcho

R. Das Perobas

R. Cassuarinos

Av. Afrânio de Melo Franco

R. Dos Guimixamas (entre o terminal Rodoviário até a R. Dos Buritis)

R. Joaquim Mosqueira

R. Dos Jornalistas

R. Nelson Fernandes (inteira)

R. 11 de Fevereiro

Pça José Luz

Praça 20 de Setembro

R. Getúlio Vargas (inteira)

Explorar os baixos do Viaduto Mateus Torlone (Rodovia dos Imigrantes)

R. Jaguarao

R. Anita Costa

R. Gen. Manoel Vargas

R. Santo Estácio

R. Campo Bom

Pça. Dácio Pires Correia

R. Tuparai

R. dos Comerciários, voltar para o Terminal Rodoviário Jabaquara.

FIM

A PÉ – PARTE B

Virar à esquerda na Av. Eng. Armando de Arruda Pereira, seguir por ela e explorar a Praça Seicho Noie. Do outro lado da Av. Eng. Armando de Arruda Pereira, explorar a Praça Barão de Japurá e voltar para a Av. Eng. Armando de Arruda Pereira. Explorar o acesso à estação Conceição de Metrô e continuar seguindo pela Av. Eng. Armando de Arruda Pereira até o cruzamento com a rua Guatapara.

Virar à esquerda e explorar a Praça Egydio de Souza Aranha e seguir pela Rua dos Camaubeiros. Voltar para a Av. Dr. Hugo Beochi, entrar à direita na Rua Guatapara, passar pela praça Guageru e seguir pela Av. do Café. Virar à direita na Av. Diederichsen e seguir até a Praça Francisco Sampaio Viana.

FIM

2.4 MONTAGEM DO BANCO DE DADOS E TESTES DE CONSISTÊNCIA

As fichas preenchidas foram codificadas e posteriormente convertidas em arquivos de dados. Foram criados bancos de dados para as informações coletadas na ficha de pontos, na ficha de moradores e na ficha de acolhidos.

Após a digitação, os arquivos passaram por uma primeira fase de consistência eletrônica, na qual se buscava erros de digitação e codificação. Nesta fase, foi dada especial atenção aos limites de cada variável (por exemplo, a variável sexo admitia apenas respostas 1, 2 ou 3) e aos valores ausentes. Sempre que necessário, recorria-se às fichas preenchidas para sanar dúvidas.

A segunda etapa de consistência eletrônica buscava identificar e corrigir erros lógicos nas respostas. Por exemplo:

- a pergunta sobre o número de filhos deveria ter sido feita apenas para as mulheres, no entanto, seja por erro de preenchimento, codificação ou digitação, houve casos de homens que tiveram essa pergunta preenchida.

- na ficha de ponto, perguntava-se sobre a presença de crianças/adolescentes. Houve situações em que o registro da ficha indicava a inexistência desse grupo, mas nas fichas de moradores apareciam crianças/adolescentes.

- o número de fichas de moradores deveria ser igual ao número de moradores identificados na ficha de ponto.

Assim como no caso anterior, sempre que necessário, recorria-se às fichas preenchidas para sanar dúvidas.

3. SELEÇÃO E TREINAMENTOS DOS PESQUISADORES

O censo da população em situação de rua requer um grande número de pesquisadores para cobrir o levantamento, tanto nos logradouros da cidade quanto nos Centros de Acolhida que oferecem pernoite a essas pessoas. Os trajetos a serem percorridos pelas equipes de campo, bem como a estimativa do tempo de duração de cada entrevista durante a realização do pré-teste dos instrumentais, serviram de parâmetro para dimensionar a quantidade necessária de recenseadores.

O censo de rua é realizado sempre em dupla de pesquisadores, no período noturno, quando os serviços de acolhimento da população já realizaram o processo de admissão e quando a população que pernoita em logradouros já está se acomodando para dormir. As equipes iniciam o trabalho de campo em torno das 22 horas.

O trabalho compreende o percurso de um roteiro⁷, por equipe, durante o qual os pesquisadores aplicam duas fichas: a do ponto, descrevendo o local onde o morador de rua é encontrado, e uma segunda ficha, que contabiliza o número de pessoas encontradas e algumas características pessoais. O trabalho é finalizado quando todo o roteiro tiver sido percorrido, podendo chegar até às 5 horas da manhã. Para o censo de rua, foram selecionadas 10 equipes de campo, cada uma composta por um supervisor e 10 pesquisadores.

⁷ A descrição da construção desses roteiros encontra-se na parte II.

No caso dos Centros de Acolhida, não se aplica a ficha do ponto e não há necessidade de dupla de pesquisadores. O censo é realizado a partir do horário de abertura dos serviços às 16h00, estendendo-se até o final, às 22h00, quando não é mais admitida a entrada de moradores, a não ser em casos excepcionais previstos nas regras da instituição. A capacidade de atendimento de cada Centro de Acolhida serviu de parâmetro para definir o número de pesquisadores em cada serviço. Para garantir a cobertura do conjunto de Centros de Acolhida, foram necessários 50 pesquisadores e quatro supervisores.

3.1 SELEÇÃO DOS PESQUISADORES

Tendo em vista a necessidade de selecionar um grande número de recenseadores, a Fipe divulgou em seu site, um edital para inscrição de pesquisadores para o censo, oferecendo igual oportunidade a todos os interessados. O edital informava o perfil exigido dos pesquisadores, as condições e horário de trabalho, o valor a ser pago por noite e o período de inscrição, além de solicitar o preenchimento de uma ficha de inscrição e o envio de um currículo atualizado e resumido, contendo escolaridade e experiência profissional.

O edital foi publicado no dia 6 de janeiro de 2015 e ficou no ar até o dia 24 de janeiro, data de encerramento das inscrições. Nesse período inscreveram-se mais de 800 candidatos, cujos currículos e fichas de inscrição foram avaliados com base nos critérios de seleção estabelecidos pela equipe de planejamento. Foram excluídos os candidatos residentes em municípios fora da Grande São Paulo e aqueles que enviaram somente a ficha de inscrição ou somente o currículo. Não foram selecionados os candidatos sem a qualificação mínima necessária e aqueles com uma qualificação muito superior às exigidas pelo tipo de trabalho.

Pelo critério estabelecido, os primeiros selecionados foram os candidatos com experiência de trabalho com população em situação de rua e experiência de pesquisa de campo. Na sequência, os que tinham somente uma dessas experiências e por último, pessoas sem experiência profissional, porém, com estágios na área social e que apresentavam um bom potencial para o trabalho. Isso possibilitou a formação de duplas de recenseadores de rua que complementassem suas experiências e conhecimentos.

A lista dos selecionados foi publicada no dia 29 de janeiro de 2015, já separando o grupo de pesquisadores de rua e o grupo de pesquisadores dos Centros de Acolhida, com definição de local e hora para o primeiro treinamento teórico e teste de campo, que correspondeu à segunda etapa da seleção. Convocou-se um total de 110 pesquisadores de rua e 77 de Centros de Acolhida, para assegurar o número necessário em caso de ausência ou de reprovação no teste de campo.

Depois do primeiro teste de campo, houve desistências e exclusão de alguns pesquisadores de rua e essas vagas foram preenchidas pelos pesquisadores selecionados para o censo dos Centros de Acolhida. Os pesquisadores selecionados assinaram o Termo de Compromisso, com a descrição das condições de trabalho oferecidas pela Fipe e as tarefas e responsabilidades dos recenseadores.

3.2 SELEÇÃO DOS SUPERVISORES DE CAMPO

Os supervisores de campo exercem uma função de extensão da equipe de planejamento, cabendo-lhes a responsabilidade de coordenar sua equipe de pesquisadores para a realização do censo, orientar sobre o roteiro a ser percorrido, esclarecer dúvidas sobre o preenchimento dos instrumentais, zelar pela segurança da equipe, contatar a base da coordenação central do campo e tomar decisões. Nesse sentido, a experiência de pesquisa de campo e com população em situação de rua, são aspectos importantes de sua qualificação, além de um perfil adequado para uma função que requer liderança e comando.

Para a seleção dos 10 supervisores das equipes de rua e dos 4 dos Centros de Acolhida foram contatados os profissionais com experiência nessa função e que já haviam trabalhado em censos anteriores realizados pela Fipe. Dentre os supervisores das equipes de rua, 4 foram escolhidos entre antigos pesquisadores com bastante conhecimento da população em situação de rua e de pesquisa de campo.

3.3 TREINAMENTO DOS SUPERVISORES DO CENSO DE MORADORES DE RUA

A etapa do treinamento de pessoal teve início com os supervisores de rua, uma vez que estes deveriam receber todas as informações e orientações gerais e específicas sobre o planejamento e a execução do censo para participarem, posteriormente, do treinamento dos pesquisadores.

Foram realizadas três sessões de treinamento com os supervisores, intercalando questões teóricas, práticas e estratégias de abordagem de campo em condições novas e mais difíceis como barracas e mocós.

Na primeira sessão houve a apresentação dos objetivos e procedimentos do censo. Foram ainda transmitidas e esclarecidas todas as informações sobre as condições de trabalho, horário, as bases de saída a campo, a base de apoio e monitoramento central, a forma de comunicação em caso de suspensão do campo devido à previsão de chuva ou eventos de grande mobilização de pessoas na cidade. Além disso, foi apresentado um panorama das condições atuais das ruas visando uma reflexão sobre as dificuldades que podem interferir no censo: a presença ostensiva do tráfico e consumo de drogas, o surgimento das barracas em vários pontos da cidade, os buracos e mocós que são citados pela imprensa, o aumento da violência, entre outras questões. Nesse dia foi comunicado aos supervisores que eles deveriam participar do treinamento teórico dos pesquisadores e fazer o acompanhamento de dois testes de campo para seleção final: o primeiro, para aplicação dos instrumentais e o segundo, para acompanhamento de um roteiro, simulando uma situação do dia do censo.

A coordenação solicitou aos supervisores que já haviam trabalhado em outros censos realizados pela Fipe um breve relato de experiência de dificuldades encontradas que deveriam ser socializadas no grupo em busca de formas de superação. Essas questões foram discutidas em uma segunda sessão, com uma participação ativa de todos, revelando-se muito importante, não só para os que estavam assumindo a supervisão pela primeira vez, como também pela possibilidade de uniformizar condutas e orientações aos pesquisadores em campo.

Ainda a título de treinamento, os supervisores fizeram um percurso em área com muita concentração de barracas, para observar o fluxo e comportamento da população, a presença do tráfico e de cenas de consumo de drogas, além de aplicar as fichas de campo com o objetivo de traçar uma estratégia de abordagem, principalmente junto àqueles que estivessem no interior das barracas. Depois dessa saída a campo, os supervisores retornaram para uma troca de experiência e para traçar orientações comuns aos pesquisadores que certamente enfrentariam a mesma situação em campo. Nesse mesmo dia estava programada a saída dos supervisores com suas respectivas equipes, para um segundo teste de campo com roteiros e mapas.

A partir dos pontos levantados no treinamento dos supervisores, foi elaborado um texto de orientação visando uniformizar a conduta em campo (Anexo I).

3.4 TREINAMENTO DOS SUPERVISORES DOS CENTROS DE ACOLHIDA

O treinamento dos supervisores dos Centros de Acolhida teve a finalidade de informá-los sobre o objetivo e a natureza do trabalho, cuja estratégia difere da adotada no censo de rua. As informações que lhes foram transmitidas pautaram-se nas visitas feitas pela equipe de planejamento a alguns dos grandes Centros de Acolhida e a outros serviços especiais como Família em Foco, Centro de Acolhida aos Imigrantes e Autonomia em Foco.

Foram transmitidas as condições e horário de início e término da contagem, bem como a forma de comunicação sobre a suspensão do campo por motivo de chuva ou outros eventos. A pesquisa nos Centros de Acolhida deve ocorrer no mesmo dia do censo de rua, no Distrito Censitário em que estão localizados esses serviços. A localização de todos esses Centros difere de região para região, havendo concentração em determinados dias de campo. Quatro supervisores de campo foram escolhidos, em função da distribuição espacial dos centros de acolhida e o número máximo de vagas em cada um deles.

A contagem nos centros de acolhida precede, pelo horário, o levantamento censitário na rua. Assim, estabeleceu-se que se, por ocorrência de chuvas, a contagem na rua for

suspensa após o recenseamento dos centros de acolhida, a contagem deverá ser repetida no dia em que ocorrer o recenseamento da rua.

Os supervisores receberam a informação do número dos Centros de Acolhida, distribuição espacial em suas diferentes modalidades. Foram consideradas, também, as possíveis dificuldades a enfrentar nos Centros em que o horário de entrada e saída é livre, ou naqueles em que há mais de uma porta de entrada.

Receberam também a informação de que deveriam participar do treinamento teórico dos pesquisadores e acompanhá-los a um Centro de Acolhida, para um teste de aplicação do instrumental.

3.5 TREINAMENTO DOS PESQUISADORES DE RUA

Os pesquisadores de rua foram divididos em dois grupos, para o treinamento teórico e teste de campo, realizados na SAS Sé, em espaço cedido por SMADS, nos dias 2 e 3 de fevereiro de 2015.

O treinamento teórico abordou os seguintes aspectos:

- Objetivos do trabalho: saber quantas são e onde estão as pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo. Caracterizar o local em que as pessoas foram encontradas e levantar algumas informações demográficas como idade, sexo e cor;
- Definição operacional de pessoas em situação de rua: aquelas que estão pernoitando em logradouros da cidade e aquelas que estão pernoitando nos Centros de Acolhida; a importância das questões filtro.
- Metodologia do censo: divisão da cidade em 9 distritos censitários com 83 roteiros que serão percorridos em 9 noites pelas 10 equipes de campo compostas por 1 supervisor e 10 pesquisadores, acompanhados de um segurança não armado e de uma pessoa indicada por SMADS, fazendo percursos de van e a pé;

- O trabalho de campo: horário das 22h00 até às 4 ou 5 horas da manhã, de segunda a quinta feira, sem chuva. Em dias com previsão de chuva o trabalho de campo é suspenso e as equipes são avisadas pelos respectivos supervisores, até às 18h30. A cada noite as equipes se encontram numa base localizada na região em que será feita a pesquisa e recebem o material de campo, os roteiros e mapas a percorrer e também as instruções que são passadas pelos supervisores. Ao final do trabalho, todos retornam às bases, onde termina o serviço das vans e dos seguranças;
- O preenchimento dos instrumentais de campo: as fichas do ponto e do morador foram distribuídas aos pesquisadores e as instruções foram passadas item por item, com a ficha projetada no telão. Todas as dúvidas foram esclarecidas e os pontos mais complicados, que se referem ao preenchimento do cabeçalho da ficha do ponto, foram devidamente retomados. Destacou-se ainda a necessidade de abrir tantas fichas de morador quantas forem as pessoas encontradas em um ponto, incluindo crianças, bebês e adolescentes. Na ficha do morador destacou-se a necessidade de identificar o morador de rua através das perguntas filtro, para evitar a contagem de pessoas que não são moradores de rua, ainda que aparentem ser; (Anexo II).
- Abordagem do morador de rua: enfatizou-se a necessidade do pesquisador ter uma atitude de respeito na forma de se aproximar e de se apresentar ao morador de rua. Observar sinais de presença de morador de rua, como papelão, roupas ou objetos no chão, ter agilidade no trabalho e busca ativa em todos os locais assinalados nos mapas e roteiros. Foram apontadas as dificuldade na abordagem de pessoas que estão dormindo profundamente, que estão sob efeito de álcool ou droga, que estão em barracas ou mocós e pessoas com aparente transtorno mental, indicando os procedimentos que devem adotar e, sobretudo, sempre se dirigirem ao supervisor diante de qualquer dúvida ou situação de risco. Nessas situações é importante registrar a quantidade de moradores e suas características aparentes.

Após o treinamento teórico os supervisores se apresentaram e falaram brevemente de suas experiências reforçando a necessidade de cooperação e solidariedade dos pesquisadores na própria equipe e entre as equipes, sobretudo pela natureza do trabalho a ser realizado.

Para o teste de campo, cada supervisor saiu com uma equipe de 5 a 6 duplas que deveriam aplicar tanto a ficha de ponto quanto a de morador.

Em reunião marcada posteriormente os supervisores se reuniram com a equipe de planejamento para avaliação do teste de campo.

No dia 10 de fevereiro houve uma segunda saída a campo dos pesquisadores com os respectivos supervisores, para um percurso baseado em roteiro e mapa, como forma de simular uma situação real de pesquisa em que a busca ativa do morador deveria ser colocada em prática.

3.6 TREINAMENTO DOS PESQUISADORES DOS CENTROS DE ACOLHIDA

Os pesquisadores dos Centros de Acolhida foram divididos em dois grupos para o treinamento teórico e teste de campo, que foi realizado na SAS Sé, no dia 5 de fevereiro e na Fipe da Paulista, no dia 10 do mesmo mês.

O treinamento teórico abordou os mesmos aspectos contemplados no treinamento dos pesquisadores de rua em relação aos objetivos do trabalho e definição da população acrescida da metodologia específica do trabalho realizado nos serviços de acolhimento. Após o treinamento teórico, os supervisores se apresentaram e falaram brevemente de suas experiências e as características dos serviços.

Para o teste de campo, os supervisores se dirigiram com o grupo de pesquisadores para um serviço de acolhida próximo, previamente agendado, para realização do pré-teste. Os centros de acolhida foram o CA Prates e o CA Ligia Jardim.

Em data posterior ao teste, os supervisores se reuniram com a equipe de coordenação, para avaliação do teste de campo e seleção final dos pesquisadores.

Aos pesquisadores selecionados, foram apresentadas informações sobre a rede de atendimento de SMADS, nas suas diferentes modalidades, e a forma como seria realizado o trabalho de campo nos serviços.

- As características da rede: são 72 serviços de acolhimento conveniados com capacidade de atendimento de aproximadamente 9 mil pessoas. Os serviços são de porte diferente, com públicos diferentes: apenas homens, homens e mulheres, idosos, famílias, etc. e com tipos de serviços diferentes: CA, CAE, Repúblicas.

- Trabalho de campo nos serviços:

O trabalho de cada dia é realizado nos centros de acolhida localizados no Distrito censitário onde estará ocorrendo a pesquisa na rua.

Cada pesquisador receberá previamente o local do serviço para onde deverá se dirigir com as seguintes informações: nome do serviço, endereço, telefone, nome do responsável e tipo de serviço e também o dia e horário que deverá chegar no local. O trabalho começa entre 16h30 e 17h e termina, aproximadamente, às 23h.

Nos centros de acolhida de maior porte, as equipes contarão com supervisores do trabalho que terão a função de organizar as equipes nesses centros e acompanhar o trabalho até seu final.

4. EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO

A execução do trabalho de campo do levantamento censitário é realizada mediante a organização dos pesquisadores e supervisores por locais de partida das equipes, denominadas “bases”. Para cada um dos 9 distritos censitários foram definidos os locais das bases, sempre em espaços da serviços SMADS. A definição desses locais seguiu o critério de localização, procurando minimizar distâncias para o deslocamento das equipes, dados os roteiros a serem percorridos. Em alguns distritos censitários, em função da extensão e diversidade das áreas a serem percorridas foram definidas duas bases, dividindo as equipes de campo entre elas.

O trabalho de campo contou, todas as noites, com equipe de apoio aos supervisores, localizada nas dependências da Fipe. A equipe de apoio dispõe dos mapas e roteiros a serem percorridos e tem por função, orientar os supervisores quanto a eventuais dificuldades e imprevistos no campo. Como responsável pela equipe de apoio foi selecionado pesquisador com larga experiência de campo e que, ademais, participou dos censos de população de rua já realizados pela Fipe. O contato dos supervisores com a equipe de apoio é feito por telefone.

4.1 EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO, RUA

Para a execução do trabalho de campo, os pesquisadores são avisados quanto aos locais em que devem estar presentes às 20h00, para receberem dos respectivos supervisores, o material de campo e as orientações sobre os mapas e roteiros a percorrer. São analisados os percursos de van e a pé, atentando para o ponto de início e de final do roteiro e os locais que poderiam oferecer maior risco ou outras dificuldades.

Cada equipe é composta por 5 duplas de pesquisadores, preferencialmente um homem e uma mulher. Contudo, o maior número de mulheres selecionadas levou a formar duplas femininas em algumas equipes. Os supervisores e seguranças ficam atentos a essa situação.

Todas as duplas dispõem de telefone celular, para contato com os supervisores e demais componentes da equipe. Foram orientados a tentar acordar os moradores, para evitar um grande número de fichas sem a informação do morador, mas sem ultrapassar o limite da conveniência. Foram tomadas as necessárias precauções, instruindo os pesquisadores para que não tocassem na parte superior do morador que estivesse dormindo, mas apenas nos pés, ou fazendo algum barulho com a prancheta e a caneta.

Situações difíceis, como moradores em barracas, pessoas consumindo e traficando drogas, pessoas alcoolizadas ou perturbadas foram encontradas, mas como os supervisores já tinham feito um teste de campo em áreas com esses problemas, souberam orientar os

pesquisadores quanto à forma de proceder e de abordar, sem que se expusessem desnecessariamente a qualquer risco.

A equipe de apoio contatava os supervisores de forma sistemática para monitorar o percurso a ser realizado, quanto ainda estava faltando a percorrer e registrar nos mapas. Os supervisores só podiam deixar o campo, quando a equipe de apoio autorizasse o encerramento do campo e retorno à base.

Um dos critérios estabelecidos foi a colaboração entre equipes. Ou seja, em função das diferentes extensões e dificuldades dos roteiros, algumas equipes terminavam mais cedo que as demais. Nesses casos, a equipe de apoio articulava as equipes, procurando atender solicitação dos supervisores quanto à ajuda de outras equipes.

Em cada noite, os supervisores se reuniam com suas equipes para uma avaliação do trabalho do dia anterior, fazendo as observações sobre erros no preenchimento das fichas e sobre eventuais comportamentos inadequados em campo ou na forma de abordagem.

O trabalho de campo teve início no dia 23 de fevereiro de 2015, começando pelo DC1 que em função da localização das áreas a percorrer, contou com duas bases, uma no Jaçanã que sediou duas equipes e outra na Freguesia do Ó, com 8 equipes. Neste dia, avaliou-se que os motoristas e seguranças poderiam chegar às bases às 21h00 e os pesquisadores às 20h30, considerando que a saída para o campo nunca seria antes das 21h30.

Depois da realização do DC2, Vila Maria Guilherme no segundo dia de campo, conforme estava previsto, a programação subsequente foi alterada em função das chuvas que se prolongariam até o dia 1º de março, de acordo com a CGE. A possibilidade de realizar o censo na área central e no seu entorno em dois dias consecutivos, conforme previsto na metodologia de campo, levou a antecipar os roteiros DC9 – Sé e República e o DC8 – Coroa Central, para os dias 2 e 3 de março. Esses dois dias foram os mais pesados da programação de campo porque abrangeu a área da cracolândia e o trabalho se estendeu até depois das 5 da manhã em alguns roteiros.

Na sequência, foi realizado o campo do DC 6 que abrange a região centro leste, Pari e Mooca, contigua à coroa central e no dia seguinte, o DC5 que estava dividido em duas bases: Vila Prudente e Butantã.

A informação do CGE de que a chuva cessaria na noite do dia 10, levou à decisão de realizar o campo no DC3, região de Vila Mariana e Pinheiros, também com duas bases. Porém, a previsão falhou e durante o levantamento de campo choveu em vários pontos, comprometendo o trabalho desse DC3.

A repetida suspensão dos trabalhos de campo em função das chuvas impossibilitou a realização do censo no período planejado e os três distritos que ainda deveriam ser recenseados foram prorrogados para a semana seguinte, quando as chuvas cessariam, segundo previsões da CGE. Do dia 10 a 23 de março, o campo foi suspenso por falta de condições climáticas e só recomeçou no dia 24, quando o DC3 foi refeito. No dia 25 o censo foi realizado no DC 4, Santo Amaro e no dia 26 de março foi realizado o DC 7, na região leste, encerrando o trabalho de campo.

Conforme já mencionado, durante a fase de treinamento dos supervisores de campo, uma das atividades de campo foi o reconhecimento das áreas com barracas, mocós e de grande fluxo de moradores de rua, para definirem uma estratégia comum de abordagem nesses locais que seriam encontrados pelos pesquisadores durante o censo. Na saída a campo, os supervisores encontraram muitas áreas da cidade com barracas, onde testaram formas de abordagem, da mesma forma que encontraram vários locais com grande concentração de moradores de rua, cenas de consumo e de venda de drogas. No entanto, vários supervisores ouviram relatos de intervenções da PM e da GCM, coincidindo com o início do censo. Essas intervenções, principalmente no censo na área central e seu entorno, dispersou a população, principalmente nos baixos do viaduto Glicério e proximidades. Em alguns locais, o número de moradores de rua era bem menor que o encontrado quando dos pré testes e reconhecimento das áreas, anterior ao início do censo.

Mesmo durante a realização do campo, alguns supervisores foram abordados por policiais que só permitiram a passagem da equipe pelo local, quando constatado que se tratava de pesquisadores da Fipe.

O aumento do consumo de drogas nas ruas chamou a atenção dos pesquisadores e supervisores que já haviam trabalhado em censos anteriores. Foram encontrados vários grupos de usuários e, ainda que fosse uma situação esperada, os supervisores se surpreenderam com a recorrência dessa situação em vários pontos da cidade.

A área que apresentou as maiores dificuldades foi a chamada Cracolândia, conforme já era esperado. A percepção de muitos supervisores e pesquisadores que já trabalharam em censos anteriores, é a de que o aumento dos usuários de droga e a presença ostensiva de alguns traficantes tornam as condições de recenseamento da população moradora de rua mais difícil.

4.2 EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO, ACOLHIDOS

Para organização do trabalho de campo foi produzida uma planilha para cada Distrito censitário com a distribuição de serviços, supervisores e pesquisadores que seriam pesquisados no dia com as seguintes informações:

- Serviços constantes do DC com: nome, nº, capacidade e público atendido, endereço, telefone, responsável pelo serviço e horário de início de atendimento
- Pesquisadores designados para a pesquisa em cada serviço com: nº, nome e telefone
- Supervisores designados como responsáveis para cada serviço com: nº e nome

O número de pesquisadores alocados em cada serviço dependeu da capacidade de atendimento de cada um deles. Em cada dia de pesquisa era diferente o nº de pesquisadores necessários uma vez que o número de serviços de cada DC era bastante variado, o que exigiu um cuidado especial na estratégia do campo, distribuição de supervisores e material. Nos dias em que não houve pesquisa por causa da chuva toda a programação prevista teve

que ser adiada para os dias subsequentes interferindo na programação dos dias posteriores. Desta forma trabalhou-se sempre com a ideia de data provável.

Na pesquisa do DC 4 o trabalho de campo foi realizado nos serviços, mas não na rua, por causa de uma chuva inesperada, o que obrigou a uma reprogramação para nova contagem nos serviços, no dia em que o trabalho da rua fosse realizado. Isso ocorreu no dia 25 de março, mas foi realizada apenas a contagem dos acolhidos, sem fazer a abordagem.

No dia 10 de março, foi realizado o censo nos serviços do DC3, porém, as chuvas no período da noite, impediram o censo de rua. Dessa forma, nesse DC também foi realizada a contagem dos acolhidos sem a abordagem no dia 24 de março.

PARTE II: RESULTADOS

1. NÚMERO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO E SUA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

1.1 NÚMERO DE PESSOAS NA CIDADE

Entre 23 de Fevereiro e 26 de Março de 2015, o levantamento censitário contou 15.905 pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo. Desse total, 8.570 pessoas encontravam-se nos serviços de atendimento a essa população, aqui denominados “acolhidos”, e 7.335 foram recenseadas nas ruas e demais espaços públicos da cidade, denominados “moradores de rua”.

A interpretação desse resultado pode ser feita, primeiramente, comparando-os com os números encontrados nos recenseamentos anteriores. A comparação com os dados anteriores possibilita avaliar a trajetória dessa população, ao longo do tempo.

Tabela 1.1 - Número de pessoas em situação de rua, 2000, 2009, 2011 e 2015

Ano	2000	2009	2011	2015
Total	8.706	13.666	14.478	15.905

A tabela 1.1 mostra que, em números absolutos, a população na cidade cresceu continuamente entre 2000 e 2015. Na verdade, entre 2000 e 2015, quase dobrou: a variação no período foi de 82,7%.

Tabela 1.2 - Total de pessoas em situação de rua, Acolhidos e Moradores de Rua, 2000, 2009, 2011 e 2015

Ano	Moradores de Rua	Acolhidos	Pessoas em Situação e Rua
2000	5013	3693	8706
2009	6587	7079	13666
2011	6765	7713	14478
2015	7335	8570	15905

Como mencionado, os resultados desagregados de 2015 mostram que 8570 pessoas pernoitavam nos serviços de atendimento aos acolhidos e 7.335 foram recenseado nas ruas

da cidade. O número de pessoas acolhidas é, em 2015, aproximadamente o mesmo do total da população em 2000, como mostra a Tabela 1.2 Houve, claramente, um forte crescimento desse segmento.

É interessante, também, comparar os resultados censitários com crescimento da população paulistana, que foi menor que o crescimento do número de pessoas em situação de rua. Esses números permitem uma boa avaliação da trajetória da população de pessoas em situação de rua em São Paulo: aumentou o número de pessoas em situação de rua em relação ao número de paulistanos. A Tabela 1.3 mostra esses resultados.

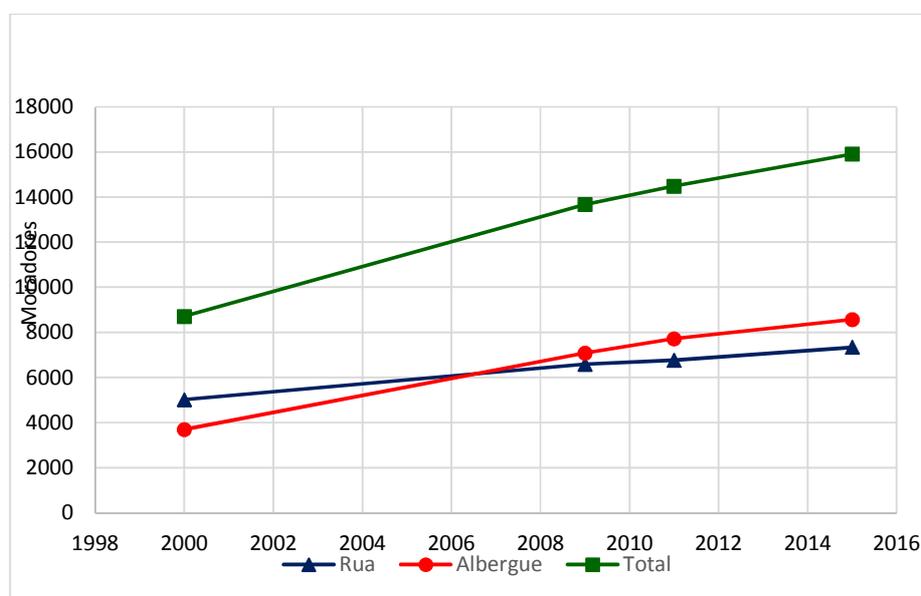
Tabela 1.3 - Variação e variação anual, 2000 a 2015. - População da cidade de São Paulo, Pessoas em Situação de rua, Acolhidos e Moradores de Rua

População	2000	2015	Variação anual do Período
Cidade de São Paulo	10.426.384	11.582.000	0,70%
Moradores de rua	5.013	7.335	2,57%
Acolhidos	3.693	8.570	5,77%
Moradores de rua e Acolhidos	8.706	15.905	4,10%

Ainda em relação à Tabela 1.3, taxa média anual do período⁸ mostra que entre 2000 e 2015, o crescimento da população paulista foi de 0,7%, enquanto o total de pessoas em situação de rua crescia a 4,1%. O segmento dos acolhidos cresceu mais fortemente, 5,77% ao ano, frente a um crescimento de 2,57% dos moradores de rua. O gráfico 1.1 descreve essa trajetória, no período 2000 a 2015. Observa-se que, entre 2006 e 2008, o número de acolhidos supera o número de moradores de rua.

⁸ A taxa anual de crescimento é um indicador do ritmo de crescimento da população, cujo resultado acumulado é a diferença entre o número de pessoas em situação de rua no início e fim do período considerado. A taxa anual de crescimento resolve, também, a questão da comparação entre períodos com diferentes número de anos. A

Gráfico 1.1 - Número de pessoas em situação de rua, acolhidos e moradores de rua, 2000 a 2015



A realização dos censos em 2000, 2009, 2011 e 2015 possibilita analisar o crescimento do número de pessoas em situação de rua nos períodos intercensitários. Esses resultados são interessantes para identificar eventuais mudanças na trajetória do crescimento da população. Os resultados são os seguintes:

Tabela 1.4 - Variação do número de pessoas em situação de rua, Acolhidos e Moradores de Rua períodos intercensitários

Períodos	Moradores de rua	Acolhidos	Pessoas em Situação de Rua
2000/2009	27.3%	65.1%	45.1%
2009/2011	2.7%	8.6%	5.8%
2011/2015	8.1%	10.5%	9.4%

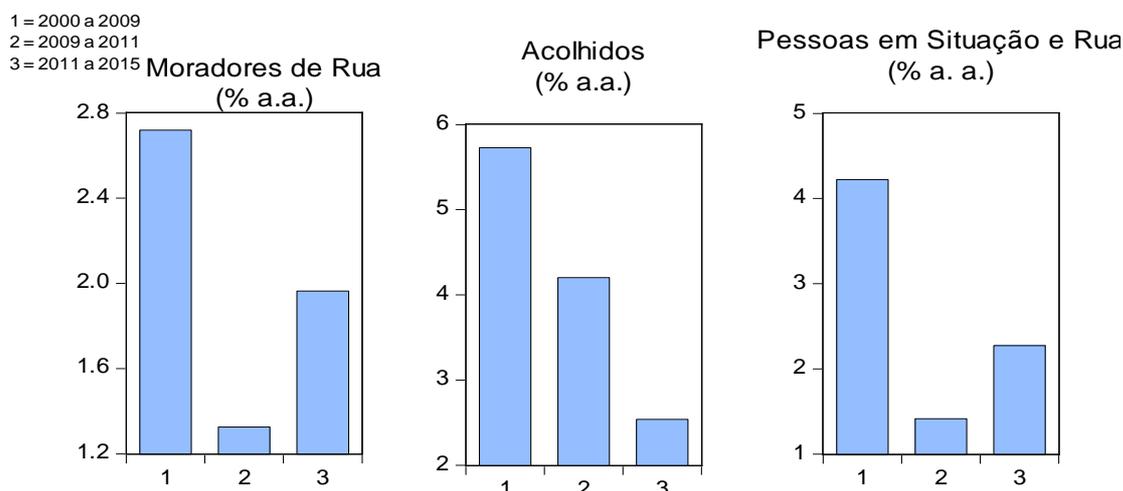
A taxa de crescimento anual para os períodos é mostrada na Tabela 1.5.

Tabela 1.5 - Variação anual, do número de pessoas em situação de rua, períodos intercensitários

Períodos	Moradores de rua	Acolhidos	Pessoas em Situação de Rua
2000/2009	2,7	5,7	4,2
2009/2011	1.3	4.2	1.4
2011/2015	2.0	2.5	2.3

As taxas de crescimento encontradas merecem atenção. O que se observa na Tabela 1.5 é a redução do ritmo de crescimento anual no período 2009/2011, em relação ao período anterior 2000/2009, para acolhidos e moradores de rua. No intervalo 2011/2015, a taxa anual de crescimento da população se eleva, para moradores de rua e para a população como um todo e cai a taxa de crescimento dos acolhidos. Cabe lembrar que o número absoluto de pessoas nas ruas e nos serviços continua crescendo durante todo o período (as taxas de crescimento são positivas), porém em ritmo menor. O gráfico 1.2 descreve essa trajetória.

Gráfico 1.2 - Crescimento anual do número de Pessoas em Situação de rua, Moradores de Rua e Acolhidos, períodos intercensitários



Excluindo o levantamento de 2011⁹, as taxas de crescimento nos períodos intercensitário foram:

Tabela 1.6 - Variação anual, do número de pessoas em situação de rua, períodos intercensitários

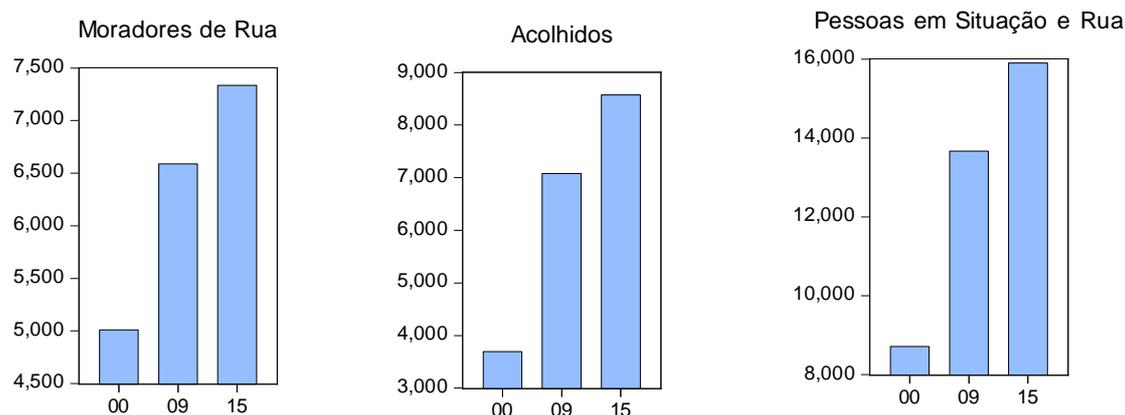
Períodos	Moradores de Rua	Acolhidos	Pessoas em Situação e Rua
2000 a 2009	2,7	5,7	4,2
2009 a 2015	1,7	3,0	2,4

Tabela 1.7 - Variação do número de pessoas em situação de rua, acolhidos e moradores de rua, períodos intercensitários

Períodos	Moradores de rua	Acolhidos	Pessoas em Situação de Rua
2000/2009	27,4%	65,1%	45,1%
2009/2015	10,8%	19,1%	15,2%

O gráfico 1.3 descreve a trajetória do número total de pessoas em situação de rua, acolhidos e moradores de rua, e o gráfico 1.4 mostra as respectivas taxas de crescimento.

Gráfico 1.3 - Número de pessoas em situação de rua, acolhidos e moradores de rua em 2000, 2009 e 2015

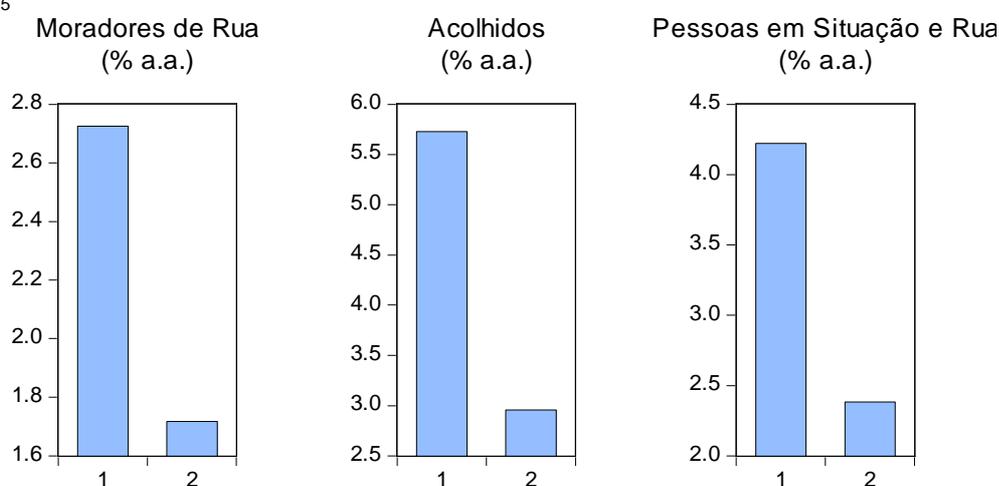


⁹ Os dados para 2011 foram obtidos pela FESP.

Ainda excluindo o levantamento de 2011, observa-se que a taxa de crescimento dos moradores de rua, acolhidos e pessoas em situação de rua cai, para o período censitário 2009 a 2015.

Gráfico 1.4 - Crescimento anual do número de Pessoas em Situação de rua, Moradores de Rua e Acolhidos, períodos intercensitários

1 = 2000 a 2009
2 = 2009 a 2015



1.2 NÚMERO DE PESSOAS NA ÁREA CENTRAL

A metodologia do censo, descrita na Parte I, permite que os resultados obtidos sejam apresentados para cada um dos distritos municipais da cidade e, por consequência, por Subprefeitura e Regiões. Assim, é possível recortar os resultados para a denominada “área central” incluindo os distritos da Subprefeitura Sé e os distritos do Pari e Brás¹⁰. A área resultante coincide com a antiga Administração Regional da Sé e concentra um alto percentual da população de pessoas em situação de rua.

Em números absolutos, a população da “área central” cresce continuamente de 2000 até 2015.

¹⁰ Sé, República, Santa Cecília, Bela Vista, Consolação, Bom Retiro, Liberdade, Cambuci, Brás e Pari.

Tabela 1.8 - Número de pessoas em situação de rua, acolhidos e moradores de rua na área central, 2000, 2009 e 2015

Ano	Morador de rua	Acolhidos	Pessoas em situação de rua
2000	2810	1866	4676
2009	4093	3389	7482
2015	4252	3680	7932

Comparando os resultados da área central com o restante da cidade (não centro), percebe-se a desaceleração do crescimento da população de moradores de rua no centro e maior crescimento da população no restante da cidade. Em números absolutos a população do centro cresce, entre 2000 e 2015. A Tabela 1.9 e o Gráfico 1.4 mostram esses resultados.

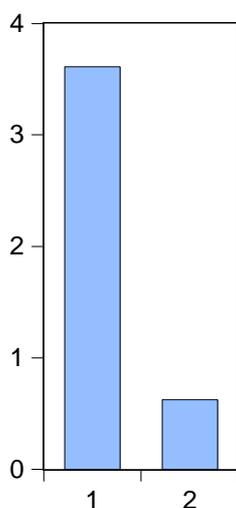
Tabela 1.9 - Variação anual, do número de moradores de rua, área central, restante da cidade (não centro), períodos intercensitários

Períodos	Variação anual, %	
	Centro	Não centro
2000/2009	3,6	1,3
2009/2015	0,6	3,3

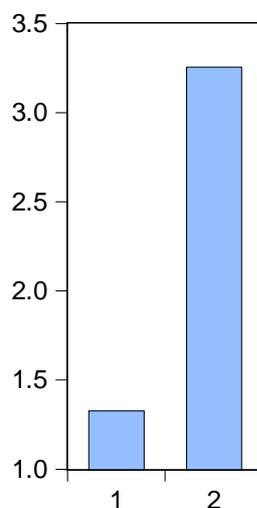
Gráfico 1.5 - Taxa anual de crescimento dos moradores de rua na área central e restante da cidade, períodos intercensitários

1 = 2000 a 2009
2 = 2009 a 2015

**Moradores de Rua Centro
(% a.a)**



**Moradores de Rua Não Centro
(% a.a)**



1.3 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS MORADORES DE RUA E ACOLHIDOS

Sete Subprefeituras da cidade de São Paulo concentram aproximadamente 81% dos moradores de rua cidade¹¹: Sé, Mooca, Lapa, Santana/Tucuruvi, Pinheiros, Santo Amaro e Vila Mariana.

¹¹ Os resultados completos por Subprefeitura, Região e Distritos Municipais encontram-se em anexo.

Tabela 1.10 - Número de pessoas em situação de rua, por Subprefeitura, 2015

Subprefeituras	Moradores de rua	%	Frequência acumulada
Sé	3863	52,7	52,7
Mooca	842	11,5	64,1
Lapa	414	5,6	69,8
Santana/ Tucuruvi	275	3,7	73,5
Pinheiros	215	2,9	76,5
Santo Amaro	199	2,7	79,2
Vila Mariana	146	2,0	81,2
Demais Subprefeituras	1381	18,9	100
Total	7.335	100	

Analisando a distribuição espacial dos moradores de rua por Região, os resultados mostram forte concentração em duas regiões; Centro e Sudeste, com cerca de 76% da população desse segmento.

Tabela 1.11 - Número de pessoas em situação de rua, por Região, 2015

Regiões	Moradores de rua	%	Frequência acumulada
Centro	3863	52,7	52,7
Sudeste	1084	14,8	67,4
Oeste	682	9,3	76,7
Nordeste	516	7,0	83,8
Centro Sul	485	6,6	90,4
Leste 2	209	2,8	93,2
Leste 1	188	2,6	95,8
Sul	167	2,3	98,1
Noroeste	141	1,9	100,0
Total	7335	100,0	

Finalmente, a distribuição dos moradores de rua por distrito municipal, que origina as agregações por Subprefeitura e Região, é apresentada na Tabela 1.12. São apresentados os distritos municipais com a presença de cerca de 80% da população¹².

Tabela 1.12 - Número de pessoas em situação de rua, por Distrito Municipal, 2015

Distritos Municipais	Moradores de rua	%	Frequência acumulada
Sé	1311	17,9	17,9
Santa Cecília	1019	13,9	31,8
República	718	9,8	41,6
Brás	339	4,6	46,2
Santana	239	3,3	49,4
Bela Vista	206	2,8	52,2
Mooca	175	2,4	54,6
Bom Retiro	172	2,3	57,0
Tatuapé	169	2,3	59,3
Consolação	165	2,2	61,5
Liberdade	160	2,2	63,7
Jabaquara	140	1,9	65,6
Vila Leopoldina	134	1,8	67,4
Santo Amaro	127	1,7	69,2
Barra Funda	120	1,6	70,8
Cambuci	112	1,5	72,3
Belém	102	1,4	73,7
Jardim Paulista	99	1,3	75,1
Lapa	97	1,3	76,4
Ipiranga	92	1,3	77,7
Freguesia do Ó	80	1,1	78,7
Cidade Dutra	79	1,1	79,8
Vila Maria	79	1,1	80,9
Demais Subprefeitura	1410	19,1	100
Total	7335	100	

¹² Os resultados completos encontram-se em anexo.

Distribuição espacial dos acolhidos

Tabela 1.13 - Número de acolhidos, por Subprefeitura, 2015

Subprefeitura	Acolhidos	%	Frequência acumulada
Mooca	2792	32,6	32,6
Sé	2439	28,5	61,1
Lapa	968	11,3	72,4
Vila Maria/Vila Guilherme	709	8,3	80,7
Demais Subprefeituras	1662	19,3	100
Total	8570	100	

Tabela 1.14 - Número de acolhidos, por Distrito Municipal, 2015

Distritos Municipais	Acolhidos	%	Frequência acumulada
Mooca	1184	13,8	13,8
Barra Funda	878	10,2	24,0
Pari	847	9,9	33,9
Santa Cecília	809	9,4	43,3
Vila Guilherme	709	8,3	51,6
Bela Vista	703	8,2	59,8
Bom Retiro	570	6,7	66,5
Brás	394	4,6	71,1
Santo Amaro	241	2,8	73,9
República	205	2,4	76,3
Tatuapé	200	2,3	78,6
Belém	167	1,9	80,5
Demais Distritos	1663	19,5	100

2. RESULTADOS PARA MORADORES DE RUA: INFORMAÇÕES DO LEVANTAMENTO CENSITÁRIO

A denominação “moradores de rua” utilizada neste relatório refere-se à parcela da população em situação de rua que pernoita nos logradouros públicos da cidade. Estas pessoas foram abordadas nos dias do censo, para responder a algumas questões que não poderiam ser atribuídas pelo pesquisador.

Através da “ficha do morador” foram levantadas algumas informações demográficas declaradas por ele, e outras atribuídas pelo entrevistador. Havia, portanto, necessidade de

entrevistar o morador para obter informação sobre a cor auto atribuída, a idade e a nacionalidade. Em relação apenas às mulheres, foi verificado se tinham filhos em sua companhia na rua e quantos eram. Verificou-se em relação a todos que foram abordados, se já tinham dormido em centros de acolhida.

No entanto, é comum encontrar em campo, pessoas dormindo profundamente, em cenários de consumo de drogas, outras muito alteradas e algumas que se evadem do local com a chegada dos pesquisadores, sendo impossível abordá-las. Nesses casos, os pesquisadores conseguem fazer a contagem e a atribuição de algumas variáveis como sexo, faixa etária e cor do morador. Contudo, nem sempre foi possível aos pesquisadores, identificar e fazer a atribuição dessas características, seja porque as pessoas estavam totalmente cobertas ou dormindo em local de pouca visibilidade, seja porque fugiam muito rapidamente. Isso levou a uma proporção significativa de casos sem informação.

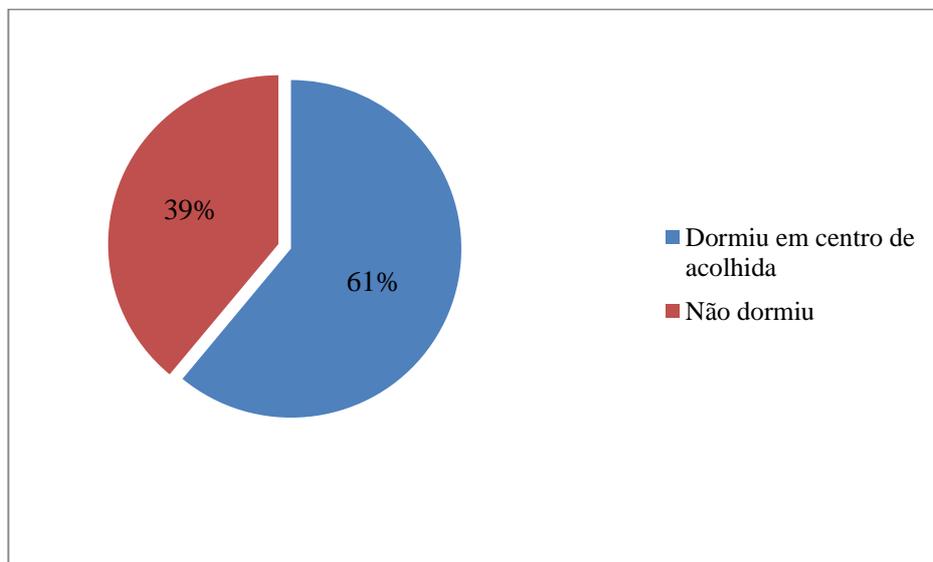
2.1. MORADORES DE RUA QUE JÁ PERNOITARAM EM CENTROS DE ACOLHIDA

Os 7335 moradores de rua recenseados representam 46% do total de pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo. Embora estejam pernoitando nas ruas, uma parcela significativa dos que foram abordados (61%) declararam já ter dormido em centro de acolhida, ou seja, a maioria dos moradores de rua conhece os serviços de acolhimento e é provável que, em determinadas circunstâncias, recorram a esses serviços.

Tabela 2.1 - Moradores de rua que já dormiram em centro de acolhida

Dormiu em centro de acolhida	Número	%	% casos válidos
Sim	2975	41,6	61,1
Não	1893	25,8	38,9
Total válido	4868	66,4	100,0
Sem informação	2467	33,6	
Total	7335	100,0	

Gráfico 2.1 - Moradores de rua que já dormiram em Centro de acolhida

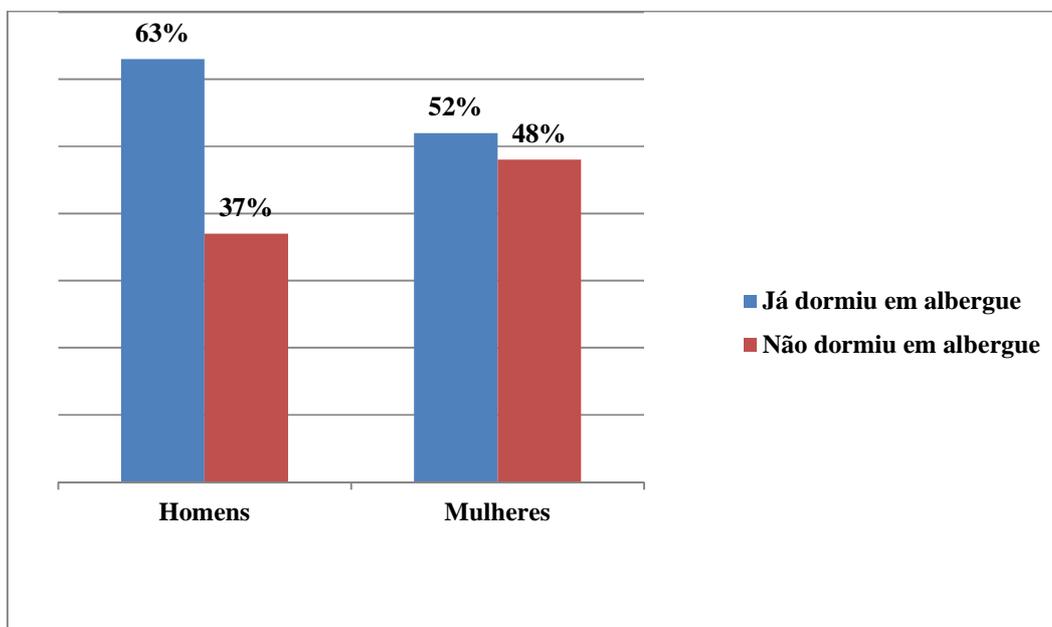


Do total de moradores de rua que informaram já ter dormido em centro de acolhida, verificou-se que tanto entre os homens como entre as mulheres, a maioria já passou por essa experiência. Mas a proporção de homens (63%) que já recorreram a esse serviço é maior que a de mulheres (51,6%). Este fato talvez possa ser explicado pelo menor número de serviços de acolhida que ofertam vagas à população feminina, uma vez que a população em situação de rua é majoritariamente masculina.

Tabela 2.2 - Distribuição de homens e mulheres que já dormiram em centro de acolhida

Dormiu em centro de acolhida	Homens		Mulheres		Total	
	Número	%	Número	%	Número	%
Sim	2536	62,9	337	51,6	2873	61,3
Não	1495	37,1	316	48,4	1811	38,7
Total	4031	100,0	653	100,0	4684	100,0

Gráfico 2.2 - Homens e Mulheres que já dormiram em centro de acolhida



2.2. VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS

2.2.1. Sexo, Idade, Cor e Nacionalidade

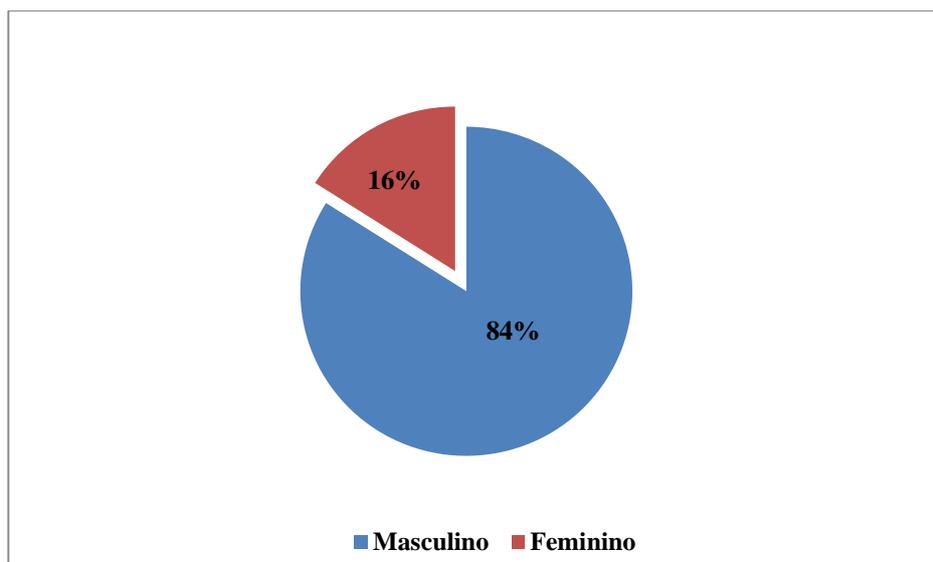
A informação sobre o sexo do morador de rua foi atribuída pelos pesquisadores e houve 5,5% de casos sem identificação. Excluídos estes, os resultados revelam que a grande maioria dos que moram nas ruas são do sexo masculino (84%) e que as mulheres representam 16% dessa população. Esse resultado está muito próximo da proporção de homens (86%) e de mulheres (14%) encontrados nos centros de acolhida e se aproxima também dos resultados encontrados no censo de 2009¹³, confirmando a tendência do predomínio de homens em situação de rua.

¹³ No censo de 2009, a proporção de homens era de 83% e a de mulheres, 17% dos casos válidos cf. *Censo da população em situação de rua e caracterização socioeconômica da população adulta na cidade de São Paulo - Relatório do Levantamento Censitário*. FIPE/SMADS, dezembro de 2009

Tabela 2.3 - Moradores de rua por sexo

Sexo	Número	%	% Casos Válidos
Masculino	5818	79,3	84,0
Feminino	1110	15,1	16,0
Total	6928	94,5	100,0
Sem identificação	407	5,5	
Total	7335	100,0	

Gráfico 2.3 - Distribuição dos moradores de rua por sexo



Idade declarada pelo morador

Para obtenção da idade do morador utilizou-se duas fontes: a idade declarada pelo morador de rua e a atribuída pelo pesquisador, cuja observação permitiria identificar o grupo etário a que pertencia o morador. A idade declarada variou de 1 a 86 anos, registrando uma idade média de 39,7 anos e mediana de 39 anos, conforme valores estatísticos apresentados abaixo.

Idade do Morador

Estatística	Valor
Média	39,7
Mediana	39
Desvio-padrão	12,6
Mínimo	1
Máximo	86
1o Quartil	30
3o Quartil	49

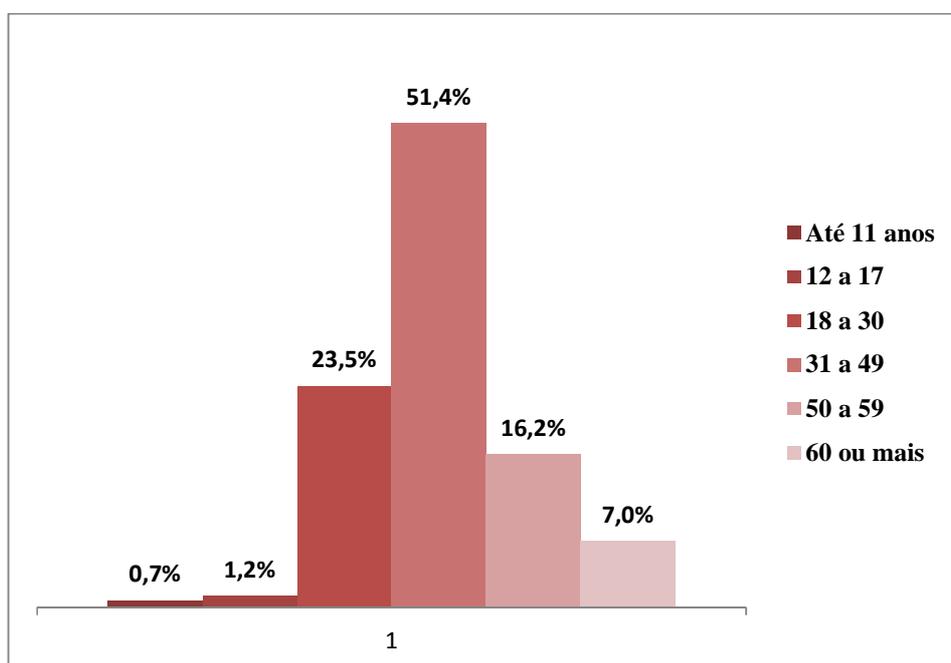
A tabela 2.4 refere-se aos grupos etários com base na idade declarada pelos recenseados. As crianças e adolescentes encontradas estavam, em sua maioria, em companhia das mães.

Dentre os que declararam a idade, o grupo na faixa de 31 a 49 anos, representa a maior parcela dos moradores de rua com 51% dos casos válidos, seguido pelos moradores jovens de 18 a 30 anos que correspondem a 23.5% dessa população. A presença de adolescentes e crianças nas ruas cai sensivelmente, atingindo 1,9% dos casos. A partir dos 50 anos, diminui de modo significativo a proporção de moradores, chegando a 7% a proporção de pessoas idosas nas ruas.

Tabela 2.4 - Moradores de rua por faixa etária

Faixa etária	Número	%	% Casos Válidos
Até 11	33	,4	,7
12 a 17	54	,7	1,2
18 a 30	1081	14,7	23,5
31 a 49	2362	32,2	51,4
50 a 59	746	10,2	16,2
60 ou mais	321	4,4	7,0
Total c/ informação	4597	62,7	100,0
Sem informação	2738	37,3	
Total	7335	100,0	

Gráfico 2.4 - Distribuição dos moradores por faixa etária



A distribuição etária revela algumas diferenças entre homens e mulheres. Os dados estatísticos apresentando a idade média e mediana indicam que as mulheres têm menos

idade que os homens. A idade média e a mediana do grupo feminino são menores que a do grupo masculino e do total de moradores de rua.

Estatística de Idade: homens e mulheres

Estatística	Homens	Mulheres	Total
Média	40,2	37,1	39,8
Mediana	40,0	37,0	39,0
Desvio-padrão	12,3	12,8	12,5
Mínimo	1	1	1
Máximo	86	76	86

A distribuição dos moradores de rua por idade declarada e sexo, revela que tanto os homens quanto as mulheres têm maior proporção de pessoas nas faixas de 18 a 30 anos e de 31 a 49 anos, com ligeira maioria no grupo feminino que soma cerca de 80% frente a 74% do grupo masculino. Além disso, a proporção de mulheres nas faixas etárias a partir de 50 anos é bem menor que a dos homens.

Tabela 2.5 - Distribuição etária dos moradores de rua por sexo

Faixa etária (idade declarada)	Homens		Mulheres		Total	
	Número	%	Número	%	Número	%
Até 11 anos	11	0,3	11	1,8	22	0,5
12 a 17 anos	33	0,9	14	2,3	47	1,1
18 a 30 anos	879	23,2	165	27,0	1044	23,7
31 a 49 anos	1944	51,3	326	53,4	2270	51,6
50 a 59 anos	656	17,3	63	10,3	719	16,3
60 anos ou mais	268	7,1	32	5,2	300	6,8
Total	3791	100,0	611	100,0	4402	100,0

Idade atribuída pelos pesquisadores

Através de observação, os pesquisadores atribuíram a idade dos moradores de rua, classificando-os no grupo etário correspondente. Uma parcela de 6,6% dos moradores não foi identificada quanto à idade presumida. Comparando-se os resultados dos casos válidos da idade declarada e da atribuída, não se observa diferenças significativas, o que indica que os moradores declararam corretamente sua idade. Constatou-se também, que crianças, adolescentes e idosos são os grupos com menor presença nas ruas.

Tabela 2.6 - Moradores de rua por grupo etário atribuído

Grupo etário	Número	%	% Casos Válidos
Criança	46	,6	,7
Adolescente	125	1,7	1,8
Adulto	6311	86,0	92,1
Idoso	367	5,0	5,4
Total identificado	6849	93,4	100,0
Sem identificação	486	6,6	
Total	7335	100,0	

Cor declarada pelos moradores

Até o censo de população em situação de rua de 2009 realizado pela Fipe, não se perguntava ao morador a cor que se atribuía, mas era solicitado ao pesquisador que fizesse a atribuição, conforme as categorias utilizadas pelo IBGE. Neste censo decidiu-se pela utilização de duas fontes, a da cor declarada pelo entrevistado e a da cor atribuída pelo pesquisador. São conhecidas as dificuldades para se obter essa informação. Por um lado, o morador de rua apresenta certa resistência em responder, chegando, por vezes, a se ofender com a pergunta e por outro, os critérios de avaliação dos pesquisadores são subjetivos e variam, uma vez que não existe uma definição clara para a classificação da cor das pessoas.

Some-se a essa dificuldade, a discussão permanente nas questões de cor e raça. Desta forma, os dados levantados de cor auto atribuída poderão ser comparados com os de outras pesquisas que adotam esse critério.

Conforme os resultados obtidos junto aos moradores que responderam à pergunta, quase 48% dos entrevistados se consideram de cor parda, 27% de cor branca e 22%, de cor preta.

Tabela 2.7 - Moradores de rua por cor auto atribuída

Cor	Número	%	% Casos Válidos
Branca	1215	16,6	27,0
Parda	2146	29,3	47,7
Preta	990	13,5	22,0
Amarela	71	1,0	1,6
Indígena	77	1,0	1,7
Total de auto atribuição	4499	61,3	100,0
Não respondeu	2836	38,7	
Total	7335	100,0	

Cor declarada dos moradores, por sexo

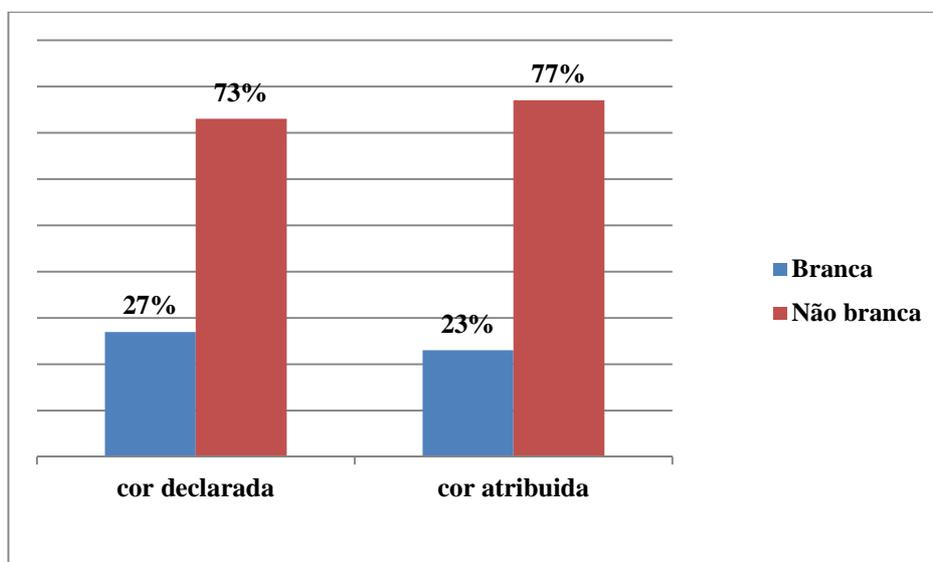
Na auto atribuição da cor houve um grande número de casos sem resposta, seja porque não foi possível fazer a abordagem, seja porque se recusaram a responder. Do total de mulheres que responderam, 46,3% se consideram pardas, quase 27%, brancas e 23,7% se disseram pretas. Entre os homens 48% se declararam de cor parda, 27%, de cor preta e 21,6% de cor branca. Não há diferença significativa da cor auto atribuída entre homens e mulheres. Nos dois grupos, 27% se consideram de cor branca e a maioria é constituída de pessoas não brancas.

Tabela 2.8 - Distribuição dos moradores por cor auto atribuída, por sexo

Cor declarada	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino			
	Número	%	Número	%	Número	%
Branca	162	26,9	1005	27,0	1167	26,9
Parda	279	46,3	1797	48,2	2076	47,9
Preta	143	23,7	805	21,6	948	21,9
Amarela	12	2,0	53	1,4	65	1,5
Indígena	7	1,2	68	1,8	75	1,7
Total	603	100,0	3728	100,0	4331	100,0

Considerando duas categorias de cor: branca e não branca, observa-se a predominância de não brancos com 73% contra 27% de pessoas brancas. O gráfico 2.5 ilustra essa proporção tanto na cor declarada pelos moradores, como na atribuída pelos pesquisadores.

Gráfico 2.5 - Cor declarada e cor atribuída



Cor atribuída pelos pesquisadores

Ao atribuir a cor aos moradores de rua, os pesquisadores registraram cerca de 7% de casos não identificados. Considerando apenas os casos válidos, foi atribuída a cor parda a 47% dos moradores, a mesma proporção da cor declarada pelos moradores. Os entrevistadores identificaram 29% de cor preta e 23% de cor branca.

Os resultados foram muito semelhantes nas duas formas de obtenção da informação, verificando-se forte predominância dos não brancos. Tanto na auto atribuição como na atribuição do pesquisador a cor parda representa pouco menos de 50% das respostas válidas, enquanto a cor preta tem uma variação da ordem de 7%, entre a cor declarada pelo morador de 22% e a cor atribuída de 29%. A variação dos dados em relação à cor branca é menor: 27% e 24%. Apesar dessas pequenas diferenças nas cores preta e branca, a comparação do olhar dos pesquisadores com a declaração dos moradores de rua revela poucos conflitos. A proporção de auto atribuição de cor amarela e indígena, embora pouco representativa, sofreu uma redução na avaliação dos pesquisadores. Na atribuição da cor, as pessoas não brancas correspondem a 77% dos moradores de rua enquanto as brancas representam 23%, conforme ilustrado no Gráfico 2.5.

Tabela 2.9 - Moradores de rua por cor atribuída pelo pesquisador

Cor	Número	%	% Casos Válidos
Branca	1583	21,6	23,3
Parda	3205	43,7	47,1
Preta	1972	26,9	29,0
Amarela	10	,1	,1
Indígena	29	,4	,4
Total de cor atribuída	6799	92,7	100,0
Não identificada	536	7,3	
Total	7335	100,0	

Cor dos moradores, por sexo

A atribuição da cor do morador apresenta algumas diferenças entre os sexos. As mulheres receberam a atribuição de cor preta em maior proporção que os homens, registrando-se 33% e 28%, respectivamente. A atribuição de cor branca também foi ligeiramente maior para as mulheres, com uma diferença de apenas 2 pontos percentuais em relação aos homens. Entre estes, 48% foram considerados pardos enquanto no grupo feminino 41% receberam essa mesma atribuição.

Tabela 2.10 - Distribuição da cor atribuída aos moradores, por sexo

Cor atribuída	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino			
	Número	%	Número	%	Número	%
Branca	257	24,9	1272	23,0	1529	23,3
Parda	426	41,3	2663	48,2	3089	47,2
Preta	340	33,0	1558	28,2	1898	29,0
Amarela	5	0,5	5	0,1	10	0,2
Indígena	3	0,3	24	0,4	27	0,4
Total	1031	100,0	5522	100,0	6553	100,0

Nacionalidade

A quantidade de estrangeiros entre os moradores de rua foi verificada neste censo. Perguntou-se a todos que foram abordados, se era nascido no Brasil, obtendo-se 98,4% de respostas afirmativas. Foram encontrados 74 moradores de rua estrangeiros, representando 1,6% do total de casos válidos.

Tabela 2.11 - Moradores de rua brasileiros e estrangeiros

Brasileiro	Número	%	% Casos Válidos
Sim	4537	61,9	98,4
Não	74	1,0	1,6
Total com informação	4611	62,9	100,0
Sem informação	2724	37,1	
Total	7335	100,0	

2.3. MULHERES COM FILHOS DORMINDO NA RUA

A presença de mulheres pernoitando nas ruas é significativa e representa pouco mais de 15% do total de moradores de rua. Havia interesse em verificar quantas tinham filhos com elas dormindo na rua e essa pergunta foi feita somente às mulheres. No entanto, uma grande parcela não respondeu à pergunta. Dentre as que responderam apenas 11,8% afirmaram ter filhos com elas e 88,2% disseram não ter. Cabe destacar que isso não significa que essas mulheres não tenham filhos, significa apenas que não têm filhos em sua companhia na rua, dado que era este o objetivo da pergunta.

Tabela 2.12 - Mulheres com filhos na rua

Mulher com filhos na rua	Número	%	% Casos Válidos
Sim	60	,8	11,8
Não	449	6,1	88,2
Total válido	509	8,2	100,0
Sem resposta	601	84,9	
Não se aplica	6225	93,1	
Total	7335	100,0	

Entre as mulheres que informaram o número de filhos na rua, essa quantidade varia de 1 a 4, predominando aquelas com um único filho (5,9%). A presença de mães com dois filhos cai para 2,6%. Uma parcela de 1,2% e 1,4% de mulheres têm respectivamente três e quatro

filhos. Os dados da tabela abaixo se referem somente às mulheres que responderam a questão.

Tabela 2.13 - Número de filhos pernoitando nas ruas

Filhos na rua	Número	%	% de casos válidos
0	449	6,1	88,9
1	30	,4	5,9
2	13	,2	2,6
3	6	,1	1,2
4	7	,1	1,4
Total	505	6,9	100,0

2.3.1. Moradores de Rua na Área Central e Demais Áreas de Cidade

Nos itens anteriores foram apresentados os resultados do censo com a população em situação de rua que nas noites do levantamento de campo encontravam-se pernoitando nos logradouros públicos da cidade. Tais resultados referem-se a alguns dados demográficos que demandavam a abordagem do entrevistado e que podia também, ser captado pela observação do pesquisador. Esse procedimento visava garantir a contagem e o registro desses dados em relação aos que se recusavam a responder, aos que estavam dormindo profundamente, aos que estavam visivelmente alterados e aos que evadiam do local, com a chegada dos pesquisadores.

Nesta parte, são apresentadas as características dos moradores de rua que foram recenseados na área central¹⁴ e nas demais áreas da cidade, com base nas variáveis já analisadas. Foram excluídos da tabela síntese, os casos sem informação.

¹⁴ Os distritos que integram a área central são os dez que faziam parte da antiga Administração Regional da Sé : Bela Vista, Bom Retiro, Brás, Cambuci, Consolação, Liberdade, Pari, República, Santa Cecília e Sé.

Tabela 2.14 - Moradores de rua da área central e das demais áreas

Moradores de rua	Área Central		Demais Áreas		Total	
	Número	%	Número	%	Número	%
Homens	3.355	57,7%	2.463	42,3%	5.818	100,0%
Mulheres	619	55,8%	491	44,2%	1.110	100,0%
Idosos (60 anos ou mais)	154	48,0%	167	52,0%	321	100,0%
Adultos (31 a 59 anos)	1.626	52,3%	1.482	47,7%	3.108	100,0%
Jovens (18 a 30 anos)	576	53,3%	505	46,7%	1.081	100,0%
Crianças (0 a 11 anos)	14	63,6%	8	36,4%	22	100,0%
Adolescentes (12 a 17 anos)	30	55,6%	24	44,4%	54	100,0%
Não brancos (cor atribuída)	3.000	57,5%	2.216	42,5%	5.216	100,0%
Não brancos (cor auto atribuída)	1.748	53,2%	1.536	46,8%	3.284	100,0%
Nascidos no Brasil	2.347	51,7%	2.190	48,3%	4.537	100,0%
Estrangeiros	50	67,6%	24	32,4%	74	100,0%
Dormiram em centro de acolhida	1651	55,5%	1324	44,5%	2975	100,0%

Na área central foram encontrados nas noites do censo, 4.253 moradores de rua e nas demais áreas, 3082, correspondendo a 58% e 42% respectivamente do total encontrado nas ruas da cidade. Os dados permitem verificar a distribuição dos moradores de rua nas duas áreas, quanto ao sexo, idade, cor e nacionalidade, ou seja, quanto a algumas características demográficas, cuja única exceção é a informação sobre a proporção dos que já dormiram alguma vez em centro de acolhida. Em relação a cada uma dessas variáveis, a população da área central apresenta uma proporção maior que a das demais áreas, exceto em relação à presença de idosos.

3. RESULTADOS SOBRE OS PONTOS DE ABORDAGEM DA POPULAÇÃO

3.1 RESULTADOS PARA A CIDADE, TIPO DE PONTO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ENTORNO.

Um dos instrumentos utilizados no levantamento censitário foi a “ficha do ponto” com o objetivo de registrar, primeiramente, o local onde foi encontrado o morador de rua. Esse local corresponde ao endereço da abordagem que, uma vez georreferenciado, permitiu a identificação das áreas de concentração ou dispersão desses moradores no território da cidade. Além da localização, a ficha do ponto levantou informações sobre o número de pessoas encontradas, o tipo de local onde os moradores foram abordados, as características predominantes do entorno da área e a presença de barracas.

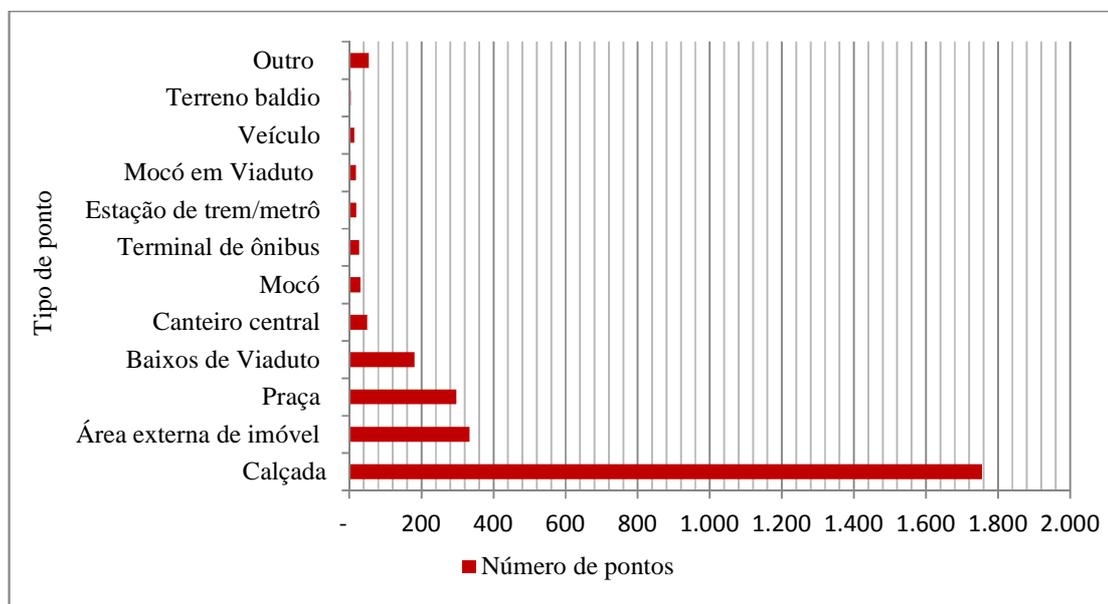
O local onde os moradores foram encontrados foi caracterizado de acordo com as seguintes categorias: calçadas (incluindo embaixo de marquises), área externa de imóvel, baixos de viadutos, praças, canteiro central, mocós, estações de metrô e de trem, terminal de ônibus, terreno baldio e veículo.

Os resultados revelaram a forte predominância das calçadas como locais de permanência, incluídos aí os espaços sob marquises (63%). A área externa dos imóveis; as praças também se destacam, embora em proporções menores, com 12% e 11%, respectivamente, além dos baixos dos viadutos, onde foram encontrados 181 pontos de concentração de moradores (6% do total). Os demais tipos de pontos têm participação percentual pouco expressiva, embora não possa ser ignorado o fato de que foram encontrados 50 pontos instalados em canteiros centrais de grandes avenidas, 50 mocós (19 deles sob viadutos) bem como 47 pontos em estações e ou terminais de transporte coletivo.

Tabela 3.1 - Tipo de ponto

Tipo de ponto	Número	%	% casos válidos
Calçada	1.756	63	63
Área externa de imóvel	333	12	12
Praça	297	11	11
Baixos de Viaduto	181	6	6
Canteiro central	50	2	2
Mocó	31	1	1
Terminal de ônibus	27	1	1
Estação de trem/metrô	20	1	1
Mocó em Viaduto	19	1	1
Veículo	14	*	1
Terreno baldio	4	*	*
Outro	54	2	2
Não resposta ou em branco	16	1	
Total	2.802	100	

Gráfico 3.1 – Tipo de ponto

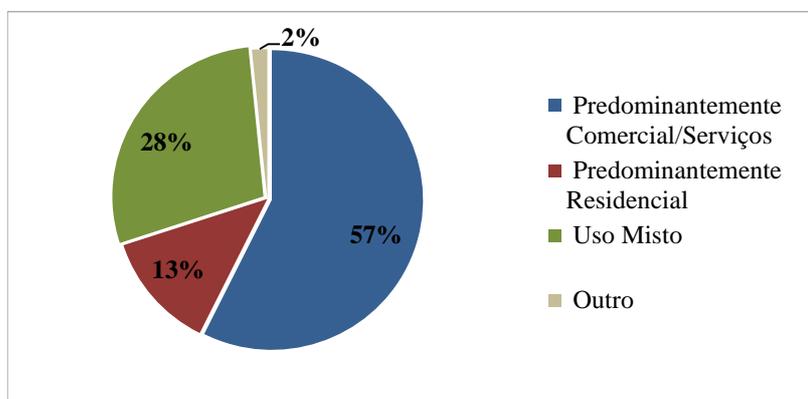


A caracterização do entorno dos pontos onde foram encontrados os moradores de rua se baseou na identificação da predominância de imóveis com uso comercial/serviços, uso residencial ou uso misto. Os resultados encontrados, semelhantes aos do Censo de 2009, indicam que os moradores de rua procuram principalmente as áreas de concentração de comércio e serviços (57%) ou de uso misto (28%) como locais de pernoite. As áreas com predominância residencial são procuradas em menor proporção (12%).

Tabela 3.2–Características do entorno dos pontos

Tipo de entorno	Número	%	% casos válidos
Predominantemente Comercial/Serviços	1.592	56,8	57,4
Predominantemente Residencial	349	12,5	12,6
Uso Misto	787	28,1	28,4
Outro	44	1,6	1,6
Total	2.772	98,9	100
Sem informação	30	1,1	
Total	2.802	100	

Gráfico 3.2– Características do entorno dos pontos



3.2 RESULTADOS DESAGREGADOS POR SUBPREFEITURAS E REGIÕES: NÚMERO DE PONTOS COM MORADORES DE RUA

O levantamento de campo identificou o total de 2802 pontos nos quais foram recenseadas as pessoas em situação de rua. Os pontos apresentaram grande diversidade quanto ao número de pessoas encontradas. Foi observada a média de 2,62 moradores, com o mínimo de 1 morador e o máximo de 228 moradores por ponto.

Tabela 3.3 - Estatísticas do número de moradores por ponto

Média	2,62
Mediana	1
Mínimo	1
Máximo	228

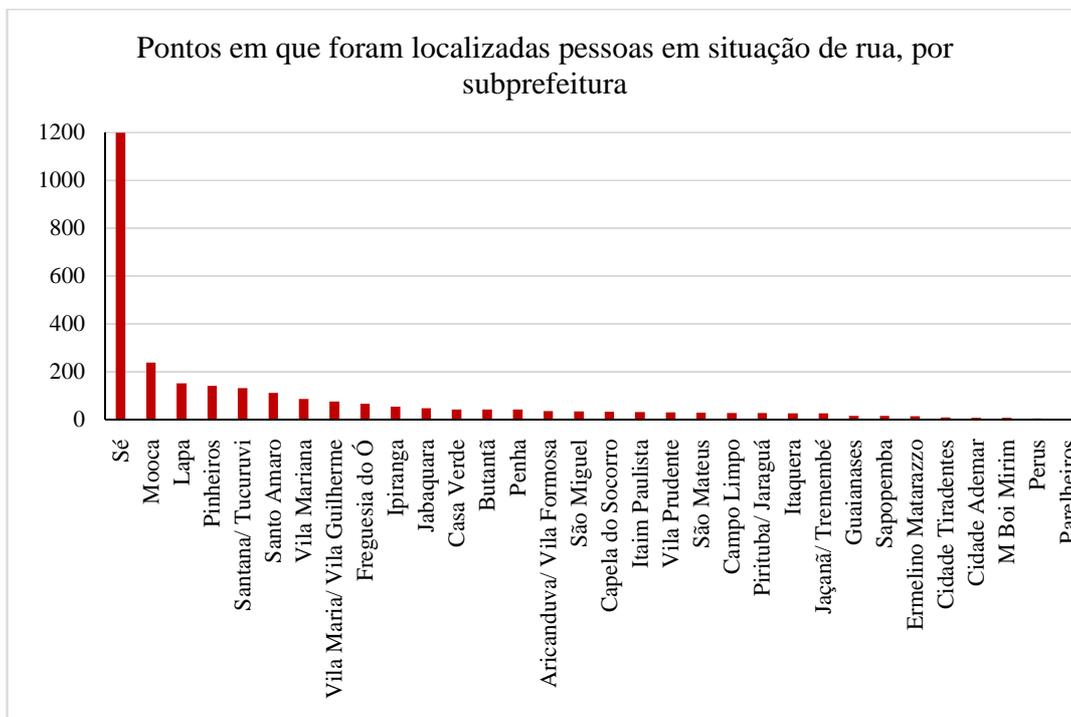
A análise da distribuição espacial dos pontos revela a forte concentração nas áreas mais centrais da cidade, em especial na subprefeitura Sé onde se localizam 43% do total. A Sé, em conjunto com as subprefeituras de seu entorno, englobando a Mooca, Lapa e Pinheiros respondem por 62% do total de pontos.

Tabela 3.4 - Pontos com moradores de rua por Subprefeitura

Subprefeitura	Número	%	% Acumulada
Sé	1.199	42,8	42,8
Mooca	237	8,5	51,3
Lapa	152	5,4	56,7
Pinheiros	141	5,0	61,7
Santana/ Tucuruvi	132	4,7	66,5
Santo Amaro	111	4,0	70,4
Vila Mariana	86	3,1	73,5
Vila Maria/ Vila Guilherme	75	2,7	76,2
Freguesia do Ó	66	2,4	78,5
Ipiranga	54	1,9	80,4
Jabaquara	48	1,7	82,2
Casa Verde	43	1,5	83,7

Subprefeitura	Número	%	% Acumulada
Butantã	42	1,5	85,2
Penha	42	1,5	86,7
Aricanduva/ Vila Formosa	37	1,3	88
São Miguel	34	1,2	89,2
Capela do Socorro	33	1,2	90,4
Itaim Paulista	32	1,1	91,5
Vila Prudente	31	1,1	92,6
São Mateus	29	1,0	93,6
Campo Limpo	27	1,0	94,6
Pirituba/ Jaraguá	27	1,0	95,6
Itaquera	26	0,9	96,5
Jaçanã/ Tremembé	26	0,9	97,4
Guaianases	15	0,5	98
Sapopemba	15	0,5	98,5
Ermelino Matarazzo	14	0,5	99
Cidade Tiradentes	8	0,3	99,3
Cidade Ademar	7	0,2	99,5
M Boi Mirim	7	0,2	99,8
Perus	5	0,2	100
Parelheiros	1	0	100
Total	2.802	100	

Gráfico 3.3 – Pontos por Subprefeitura



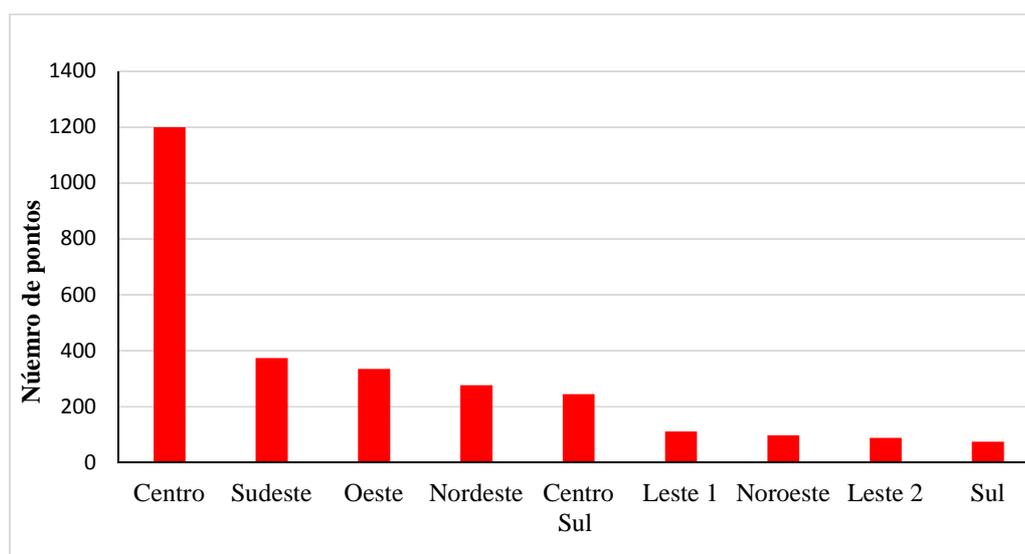
A agregação dos pontos por Região permite uma visão de síntese dos locais onde foram encontrados os moradores de rua, conforme tabela abaixo:

Tabela 3.5 - Pontos em que foram localizadas pessoas em situação de rua, por Região

Região	Número	%	% Acumulada
Centro	1.199	42,8	42,8
Sudeste	374	13,3	56,1
Oeste	335	12	68,1
Nordeste	276	9,9	77,9
Centro Sul	245	8,7	86,7
Leste 1	111	4,0	90,6
Noroeste	98	3,5	94,1
Leste 2	89	3,2	97,3
Sul	75	2,7	100
Total	2.802	100	

*Região formada pela subprefeitura Sé

Gráfico 3.4 Pontos em que foram localizadas pessoas em situação de rua, por Região



Considerando um recorte ampliado da Área Central, que inclui os oito distritos da subprefeitura Sé e mais os distritos Pari e Brás, observa-se que essa área concentra 46% do total de pontos. As demais áreas da cidade participam com 54%.

Tabela 3.6 - Pontos com moradores de rua na Área Central e demais áreas

Áreas	Nº de pontos
Área Central*	1.294 46,2%
Demais Áreas	1.508 53,8%
Total	2.802 100%

* Inclui a Subprefeitura Sé além dos distritos Pari e Brás

A análise detalhada da Área Central, desdobrada em seus distritos, revela que a maior concentração dos pontos de moradores ocorre na Sé, República e Santa Cecília que apresentam números bem mais expressivos em comparação aos demais distritos. No Censo de 2009 esses três distritos também apresentavam a maior concentração, mas é notável o aumento verificado em Santa Cecília que naquele ano participava com 9% do total de pontos da Área Central e em 2015, participa com 18%. Naquela ocasião eram 123 pontos e atualmente, 233.

Tabela 3.7 - Pontos com moradores de rua por distritos da Área Central

Distritos Área Central*	Pontos	
	Nº	%
Sé	330	25,5%
República	276	21,3%
Santa Cecília	233	18,0%
Bom Retiro	98	7,6%
Bela Vista	83	6,4%
Brás	78	6,0%
Consolação	72	5,6%
Liberdade	71	5,5%
Cambuci	35	2,7%
Pari	18	1,4%
Total	1.294	100%

* Inclui a Subprefeitura Sé além dos distritos Pari e Brás

3.3 NÚMERO DE MORADORES POR PONTO: DISTRIBUIÇÃO NA CIDADE E IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE MAIOR CONCENTRAÇÃO

Na cidade como um todo foi identificada uma proporção significativa de pontos com apenas um morador, o que significa que em 60% do total de pontos, essas pessoas encontravam-se sós na noite em que o censo foi realizado. Também expressiva é a presença de grupos de 2 ou 3 moradores (26%) e de 4 a 9 (11%). Somente 98 pontos (4%) têm 10 ou mais pessoas. Esses últimos pontos, embora sejam menos numerosos, se destacam por sua visibilidade no meio urbano, na medida em que constituem aglomerações que ocupam os logradouros da cidade como local de moradia. Nesse conjunto foram encontrados 26 pontos com concentração de 20 a 50 pessoas e 7 com 51 a 228 moradores. Tal como no Censo de

2009, os pontos mais numerosos foram localizado na área conhecida como “Cracolândia” da região central da cidade.

A Área Central apresenta características diferenciadas em comparação com as demais áreas, quando se trata do número de moradores encontrados nos pontos. Os dados da tabela a seguir indicam que os pontos com apenas um morador são maioria em toda a cidade, mas ocorrem em proporção mais expressiva em áreas fora do centro. Inversamente na Área Central é relativamente mais significativa a participação dos pontos com quatro ou mais moradores.

Tabela 3.8 - Pontos por número de moradores, Área Central

Moradores	Área		Total
	Central*	Demais Áreas	
1	734	952	1686
	56,7%	63,1%	60,2%
2	226	293	519
	17,5%	19,4%	18,5%
3	89	108	197
	6,9%	7,2%	7,0%
4 a 9	175	127	302
	13,5%	8,4%	10,8%
10 a 20	46	21	67
	3,6%	1,4%	2,4%
21 ou mais	24	7	31
	1,9%	0,5%	1,1%
Total	1294	1508	2802
	100%	100%	100%

*Inclui a Subprefeitura Sé além dos distritos Pari e Brás

A análise dos pontos conforme o número de moradores encontrados por Região possibilita uma visão mais sintética dessa questão da concentração de moradores na área central.

Em todas as regiões predominam os pontos com somente um morador, mas essa presença é mais forte nas regiões Noroeste, Nordeste, Oeste e Centro Sul, todas com proporções acima da média da cidade (entre 61% e 76%). Com relação aos agrupamentos de 2 e 3 moradores, verifica-se que quase todas as regiões estão muito próximas da média da cidade (26%). As exceções são o Noroeste com 18%; o Leste 1 e Leste 2 ambos bem acima da média (36% e 32% respectivamente).

O Centro se destaca bem acima das demais regiões com relação aos pontos, com 4 ou mais moradores, contando inclusive com a maior parte dos pontos com 10 e mais pessoas.

As regiões Sudeste, Leste 2 e Sul têm uma proporção relativamente expressiva de pontos com quatro a nove pessoas.

Tabela 3.9 – Pontos por número de moradores, por Região

Região	Número de moradores						Total
	1	2	3	4 a 9	10 a 20	21 ou mais	
Noroeste	75 76,5%	12 12,2%	6 6,1%	5 5,1%	0 0,0%	0 0,0%	98 100%
Nordeste	184 66,9%	55 20,0%	15 5,5%	15 5,5%	5 1,8%	1 0,4%	275 100%
Oeste	221 65,6%	67 19,9%	19 5,6%	23 6,8%	6 1,8%	1 0,3%	337 100%
Centro	684 57,1%	201 16,8%	87 7,3%	165 13,8%	41 3,4%	20 1,7%	1198 100%
Centro Sul	150 61,2%	47 19,2%	20 8,2%	26 10,6%	1 0,4%	1 0,4%	245 100%
Sudeste	220 58,5%	77 20,5%	22 5,9%	39 10,4%	10 2,7%	8 2,1%	376 100%
Leste 1	64 58,2%	28 25,5%	11 10,0%	7 6,4%	0 0,0%	0 0,0%	110 100%
Leste 2	47 52,8%	17 19,1%	11 12,4%	12 13,5%	2 2,2%	0 0,0%	89 100%
Sul	41 55,4%	15 20,3%	6 8,1%	10 13,5%	2 2,7%	0 0,0%	74 100%
Total	1686 60,2%	519 18,5%	197 7,0%	302 10,8%	67 2,4%	31 1,1%	2802 100%

3.4 PRESENÇA DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES E GRUPOS FAMILIARES NOS PONTOS

A Fipe incluiu na ficha do ponto duas questões para identificar a presença de crianças/adolescentes e de grupos familiares pernoitando nas ruas da cidade. Embora esse levantamento esteja restrito à identificação da presença ou não desses segmentos da

população nas ruas, considerou-se que as informações levantadas podem constituir indicadores relevantes para o entendimento da atual condição das pessoas em situação de rua, bem como para subsidiar a definição de intervenções específicas para esses segmentos.

Os resultados obtidos revelam uma presença relativamente pouco expressiva de pontos com crianças e adolescentes, bem como de grupos familiares nas ruas. Foram identificados 58 pontos com crianças/adolescentes (2% do total), sendo que 50% deles localizam-se na Área Central da cidade. Os pontos com grupos familiares também são pouco numerosos (34), representando apenas 1,2% do total.

Tabela 3.10 - Pontos com presença de crianças e adolescentes

Presença de crianças ou adolescentes	Número	%	% casos válidos
Sim	58	2,1	2,1
Não	2.707	96,6	97,9
Sem informação	37	1,3	
Total	2.802	100	

Tabela 3.11 - Pontos com presença de crianças e adolescentes na Área Central

Região	Número	%
Central	29	50
Outras regiões	29	50
Total	58	100

Tabela 3.12 - Pontos com presença de grupos familiares

Presença de grupos familiares	Número	%	% casos válidos
Sim	34	1,2%	1,2%
Não	2724	97,2%	98,8%
Sem informação	44	1,6%	
Total	2.802	100%	

3.5 PONTOS COM PRESENÇA DE BARRACAS: DISTRIBUIÇÃO NAS ÁREAS DA CIDADE

Uma das questões surgidas em reuniões com organizações sociais, com técnicos de SMADS e representantes do Movimento Nacional de População em Situação de Rua no início do planejamento do Censo, foi a presença de barracas onde se encontram moradores em situação de rua. Segundo as observações correntes, reforçadas por imagens divulgadas pelos meios de comunicação, a utilização de barracas vem se ampliando nos últimos anos e em algumas áreas já foram incorporadas à paisagem urbana como parte da estratégia de sobrevivência dessa população.

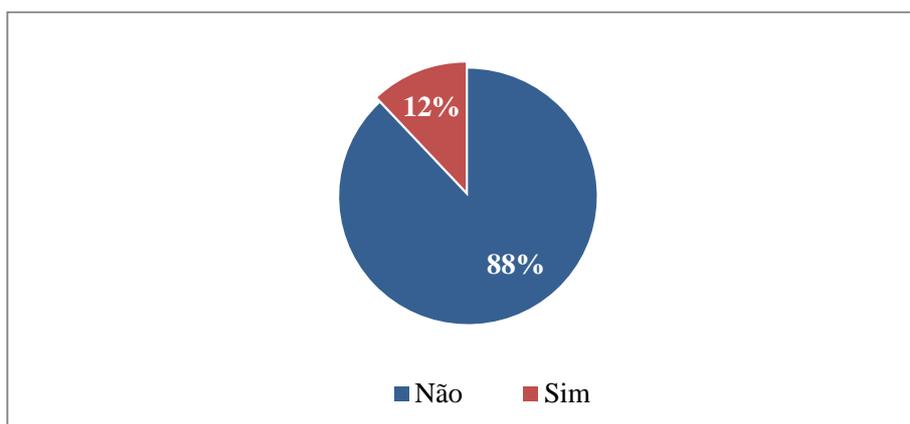
Para o levantamento dessa informação a Fipe introduziu uma questão na ficha do ponto, ausente nos censos anteriores, visando identificar, em cada ponto, o uso de barracas. O preenchimento dessa questão seria feito pela observação do pesquisador e dessa forma, ao final do trabalho de campo seria possível quantificar o número de pontos com barracas.

O resultado do levantamento de campo apontou a existência de 332 pontos de moradores de rua com uso de barracas, o que corresponde a 12% do total de pontos identificados.

Tabela 3.13 - Pontos com presença de barracas

Presença de barracas	Número	%	% Casos válidos
Não	2.440	87,1	88,0
Sim	332	11,8	12,0
Total	2.772	98,9	100
Sem informação	30	1,1	
Total	2.802	100	

Gráfico 3.5 - Pontos com presença de barracas



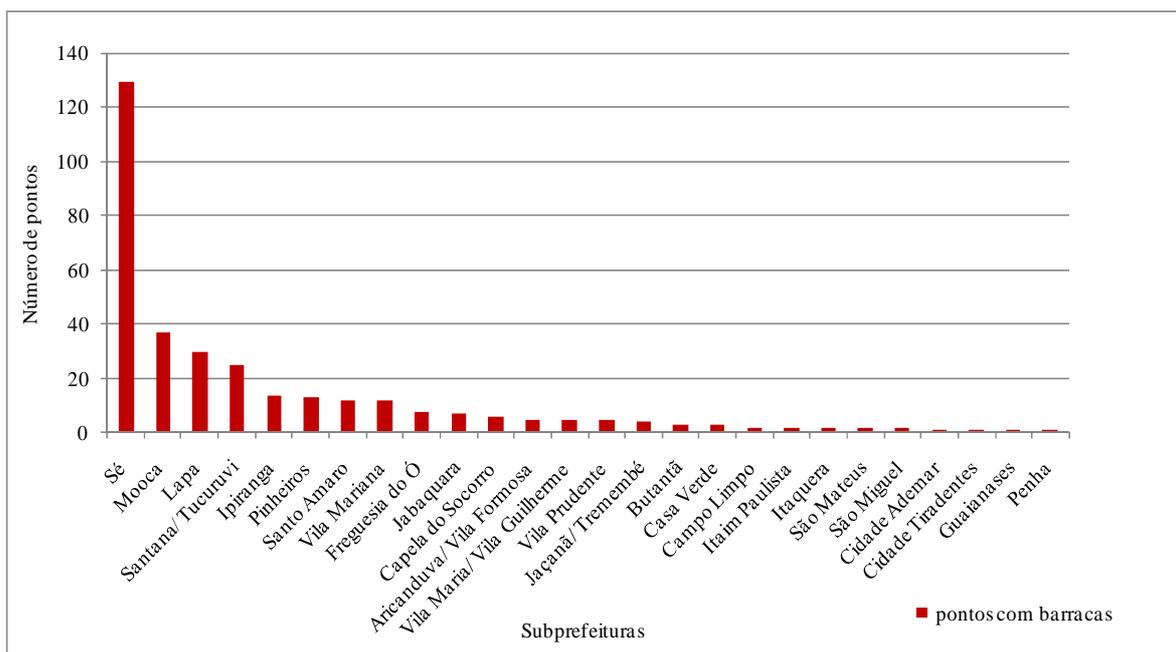
O aspecto que se destaca na distribuição dos pontos com barracas é sua concentração nas áreas mais centrais da cidade. Na Sé encontram-se quase 40% do total, seguida de longe pela Mooca (11%), Lapa (9%) e Santana/Tucuruvi (7,5%). Em conjunto, essas subprefeituras respondem por 67% do total de pontos com barracas.

Tabela 3.14 - Pontos com presença de barracas por Subprefeitura

Subprefeitura	Nº de pontos	%	% Acumulada
Sé	129	38,9%	38,9%
Mooca	37	11,1%	50,0%
Lapa	30	9,0%	59,0%
Santana/ Tucuruvi	25	7,5%	66,6%
Ipiranga	14	4,2%	70,8%
Pinheiros	13	3,9%	74,7%
Santo Amaro	12	3,6%	78,3%
Vila Mariana	12	3,6%	81,9%
Freguesia do Ó	8	2,4%	84,3%
Jabaquara	7	2,1%	86,4%
Capela do Socorro	6	1,8%	88,3%
Aricanduva/ Vila Formosa	5	1,5%	89,8%
Vila Maria/ Vila Guilherme	5	1,5%	91,3%
Vila Prudente	5	1,5%	92,8%
Jaçanã/ Tremembé	4	1,2%	94,0%
Butantã	3	0,9%	94,9%
Casa Verde	3	0,9%	95,8%
Campo Limpo	2	0,6%	96,4%
Itaim Paulista	2	0,6%	97,0%
Itaquera	2	0,6%	97,6%

Subprefeitura	Nº de pontos	%	% Acumulada
São Mateus	2	0,6%	98,2%
São Miguel	2	0,6%	98,8%
Cidade Ademar	1	0,3%	99,1%
Cidade Tiradentes	1	0,3%	99,4%
Guaianases	1	0,3%	99,7%
Penha	1	0,3%	100,0%
Total	332	100%	

Gráfico 3.6 – Pontos com presença barracas por Subprefeitura

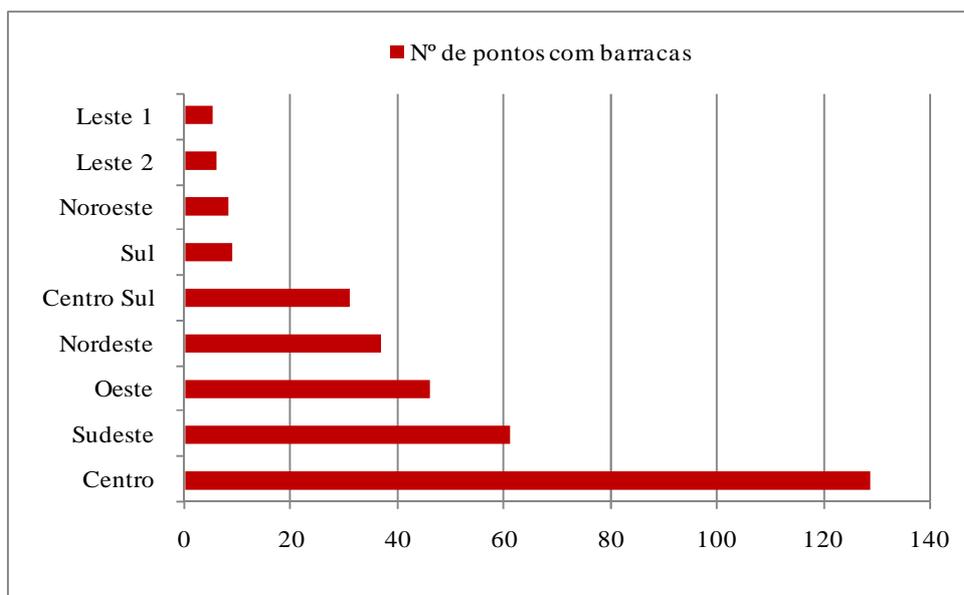


Os dados agregados por Região permitem uma visão de síntese da distribuição dos pontos com barracas no território da cidade. Observa-se que as três regiões Centro, Sudeste e Oeste representam a ampla maioria dos pontos com barracas (71%). Nas regiões mais periféricas como a Sul, Noroeste, Leste 1 e Leste 2 a presença de barracas é menos expressiva.

Tabela 3.15 - Pontos com presença de barracas por região

Região	Nº de pontos	%	% Acumulada
Centro	129	38,9%	38,9%
Sudeste	61	18,4%	57,2%
Oeste	46	13,9%	71,1%
Nordeste	37	11,1%	82,2%
Centro Sul	31	9,3%	91,6%
Sul	9	2,7%	94,3%
Noroeste	8	2,4%	96,7%
Leste 2	6	1,8%	98,5%
Leste 1	5	1,5%	100,0%
Total	332	100%	

Gráfico 3.7 - Pontos com presença de barracas por região

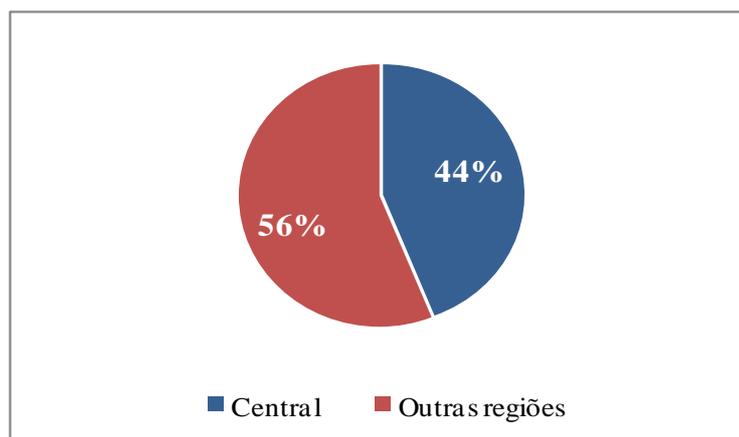


Na região Central ampla, que inclui a subprefeitura Sé e os distritos Pari e Brás, destaca-se a acentuada presença de barracas.

Tabela 3.16 - Pontos com barracas na Região Central

Região	Número	%
Central	146	44%
Outras regiões	186	56%
Total	332	100%

Gráfico 3.8 - Pontos com barracas na Região Central



Outro aspecto deve ser mencionado para a caracterização dessa população que utiliza barracas: os pontos com grande número de moradores são também os que os que mais utilizam barracas. Ou seja, a maior parte dos pontos com barracas são igualmente os que agregam número mais elevado de moradores por ponto.

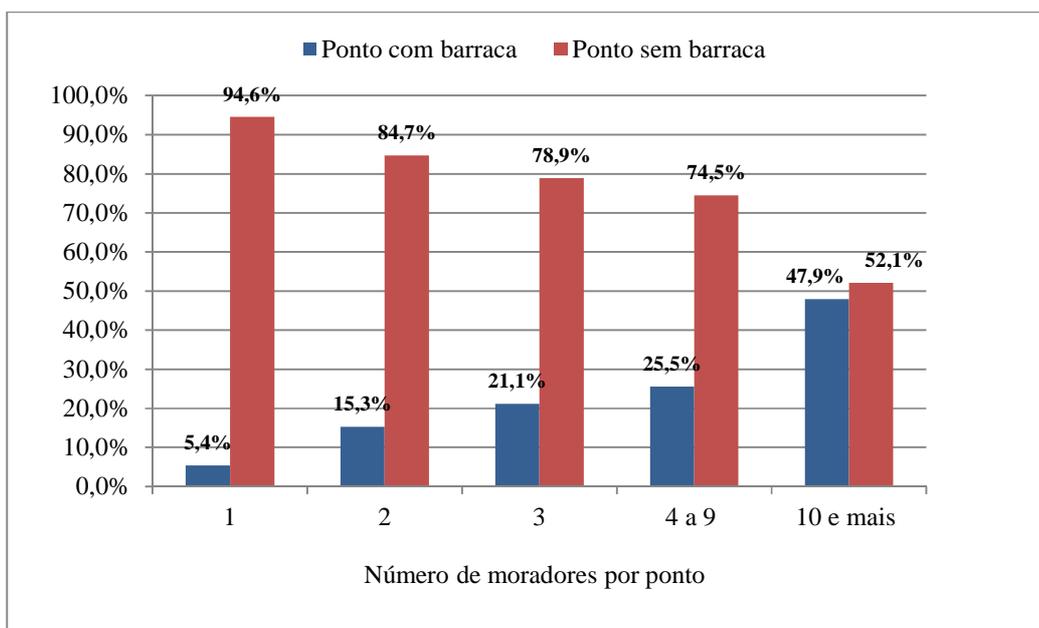
Observa-se na tabela a seguir que há uma relação estreita entre a proporção de pontos com barraca e o número de moradores no ponto. Apenas 5% dos pontos com um morador têm barracas, enquanto no outro extremo, 48% dos pontos com 10 e mais moradores utilizam esse recurso.

O gráfico a seguir é ilustrativo desse aspecto: a proporção de pontos com barracas aumenta como maior número de moradores no ponto e, inversamente, a proporção dos pontos sem barracas diminui quanto mais populosos são os pontos.

Tabela 3.17 - Número de pessoas em situação de rua por pontos com presença de barraca

Número de moradores por ponto	Ponto com barraca	%	Ponto sem barraca	%	Total	%
1	91	5,4%	1.581	94,6%	1672	100%
2	79	15,3%	437	84,7%	516	100%
3	41	21,1%	153	78,9%	194	100%
4 a 9	75	25,5%	219	74,5%	294	100%
10 e mais	46	47,9%	50	52,1%	96	100%
Total	332	12,0%	2.440	88%	2772	100%

Gráfico 3.9 - Número de pessoas em situação de rua por pontos com presença de barraca



A análise estatística fornece elementos que reforçam a evidência de maior concentração de moradores em pontos com presença de barracas. Nos pontos com barracas a média de moradores por ponto é 6,46, enquanto nos sem barracas, a média é 2,08 moradores. O número máximo de pessoas encontradas nos locais com barracas foi 228, e por outro lado, nos sem barracas, o número máximo foi 90 pessoas.

Tabela 3.18– Estatística sobre o número de pessoas em situação de rua, por presença de barracas no ponto

Presença de barracas	Estatística	Valor
Sim	Média	6,46
	Mediana	2
	Desvio-padrão	17,684
	Mínimo	1
	3o Quartil	5
	9o Decil	13
	Máximo	228
Não	Média	2,08
	Mediana	1
	Desvio-padrão	3,562
	Mínimo	1
	3o Quartil	2
	9o Decil	4
	Máximo	90

4. RESULTADOS PARA ACOLHIDOS: INFORMAÇÕES DO LEVANTAMENTO CENSITÁRIO

4.1 TIPOS DE SERVIÇO: CARACTERIZAÇÃO DA REDE E SUA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

O censo da população em situação de rua nos centros de acolhida foi realizado nos 9 distritos censitários e foi feito no mesmo dia em que ocorreu o levantamento nas ruas.

Nos distritos censitários 3 e 4 o trabalho teve que ser refeito nos centros de acolhida. No DC 3 o levantamento ocorreu nos centros de acolhida à tarde mas teve que ser suspenso à noite na rua, em função de mudanças nas condições meteorológicas. No DC 4 novamente a pesquisa nos centros de acolhida já tinha sido realizada, mas houve chuva não prevista durante a realização do levantamento à noite. Esta situação exigiu que fosse feita novamente a contagem dos usuários dos centros de acolhida nos dias em que o levantamento na rua foi realizado.

Foram recenseados todos os serviços conveniados com SMADS destinados ao atendimento da população em situação de rua que oferecem pernoite para os usuários. Além destes foram incluídos os usuários do programa Braços Abertos que possui convênio com a Secretaria do Trabalho.

No mesmo dia em que foi realizado o censo nos centros de acolhida foi feito o levantamento do número de usuários registrados no Sisa, que será utilizado como referência para o número total de acolhidos. Esta definição tem como objetivo garantir a comparabilidade dos números dos censos anteriores, que utilizaram esta metodologia. No entanto, para as demais variáveis do censo serão utilizados os dados levantados na pesquisa.

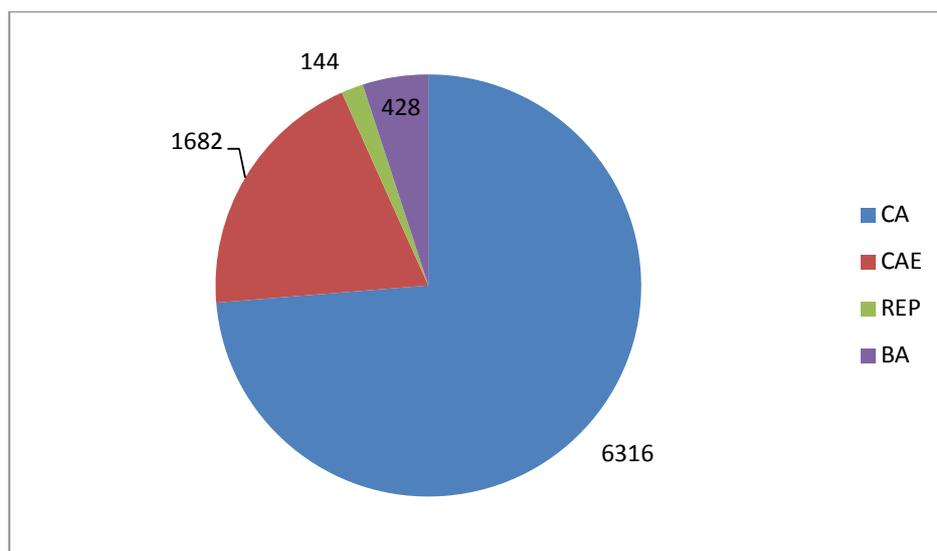
O número total de acolhidos que pernoitam em serviços da rede é 8570. Destes, 95% são usuários de serviços conveniados com SMADS e 5% estão no Programa Braços Abertos.

A maior parte dos acolhidos (74%) está em Centros de Acolhida 16 ou 24 horas que oferecem serviços de pernoite. Nos Centros de Acolhida Especiais estão apenas 20% dos usuários e nas Repúblicas 2% do total.

Tabela 4.1 - Número de acolhidos por tipo de serviço

Tipo	Numero	%
Centro de Acolhida	6316	73,7
Centro de Acolhida especial	1682	19,6
República	144	1,7
Sub total	8142	95,0
Programa Braços Abertos	428	5,0
Total	8570	100,0

Gráfico 4.1 - Nº de acolhidos segundo tipo de serviço



Os 40 serviços que são Centros de Acolhida atendem a maior parte da população em situação de rua (73%). Aproximadamente a metade deles são unidades grandes com capacidade de atendimento de 100 ou mais pessoas. 14 serviços atendem de 101 a 200 pessoas, 6 de 200 a 500 e um, o Arsenal, acolhe mais de mil.

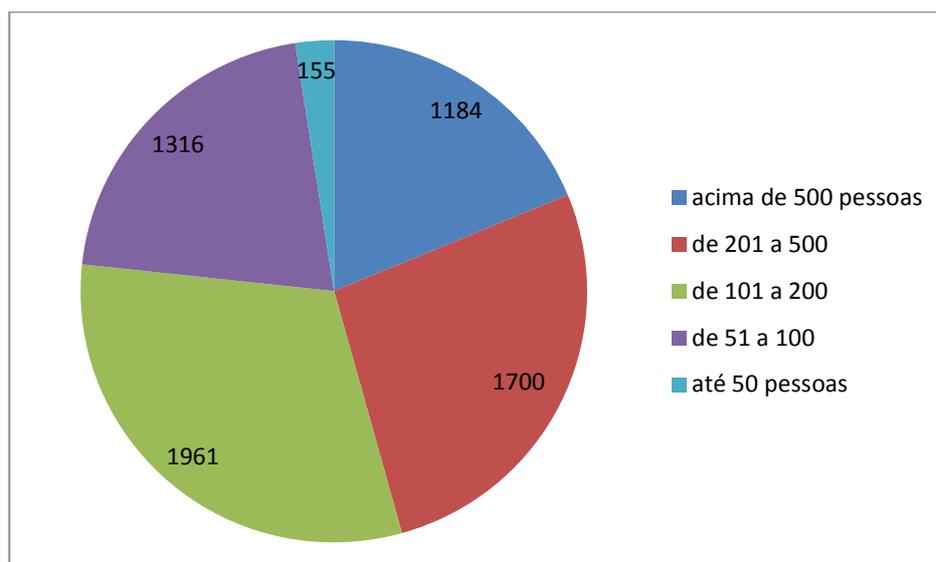
Os serviços que atendem de 51 a 100 pessoas correspondem a 35% do total de equipamentos e apenas 10% acolhem até 50 pessoas.

A maioria dos acolhidos pela rede (76,7%) está em serviços com capacidade de mais de 100 pessoas.

Tabela 4.2 - Número de serviços e de acolhidos nos CAs segundo a capacidade de atendimento

Capacidade de atendimento	nº serviços	%	nº de acolhidos	%
acima de 500 pessoas	1	2,5	1184	18,7
de 201 a 500	6	15,0	1700	26,9
de 101 a 200	14	35,0	1961	31,0
de 51 a 100	15	37,5	1316	20,8
até 50 pessoas	4	10,0	155	2,5
Total	40	100,0	6316	100,0

Gráfico 4.2 - Número de acolhidos nos CAs segundo a capacidade do serviço

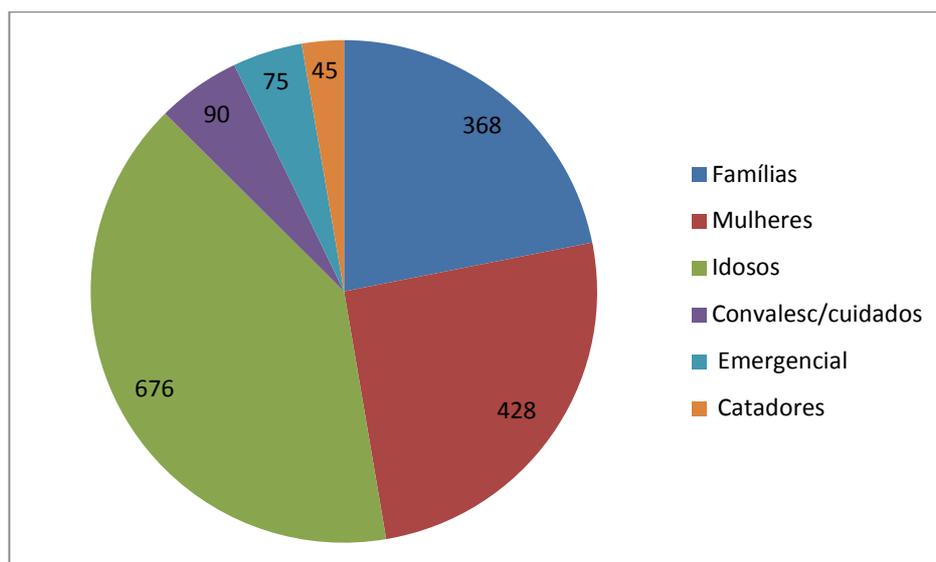


A maior parte dos usuários dos Centros de Acolhida Especiais conveniados com SMADS está em serviços destinados a idosos (40,2%) e, em segundo lugar a mulheres (25,4%) e famílias (21,9%). Há ainda serviços direcionados a convalescentes/cuidados (5%), a catadores (3%) e um serviço emergencial (4%).

Tabela 4.3 - Número de acolhidos por tipo de serviço nos CAEs

Tipo	Numero	%
Famílias	368	21,9
Mulheres	428	25,4
Idosos	676	40,2
Convalesc/cuidados	90	5,4
Emergencial	75	4,5
Catadores	45	2,7
Total	1682	100,0

Gráfico 4.3 - Número de acolhidos por tipo de serviço nos CAEs

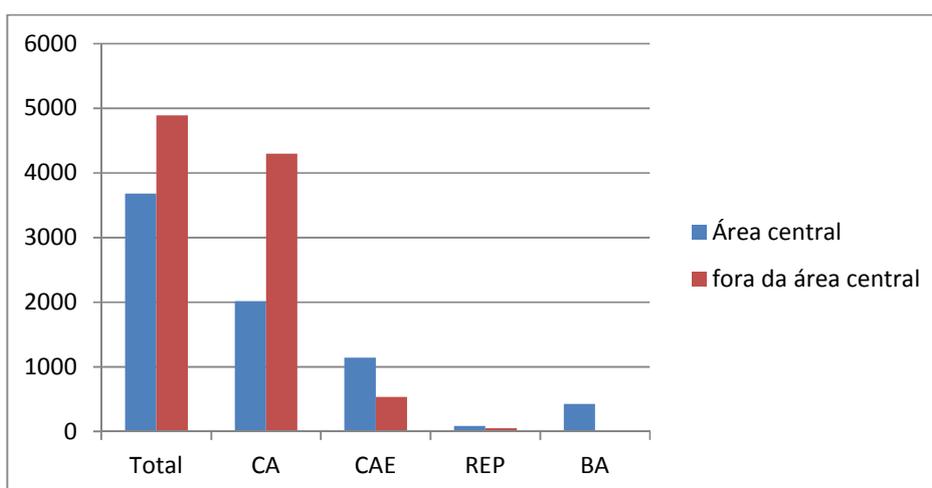


Os serviços estão localizados em grande parte na área central (42,9%) que concentra a população em situação de rua, ainda que 57,1% estejam fora desta região. Em relação ao tipo de serviço observa-se que a concentração dos CAEs e Repúblicas é maior no centro (68,1 e 61,8% respectivamente). O programa Braços Abertos está integralmente na área central. No caso dos CAs 68,1% está fora da Área central. Pesa nesta distribuição o CA Arsenal que atende mais de mil pessoas e está fora do centro.

Tabela 4.4

Tipo de serviço	Área central				Total	
	Sim	%	Não	%	%	
Centro de acolhida	2017	31,9	4299	68,1	6316	100,0
Centro de acolhida especial	1146	68,1	536	31,9	1682	100,0
República	89	61,8	55	38,2	144	100,0
Programa Braços Abertos	428	100,0	0	-	428	100,0
	3680	42,9	4890	57,1	8570	100,0

Gráfico 4.4 - Nº de atendidos na área central e fora por tipo de serviço



PERFIL DOS ACOLHIDOS

A população acolhida pela rede corresponde a mais da metade (53%) do total de pessoas em situação de rua da cidade. No entanto, a maioria declarou já ter dormido na rua (73% dos casos válidos) o que leva a supor que, para parte significativa desta população, há um trânsito entre a rua e os serviços de acolhimento.

Tabela 4.5 - O Sr (a) já dormiu na rua?

Dormiu na rua	Número	%	% casos válidos
Sim	5602	65,4	73,3
Não	2039	23,8	26,7
Sem informação	928	10,8	
Total	8570	100,0	

4.2 VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS: SEXO, IDADE, COR E NACIONALIDADE

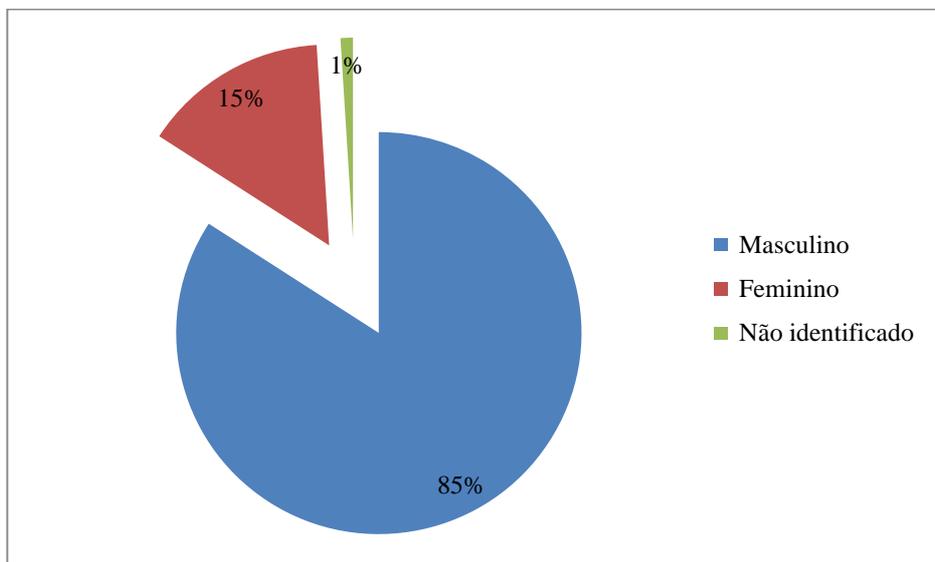
Sexo e Idade

Grande parte dos acolhidos são homens (85% dos casos válidos). Deve-se ressaltar que a proporção de mulheres nos serviços (14%) é bastante próxima da encontrada na rua.

Tabela 4.6 - Acolhidos por sexo

Sexo	Número	%	% casos válidos
Masculino	7228	84,3	85,6
Feminino	1216	14,2	14,4
Não identificado	126	1,5	
Total	8570	100,0	

Gráfico 4.5 - Acolhidos por sexo

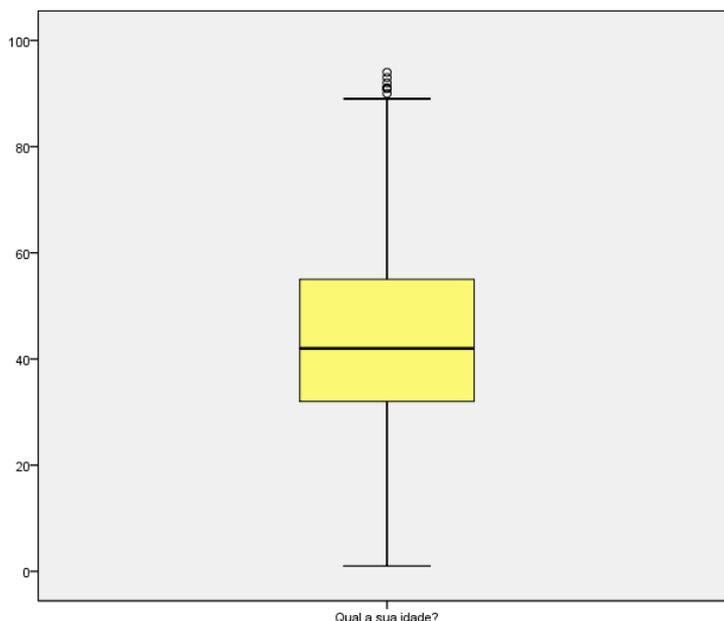


A média de idade dos acolhidos é 42,7 anos, ou seja, ligeiramente superior a encontrada na rua (40 anos). A mediana é 42 anos.

Estatísticas descritivas para a variável Idade

Estatística	Valor
Média	42,7
Mediana	42
Desvio-padrão	16,2
Mínimo	1
Máximo	94
1° Quartil	32
3° Quartil	55

Boxplot da idade

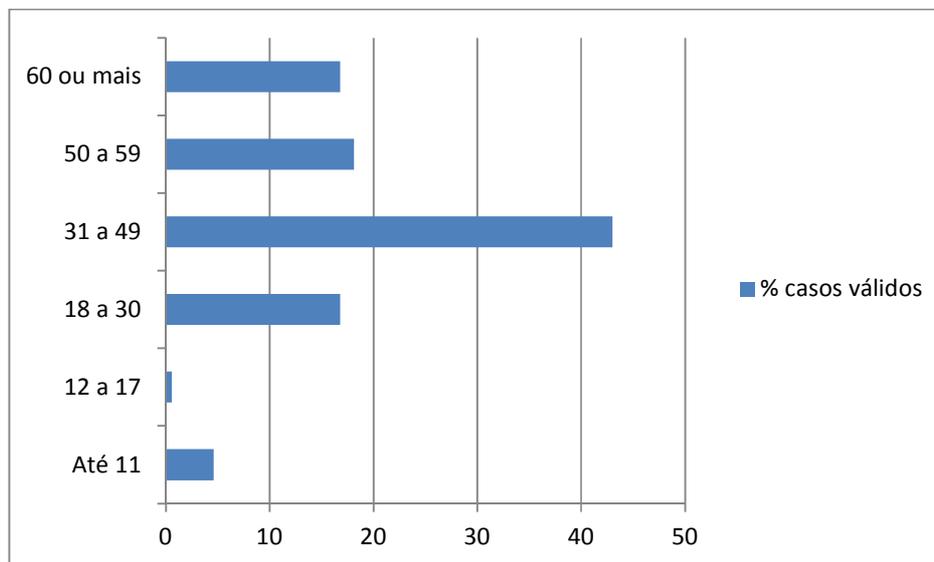


Quase a metade dos acolhidos (43% dos casos válidos) tem de 31 a 49 anos, mas é significativa a presença do grupo com 50 anos e mais (35%), sendo que 17% têm 60 anos ou mais. Os adultos jovens (faixa de 18 a 30 anos) correspondem a 17% do total de atendidos.

Tabela 4.7 - Acolhidos por faixa etária

Faixa etária	N	%	% casos válidos
Até 11	370	4,3	4,6
12 a 17	48	0,6	0,6
18 a 30	1352	15,8	16,8
31 a 49	3461	40,4	43,0
50 a 59	1458	17,0	18,1
60 ou mais	1353	15,8	16,8
Sem informação	527	6,1	
Total	8570	100,0	100,0

Gráfico 4.6 - Idade declarada pelo acolhido



Quando se compara a distribuição etária com base na idade declarada pelos entrevistados e o grupo etário atribuído pelo entrevistador os resultados são bastante próximos

Tabela 4.8 - Grupo etário atribuído pelo pesquisador

Grupo etário	N	%	% casos válidos
Criança	355	4,1	4,4
Adolescente	72	0,8	0,9
Adulto	6389	74,6	79,6
Idoso	1211	14,1	15,1
Sem identificação	543	6,3	
Total	8570	100,0	

As crianças e adolescentes acolhidos na rede são apenas 5% (4% crianças e 1% adolescentes). Trata-se de filhos acompanhados pela família, especialmente por mães, que se encontram principalmente em centros de acolhida especial.

Cor/raça

O conjunto de acolhidos é, em grande parte, composto por não brancos. Há uma pequena diferença nos percentuais quando se compara as tabelas de auto atribuição de cor/raça e as

atribuídas pelo pesquisador. 30% dos entrevistados se consideraram brancos enquanto que 27% foram enquadrados nesta categoria pelo entrevistador. A categoria predominante foi o pardo com quase a metade dos casos (46%) seja na auto atribuição seja na atribuição do pesquisador. A proporção dos que se consideraram pretos é menor na auto atribuição (21%) do que na atribuição do pesquisador (25%). Deve-se observar que em 10 casos em que a auto atribuição foi “amarela” o pesquisador considerou o entrevistado como preto.

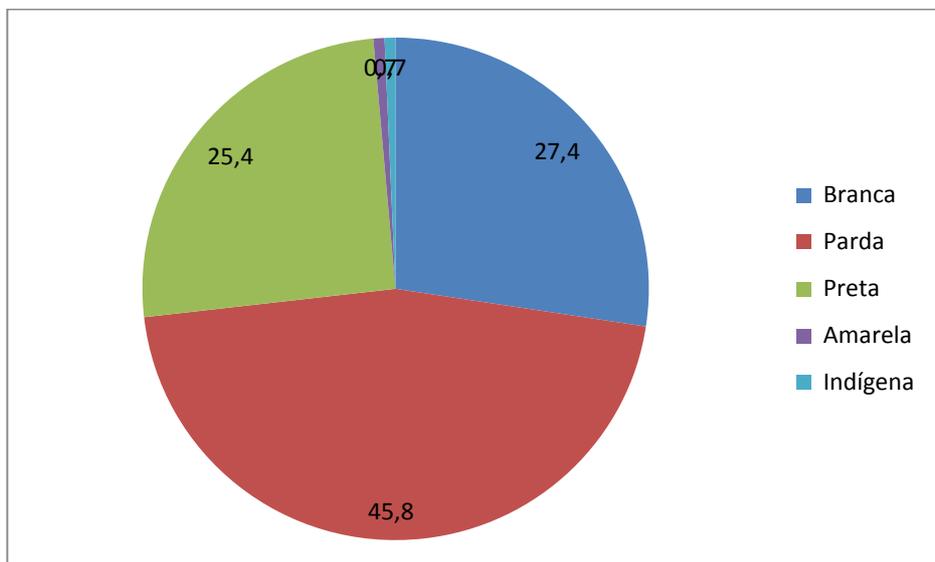
Tabela 4.9 - Cor/raça dos acolhidos auto atribuição

Cor	Número	%	% casos válidos
Branca	2194	25,6	29,6
Parda	3441	40,2	46,4
Preta	1526	17,8	20,6
Amarela	138	1,6	1,9
Indígena	111	1,3	1,5
Não respondeu	1161	86,5	
Total	8570	100,0	

Tabela 4.10 - Cor/raça atribuída pelo pesquisador

Cor atribuída	Número	%	% casos válidos
Branca	2311	27,0	27,4
Parda	3862	45,1	45,8
Preta	2144	25,0	25,4
Amarela	60	0,7	0,7
Indígena	57	0,7	0,7
Não respondeu	136	98,4	
Total	8570	100,0	

Gráfico 4.7 - Cor/raça dos acolhidos



Nacionalidade

Os estrangeiros atendidos pela rede somam 566 pessoas, correspondendo a 7% do total de usuários.

Tabela 4. 11 - Acolhidos brasileiros e estrangeiros

Brasileiro	Número	%	% casos válidos
Sim	7487	87,4	93,1
Não	556	6,5	6,9
Sem informação	527	93,9	
Total	8570	100,0	

4.3 MULHERES COM FILHOS ENTRE OS ACOLHIDOS

É importante observar que a maioria das mulheres atendidas pela rede (75% dos casos válidos) não tem filhos com elas no serviço. As que estão acompanhadas são 209 (25%).

Tabela 4.12 - Mulheres com filhos nos serviços

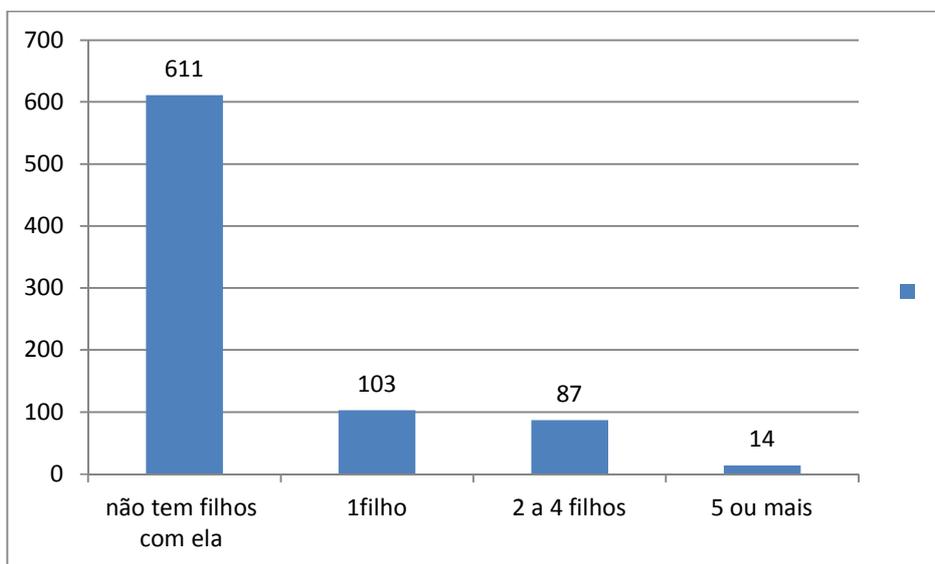
Com filhos no serviço	Número	%	% casos válidos
Sim	209	2,4	25,0
Não	611	7,1	75,0
Sem resposta	396	4,6	
Não se aplica	7354	85,8	
Total	8570	100,0	

13% do total de mulheres atendidas possuem um filho com elas no serviço, 10% estão acompanhadas de 2 a 4 filhos e 3% de 4 ou mais.

Tabela 4.13 - Número de filhos que dormem com a acolhida no serviço

Número de filhos	Número	%	% casos válidos
0	611	7,1	75,0
1	103	1,2	12,6
2	54	0,6	6,6
3	23	0,3	2,8
4	10	0,1	1,2
5	9	0,1	1,1
6	5	0,1	0,6
Sem informação	399	9,5	
Não se aplica	7354	85,8	
Total	8570	100,0	

Gráfico 4.8 - Número de filhos que dormem com a acolhida no serviço



5. GRUPOS DIFERENCIADOS NA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

A população em situação de rua demanda da rede de proteção serviços diferenciados que possam atender a heterogeneidade dos grupos que a compõem, tais como: homens sós, mulheres sós, famílias com filhos, jovens adultos, idosos, e, mais recentemente, estrangeiros.

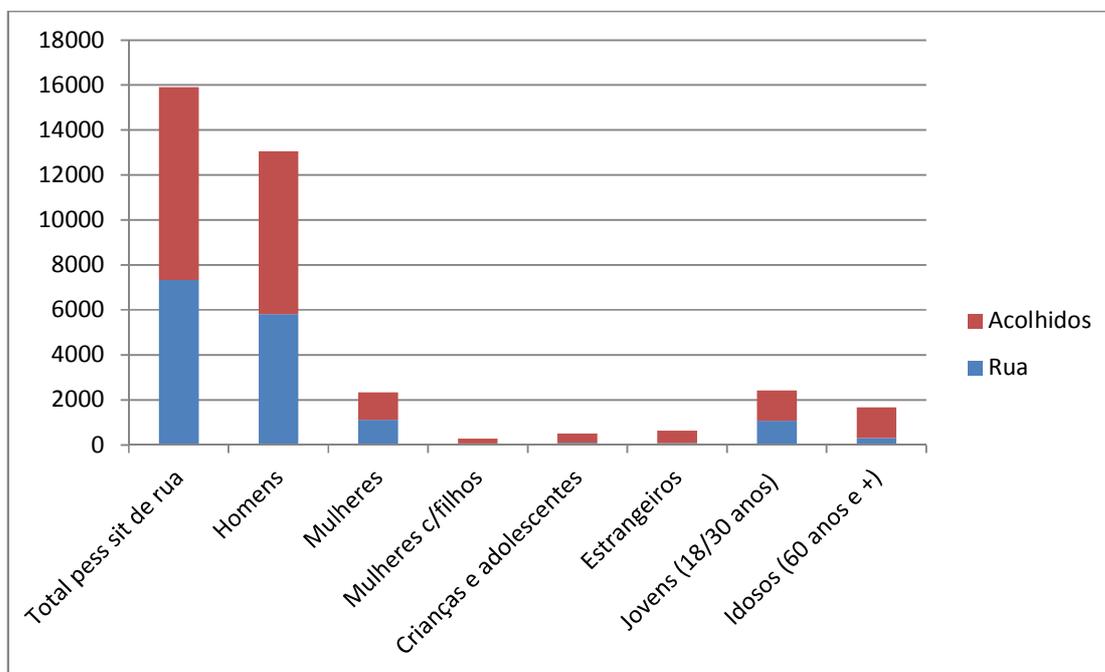
Estas divisões não esgotam a diferenciação de grupos existente na população de rua. Há os grupos que apresentam questões de saúde mental, minorias como os grupos LGBT, os dependentes químicos etc. que exigem atenções especiais que demandam investigações que possam dimensioná-los.

Com base nas variáveis demográficas levantadas no censo, foi possível fornecer algumas informações sobre os grupos específicos e sua dimensão quantitativa, tanto na rua como nos centros de acolhida. A tabela e o gráfico sintetizam estas informações

Tabela 5.1 - Grupos diferenciados na rua e entre os acolhidos

	Rua		Acolhidos	
	Nº	%	Nº	%
Homens	5818	84,0	7228	85,6
Mulheres	1110	16,0	1216	14,4
Mulheres c/filhos	60	11,8	209	25,4
Crianças e adolescentes	87	1,9	418	5,2
Jovens (18/30 anos)	1081	23,5	1352	16,8
Idosos (60 anos e +)	321	7,0	1353	16,8
Estrangeiros	74	1,6	556	6,9
Total pessoas em sit. de rua	7335	100,0	8570	100,0

Gráfico 5.1



HOMENS

A grande maioria dos que estão em situação de rua são homens que geralmente estão sós. Este é o grupo que predomina largamente tanto entre os que estão na rua como entre os acolhidos. O censo encontrou 13046 homens sendo que pouco mais da metade estava acolhido e os demais na rua.

MULHERES

O grupo feminino é bem menor. O censo encontrou na cidade 2326 mulheres sendo aproximadamente a metade delas na rua (1100) e metade em centros de acolhida (1216). Deve-se ressaltar que o grupo de mais de mil mulheres que estão nas ruas apresenta um alto grau de vulnerabilidade, uma vez que enfrentam cotidianamente situações de violência de várias ordens.

MULHERES COM FILHOS

Um grupo que apresenta problemas para ser quantificado é o das famílias que vivem nas ruas. Isto porque as composições de grupos familiares neste contexto apresentam muitas variações que se distanciam do modelo tradicional de família nuclear. Seria necessário um estudo específico sobre famílias na rua para aprofundar o conhecimento. No entanto o censo levantou a informação do número de mulheres que estavam com filhos na rua. No conjunto foram identificadas 269 mulheres que estavam com seus filhos sendo que 209 (77%) estavam abrigadas e 60 se encontravam com os filhos na rua. É possível que este número seja maior na rua uma vez que não se conseguiu a informação para todas as mulheres.

CRIANÇAS E ADOLESCENTES

As crianças e adolescentes encontradas na rua e nos centros de acolhida conveniados com SMADS somam 505 pessoas. Destas, a maioria – 418 - (82%) são crianças e adolescentes que estão nos centros de acolhida acompanhadas da família/mãe. Dormindo na rua foram recenseadas 87 crianças e adolescentes.

Deve-se observar que este número não pode ser visto como o total de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade uma vez que não estão incluídos os que se encontram em abrigo destinados a crianças e adolescentes. Entre dezembro de 2014 e março de 2015 foram encaminhadas ao Saica 128 crianças e adolescentes cujo motivo de acolhimento foi estar em situação de rua.

JOVENS (18 a 30 anos)

O grupo de jovens adultos na rua, na faixa de 18 a 30 anos soma 2433 pessoas, sendo que mais da metade (1352) está nos centros de acolhida e o restante (1081) na rua.

IDOSOS (60 anos e mais)

O grupo de idosos com 60 anos e mais é menor que o dos jovens. Foram encontrados nesta faixa 1674 pessoas. Destes a grande maioria (80%) estão nos centros de acolhida: 1353

pessoas. No entanto, a presença de 321 pessoas na rua com 60 anos e mais indica a presença de um grupo em situação de grande vulnerabilidade.

ESTRANGEIROS

O número de imigrantes vem crescendo na cidade de São Paulo e o censo procurou quantificar quantos deles estavam em situação de rua. Foram encontrados 74 estrangeiros dormindo nas ruas e 556 nos centros de acolhida. Ainda que o número não seja tão expressivo é bastante significativo seu crescimento nos últimos anos. Em 2011 foram encontrados na rua 29 estrangeiros, ou seja, o número foi além do dobro em 2015. Entre os acolhidos em 2011, havia 85 estrangeiros nos centros de acolhimento conveniados com SMADS¹⁵ e atualmente são 556, ou seja, o número cresceu mais de 6 vezes em 4 anos.

PERNOITE NA RUA E EM CENTROS DE ACOLHIDA

Uma outra característica que diferencia grupos é o fato de pernoitar na rua ou em centros de acolhida. Alguns moradores de rua nunca foram para abrigos. Inversamente parte dos acolhidos nunca dormiu na rua. A tabela e gráfico apresentados a seguir mostram que a maior parte da população de rua (68,8%) já passou pelas duas situações. Dois grupos menores só dormiram na rua (14,7%) ou só dormiram em centros de acolhimento (16,5%)

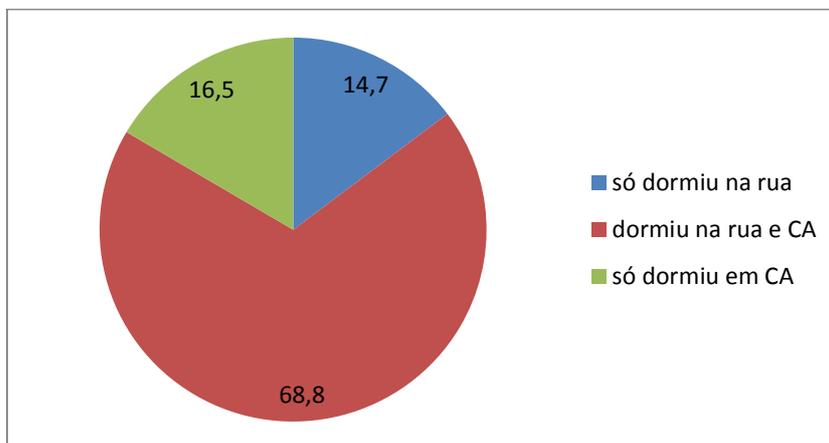
Tabela 5.2 - Pernoite na rua e em Centros de acolhida*

Abordagem	só dormiu na rua	%	dormiu na rua e CA	%	só dormiu em CA	%	Total	%
Rua	1811	38,7	2.873	61,3	-	-	4684	100,0
Centro de Acolhida	-	-	5602	73,3	2039	26,7	7641	100,0
Total	1811	14,7	8475	68,8	2039	16,5	12325	100,0

* exclui os sem informação

¹⁵ Não está incluído neste número de 85 os 399 estrangeiros que o censo de 2011 registra como acolhidos pela Casa do Migrante porque este serviço não faz parte da rede conveniada com Smads.

Gráfico 5.2



Grupos diferenciados entre os acolhidos

Entre os acolhidos, os grupos descritos anteriormente assumem características diversas em relação à idade, cor, tipo de serviço que frequentam e experiência de pernoite na rua. A tabela e gráficos apresentados a seguir resumem estas informações.

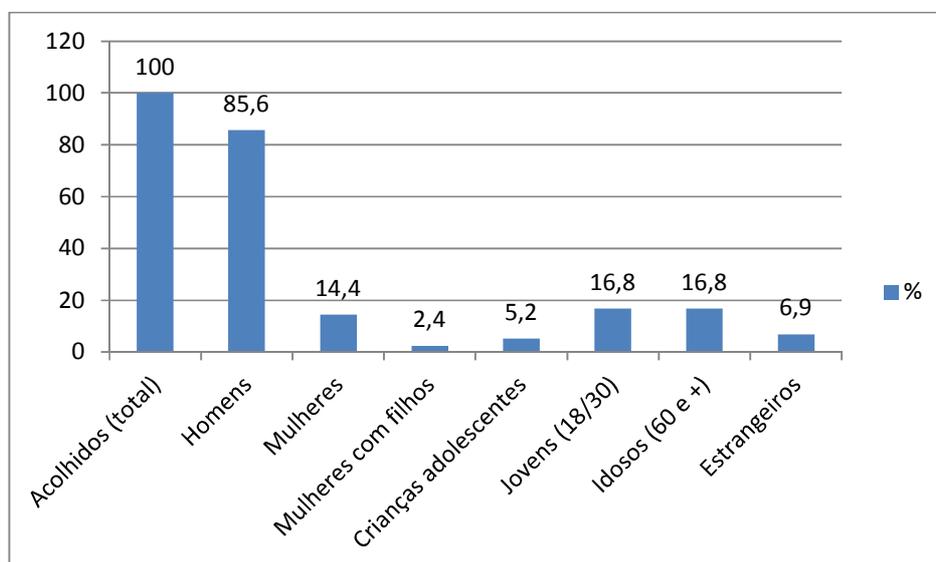
Tabela 5.3 - Grupos de acolhidos por tipo de serviço, idade média, cor/raça e pernoite na rua

	Nº	%	Tipo de serviço			Idade (anos) média	Cor		Pernoite na rua %
			CAAs	CAEs	Rep		Bco	Não bco	
Acolhidos (total)	8570	100,0	77,3	20,9	1,8	42,6	29,6	70,4	73,3
Homens	7228	85,6	83,4	14,8	1,8	43,6	29,6	70,4	76,1
Mulheres	1216	14,2	36,7	61,8	1,5	36,9	30,8	69,2	54,8
Mulheres c/filhos	209	2,4*	22,6	77,4	-	33,0	22,3	77,7	50,0
Crianças e adolescentes	418	5,2	21,3	78,7	-	5,8	32,5	67,5	32,1
Jovens (18/30 anos)	1352	16,8	85,4	11,8	2,8	25,5	19,5	80,5	74,5
Idosos (60 anos e +)	1353	16,8	43,7	55,4	0,8	65,8	35,9	64,1	60,7
Estrangeiros	556	6,5	81,9	15,4	2,7	35,5	21,9	78,1	35,2

*25,4 % em relação ao total de mulheres para as quais há informação se tem filhos em sua companhia.

A maior parte dos acolhidos pela rede são homens (85,6%). As mulheres são apenas 14,4% dos atendidos sendo que as com filhos são 2,4%. Estas correspondem a 25,4% do total de mulheres acolhidas. As crianças e adolescentes, que estão com a família nos serviços são apenas 5,2% do total de acolhidos. Os estrangeiros correspondem a 6,9%. Os adultos jovens (de 18 a 30 anos) e os idosos (com 60 anos e mais) apresentam número de acolhidos semelhante, cada um representando 16,8% do total.

Gráfico 5.3 - % dos grupos em relação ao total de acolhidos



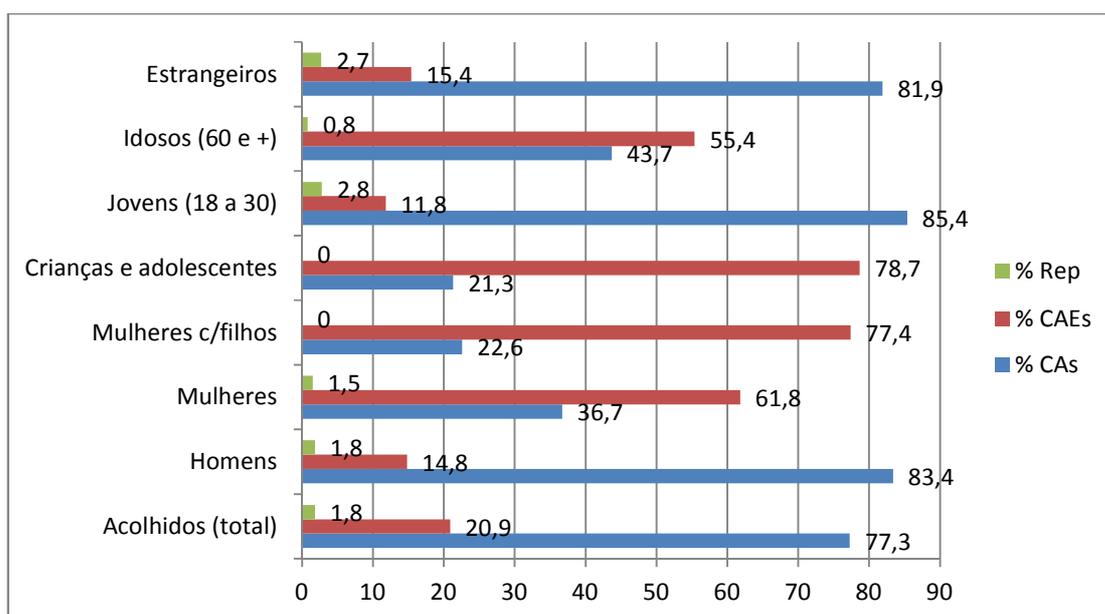
Em relação ao tipo de serviço em que são atendidos há variações. Os idosos, mulheres, mulheres com filhos e as crianças e adolescentes que as acompanham estão em maior proporção nos serviços especiais, ainda que parte deles esteja alocado em CAs: 36,7% do total das mulheres e 22,6% das mulheres com filhos encontram-se nesta situação.

Entre os idosos a proporção é maior, estão em CAs 43,7% deles.

Em relação aos estrangeiros há um CAE específico para eles. No entanto, a maioria está em CAs. Há estrangeiros em 55 dos serviços da rede de acolhida. Entre as mulheres com filhos acolhidas pela rede 13% são estrangeiras (28 mulheres).

Os jovens estão principalmente nos CAs. É muito pequena a proporção de jovens em CAEs (11,8%), ou seja, não há serviços específicos para eles.

Gráfico 5.4 - % de frequência de acolhidos nos grupos específicos por diferentes tipos de serviços

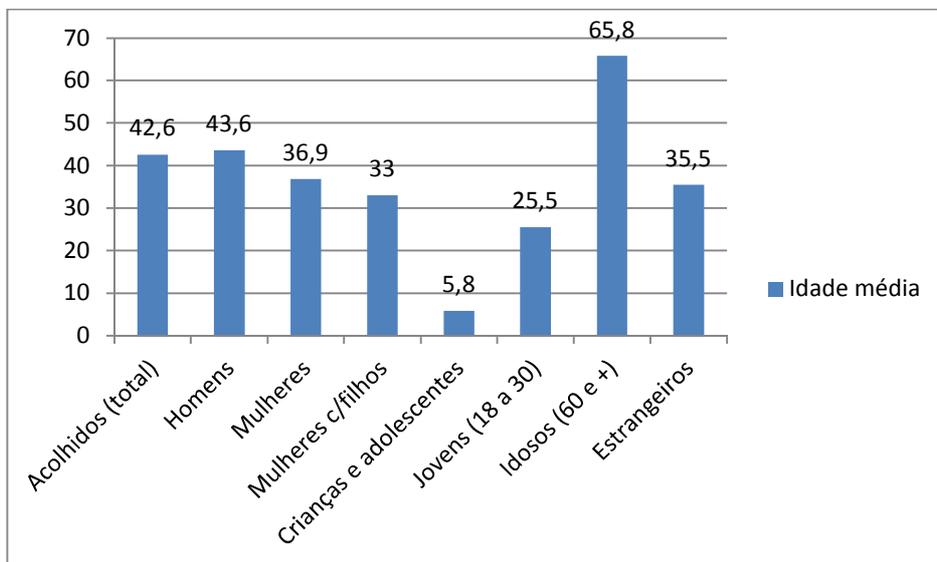


A idade média dos acolhidos é 42,6 anos. Há algumas variações quando se compara os diferentes grupos. A idade média das mulheres é um pouco mais baixa (36,9), principalmente das mulheres com filhos (33 anos). Estes são, na maioria, crianças. A média de idade do grupo é 5,8 anos.

Os jovens têm idade média de 25 anos. Os idosos 65 anos.

Entre os estrangeiros a média é mais baixa do que para o conjunto dos acolhidos 35,5 anos.

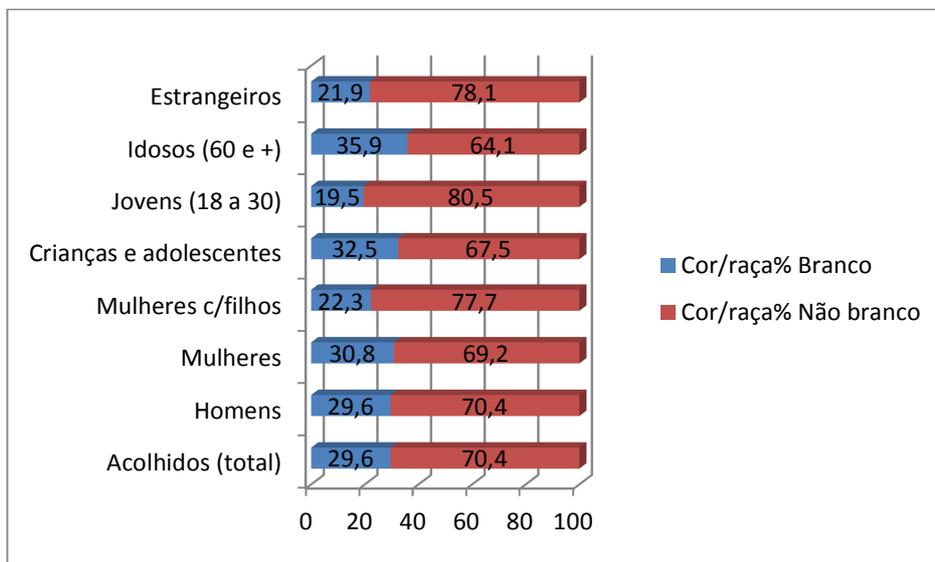
Gráfico 5.5 - Idade média por grupos específicos



Com relação à cor/raça uma observação deve ser feita. Em três grupos específicos a proporção de não brancos é superior a média, que é de 70%: Jovens (80%) Mulheres com filhos (77,7%) e estrangeiros (78,1%). Neste último grupo há 61% de acolhidos que se consideraram pretos. Trata-se provavelmente de imigrantes africanos.

O grupo que possui a maior proporção de brancos (35,9%) é o de idosos.

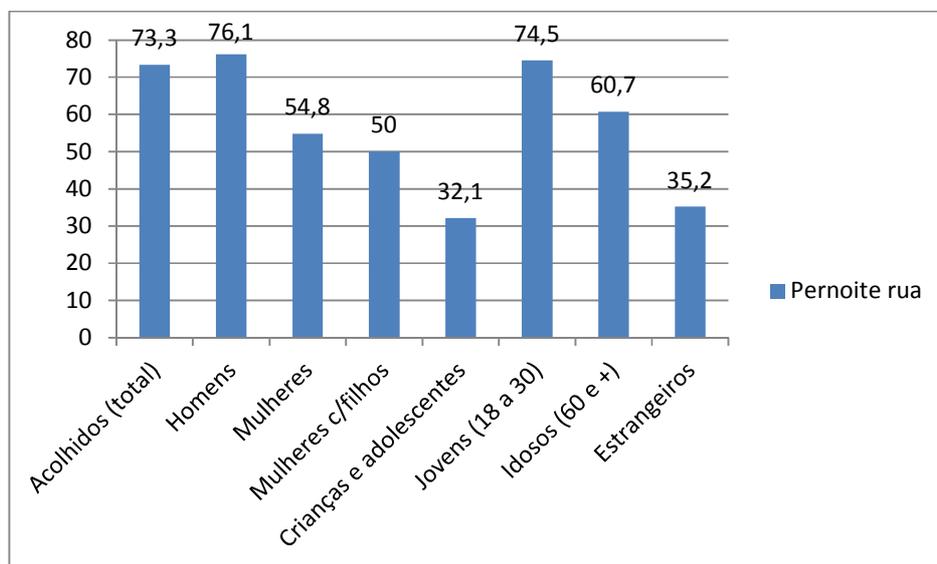
Gráfico 5.6 - % de acolhidos por grupos específicos Cor/raça



Grande parte dos acolhidos já pernoitaram na rua (73%) mas há diferenças quando se considera os grupos específicos. A proporção dos que já dormiram na rua é maior entre o conjunto de homens (76,1%) e dos jovens (74,5%). Entre os idosos (60,7%) afirmaram já ter dormido na rua.

Os grupos de acolhidos onde é menor a proporção dos que dormiram na rua são as mulheres e as mulheres com filhos, em que aproximadamente a metade afirmou não ter dormido na rua. A menos proporção dos que dormiram na rua ocorre entre os estrangeiros (35,2%)

Gráfico 5.7 - % de acolhidos que pernoitaram na rua por grupos específicos



Resumindo sobre os grupos de acolhidos

HOMENS (7228 pessoas) - maior contingente atendido, especialmente nos CAs, com idade média de 43 anos, na maioria não branco, e que já dormiu na rua.

MULHERES (1216 pessoas) – grupo menos expressivo quantitativamente, atendido principalmente nos CAEs mas também presente nos CAs, com idade média inferior ao grupo masculino, 35 anos, na maioria não branca. Aproximadamente metade do grupo nunca dormiu na rua.

MULHERES COM FILHOS (209 pessoas) – grupo correspondente a apenas 2,4% do conjunto dos atendidos mas que representa 25% das mulheres acolhidas. Grande parte (77%) atendidas pelos CAEs mas com presença nos CAs. Idade média de 33 anos com uma proporção acentuada de não brancos (77,7%)

CRIANÇAS E ADOLESCENTES (418 pessoas) – grupo acompanhado da família/mãe, na maioria crianças, com idade média de 5,8 anos, sendo que 67,7 nunca dormiram na rua. Grande parte acolhida nos CAEs (78%)

JOVENS (1352 pessoas) - grupo com idade entre 18 e 30 anos, correspondente a 16% dos atendidos, na grande maioria (85%) acolhidos nos CAs, com idade média de 25 anos com uma proporção de não brancos (80%) superior ao conjunto de acolhidos. Grande parte (74%) dormiu na rua.

IDOSOS (1353 pessoas) – grupo de pessoas com 60 anos e mais que corresponde a 16% dos atendidos. Mais da metade acolhidos nos CAEs e os demais frequentando os CAs. Idade média de 65 anos, com 35% de brancos, proporção superior a encontrada no conjunto (29%). 60% dormiram na rua alguma vez, proporção menor do que a encontrada para o total de acolhidos (73%)

ESTRANGEIROS (556 pessoas) – grupo que corresponde a 6% dos acolhidos, mas vem crescendo nos últimos anos. Frequentam 55 serviços da rede, sendo atendidos em grande parte pelos CAs (81%). Há 28 mulheres estrangeiras com filhos acolhidos em CAEs. A idade média do grupo é 35,5 anos e a proporção de não brancos superior (78%) a encontrada no conjunto dos acolhidos (70%).

6. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Como discutido no item referente à definição da população de pessoas em situação de rua, vários grupos em condições de vulnerabilidade guardam proximidade com ela. Apesar disto, não se encontram em “situação de rua” e não são incluídos na definição. Não foram, portanto, enumerados pelo levantamento censitário.

Apesar de não incluídos na contagem, a Fipe examinou os grupos vulneráveis com maior proximidade das pessoas em situação de rua, avaliando, quando possível, seu número, e certificando-se do critério de exclusão. Foram examinadas as ocupações pelos movimentos de moradia da cidade, os serviços de longa permanência para idosos, as instituições de abrigo, para crianças e adolescentes. Foi incluída nessa análise a Missão Paz, centro de acolhimento de imigrantes.

OCUPAÇÕES

No que diz respeito às ocupações, a Fipe obteve informações da Secretaria Municipal de Habitação (Sehab), entrevistando responsável técnico pela CAS – Coordenação de Gestão do Atendimento Social. O contato com Sehab deixou evidente que as pessoas que se encontram nas ocupações são público alvo de programas e intervenções habitacionais e sua condição, enquanto presentes nessas ocupações, não configura “situação de rua”. Como grupo em condições de vulnerabilidade, deve-se reconhecer que a possibilidade de ida para as ruas é real.

Segundo a Secretaria há, apenas na área central, 49 ocupações com uma permanência média de 2 anos, onde estão alojadas 6308 famílias. Destas, 4623 famílias estão cadastradas em Habi, sendo a maioria (3975) de baixíssima renda, correspondente a Faixa I do programa Minha casa minha vida. Considerando-se uma média de 4 pessoas por família teríamos uma estimativa de 20 a 25 mil pessoas nestas ocupações.

Tabela 6.1 - Ocupações Área central (49)

Famílias pré cadastradas	6308	
Famílias cadastradas HABI SP	4623	3975 (Faixa I *)
		648 (Faixa 2*)

*do Programa Minha Casa minha Vida

O desfecho dessas ocupações se traduz em reintegração, reformas ou, mesmo, manutenção da ocupação. Cabe apontar que pessoas ou famílias que eventualmente, durante o período de realização do censo, passaram das ocupações às ruas foram, certamente, incluídas no recenseamento.

ILPI

Outra modalidade a ser considerada é a Instituição de Longa Permanência para Idosos – Ilpi, que acolhe pessoas idosas em situação de vulnerabilidade e risco, mas que não têm passagem pela rua, ou seja, não são consideradas pessoas em situação de rua. Este serviço, diferentemente dos demais centros de acolhida, permite que o idoso permaneça por tempo

indeterminado. Atualmente existem 9 serviços dessa modalidade com capacidade total de 330 vagas.

SAICA

O Saica é um serviço de proteção social especial de alta complexidade, de caráter provisório e excepcional, que tem a finalidade de oferecer acolhida a crianças e adolescentes cujas famílias ou responsáveis encontram-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção. Funciona como moradia transitória até que seja viabilizado o retorno à família de origem ou o encaminhamento para abrigo conforme determinação judicial (procedimento realizado através da Vara da Infância e da Juventude). Neste sentido não se destina especificamente a crianças e adolescentes em situação de rua.

Consultando os registros do Saica foram identificadas¹⁶ 128 crianças e adolescentes que foram acolhidas nos abrigos de dezembro de 2014 a março de 2015.

Destes, no final de março de 2015, mais da metade continuava abrigada, 60 permaneceram no abrigo e 15 foram transferidos para outros serviços. 45 tiveram saída não autorizada. Apenas 2 foram reintegrados à família e dois encaminhados para família substituta, ou seja, a maioria permaneceu em situação de vulnerabilidade, não se sabe se em situação de rua.

¹⁶ Fonte: Relatório de Reordenamento dos Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes, Março 2015.

**Tabela 6.2 - Crianças e adolescentes abrigadas por estar em situação de rua dez
2014/mar2015**

Situação em março de 2015	N	%
Permanecem no abrigo	60	47,2
Transferidas para outro serviço	15	11,8
Saída não autorizada	45	35,4
Recambio	2	1,6
Saída por Limite de idade	1	0,8
Reintegração familiar	2	1,6
Adoção/Família substitua	2	1,6
s/inform	1	0,8
Total	128	100,0

MISSÃO DA PAZ

A Missão Paz de São Paulo está situada no bairro do Glicério, Sé e atende imigrantes e refugiados por meio de diversos serviços, incluindo a assistência às necessidades mais imediatas.

A casa do Migrante é um destes serviços que abriga imigrantes. Não possui vínculo com a administração municipal – SMADS. No ano de 2005, após um ano de convênio, a administração da Missão julgou inviável a parceria por entender que o imigrante não possui as mesmas necessidades que os moradores de rua e por não se tratar de uma população potencialmente moradora de rua.

Durante o período em que fizeram convênio com SMADS houve problemas de convivência entre imigrantes e moradores de rua. Segundo a concepção dessa instituição, os imigrantes devem ficar em moradias separadas devido as diferenças de costumes e de necessidades.

Atualmente a Casa do Migrante possui 110 vagas para atendimento. Em 2011 tinham 157 vagas sendo 133 para homens e 24 para mulheres. Porém, hoje nas 110 vagas há uma

rotatividade infinitamente maior da que havia em 2011 devido ao aumento do número de imigrantes africanos que chegam periodicamente a São Paulo.

As situações descritas mostram grupos com alto grau de vulnerabilidade que tangenciam a vida pela população em situação de rua. No entanto, estas pessoas não se encontram na situação de rua estrito senso, ou seja, dormem na rua ou em abrigos da rede de proteção social.

ANEXOS

ANEXO I: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS MORADORES DE RUA E ACOLHIDOS

SUBPREFEITURA, REGIÕES E DISTRITOS MUNICIPAIS.

DISTRIBUIÇÃO DOS MORADORES DE RUA, SUBPREFEITURA, 2015.

Subprefeitura	Moradores de rua	%	Frequência cumulativa
1 Aricanduva/ Vila Formosa	56	,8	,8
2 Butantã	53	,7	1,5
3 Campo Limpo	39	,5	2,0
4 Capela do Socorro	99	1,3	3,4
5 Casa Verde	55	,7	4,1
6 Cidade Ademar	15	,2	4,3
7 Cidade Tiradentes	24	,3	4,6
8 Ermelino Matarazzo	18	,2	4,9
9 Freguesia do Ó	99	1,3	6,2
10 Guaianases	29	,4	6,6
11 Ipiranga	96	1,3	7,9
12 Itaim Paulista	81	1,1	9,1
13 Itaquera	36	,5	9,5
14 Jabaquara	140	1,9	11,5
15 Jaçanã/ Tremembé	65	,9	12,3
16 Lapa	414	5,6	18,0
17 M Boi Mirim	13	,2	18,2
18 Mooca	842	11,5	29,6
19 Parelheiros	1	,0	29,7
20 Penha	71	1,0	30,6
21 Perus	6	,1	30,7
22 Pinheiros	215	2,9	33,6
23 Pirituba/ Jaraguá	36	,5	34,1
24 Santana/ Tucuruvi	275	3,7	37,9
25 Santo Amaro	199	2,7	40,6
26 São Mateus	63	,9	41,4
27 São Miguel	75	1,0	42,5
28 Sapopemba	32	,4	42,9
29 Sé	3863	52,7	95,6

Subprefeitura	Moradores de rua	%	Frequência cumulativa
30 Vila Maria/ Vila Guilherme	121	1,6	97,2
31 Vila Mariana	146	2,0	99,2
32 Vila Prudente	58	,8	100,0
Total	7335	100,0	

DISTRIBUIÇÃO DOS MORADORES DE RUA, POR REGIÃO, 2015.

Região	Moradores de rua	%	Frequência cumulativa
1 Noroeste	141	1,9	1,9
2 Nordeste	516	7,0	9,0
3 Oeste	682	9,3	18,3
4 Centro	3863	52,7	70,9
5 Centro Sul	485	6,6	77,5
6 Sudeste	1084	14,8	92,3
7 Leste 1	188	2,6	94,9
8 Leste 2	209	2,8	97,7
9 Sul	167	2,3	100,0
Total	7335	100,0	

DISTRIBUIÇÃO DOS MORADORES DE RUA, POR DISTRITO MUNICIPAL, 2015.

Distritos Municipais	Moradores de rua	%	Frequência cumulativa
1 Água Rasa	7	,1	,1
2 Alto de Pinheiros	12	,2	,3
4 Aricanduva	15	,2	,5
5 Artur Alvim	18	,2	,7
6 Barra Funda	120	1,6	2,3
7 Bela Vista	206	2,8	5,2
8 Belém	102	1,4	6,5
9 Bom Retiro	172	2,3	8,9
10 Brás	339	4,6	13,5
11 Brasilândia	19	,3	13,8

Distritos Municipais	Moradores de rua	%	Frequência cumulativa
12 Butantã	36	,5	14,3
13 Cachoeirinha	10	,1	14,4
14 Cambuci	112	1,5	15,9
15 Campo Belo	69	,9	16,9
16 Campo Grande	3	,0	16,9
17 Campo Limpo	23	,3	17,2
19 Capão Redondo	14	,2	17,4
20 Carrão	24	,3	17,7
21 Casa Verde	22	,3	18,0
22 Cidade Ademar	15	,2	18,2
23 Cidade Dutra	79	1,1	19,3
24 Cidade Líder	7	,1	19,4
25 Cidade Tiradentes	24	,3	19,7
26 Consolação	165	2,2	22,0
27 Cursino	2	,0	22,0
28 Ermelino Matarazzo	11	,1	22,2
29 Freguesia do Ó	80	1,1	23,3
30 Grajaú	10	,1	23,4
31 Guaianases	29	,4	23,8
33 Ipiranga	92	1,3	25,0
34 Itaim Bibi	50	,7	25,7
35 Itaim Paulista	47	,6	26,4
36 Itaquera	18	,2	26,6
37 Jabaquara	140	1,9	28,5
38 Jaçanã	59	,8	29,3
39 Jaguará	27	,4	29,7
40 Jaguaré	7	,1	29,8
41 Jaraguá	6	,1	29,9
43 Jardim Helena	12	,2	30,0
44 Jardim Paulista	99	1,3	31,4
45 Jardim São Luís	13	,2	31,6
46 José Bonifácio	11	,1	31,7
48 Lapa	97	1,3	33,0
49 Liberdade	160	2,2	35,2

Distritos Municipais	Moradores de rua	%	Frequência cumulativa
50 Limão	23	,3	35,5
51 Mandaqui	26	,4	35,9
53 Moema	44	,6	36,5
54 Moóca	175	2,4	38,9
55 Morumbi	5	,1	38,9
56 Parelheiros	1	,0	39,0
57 Pari	50	,7	39,6
60 Penha	46	,6	40,3
61 Perdizes	29	,4	40,7
62 Perus	6	,1	40,7
63 Pinheiros	54	,7	41,5
64 Pirituba	11	,1	41,6
65 Ponte Rasa	7	,1	41,7
67 República	718	9,8	51,5
68 Rio Pequeno	11	,1	51,7
69 Sacomã	2	,0	51,7
70 Santa Cecília	1019	13,9	65,6
71 Santana	239	3,3	68,8
72 Santo Amaro	127	1,7	70,6
73 São Domingos	19	,3	70,8
74 São Lucas	14	,2	71,0
75 São Mateus	60	,8	71,8
76 São Miguel	57	,8	72,6
77 São Rafael	3	,0	72,7
78 Sapopemba	32	,4	73,1
79 Saúde	25	,3	73,4
80 Sé	1311	17,9	91,3
81 Socorro	10	,1	91,4
82 Tatuapé	169	2,3	93,7
83 Tremembé	6	,1	93,8
84 Tucuruvi	10	,1	94,0
85 Vila Andrade	2	,0	94,0
86 Vila Curuçá	34	,5	94,5
87 Vila Formosa	17	,2	94,7

Distritos Municipais	Moradores de rua	%	Frequência cumulativa
88 Vila Guilherme	23	,3	95,0
89 Vila Jacuí	6	,1	95,1
90 Vila Leopoldina	134	1,8	96,9
91 Vila Maria	79	1,1	98,0
92 Vila Mariana	77	1,0	99,0
93 Vila Matilde	7	,1	99,1
94 Vila Medeiros	19	,3	99,4
95 Vila Prudente	44	,6	100,0
96 Vila Sônia	1	,0	100,0
Total	7335	100,0	

DISTRIBUIÇÃO DOS ACOLHIDOS, POR SUBPREFEITURA, 2015

Subprefeitura	Acolhidos	%
Mooca	2792	32,6
Sé	2439	28,5
Lapa	968	11,3
Vila Maria/Vila Guilherme	709	8,3
Santo Amaro	241	2,8
Vila Prudente	159	1,9
Casa Verde	157	1,8
Jabaquara	150	1,8
Ermelino Matarazzo	137	1,6
Penha	134	1,6
Ipiranga	99	1,2
Jaçanã	99	1,2
São Mateus	98	1,1
São Miguel	81	,9
Pinheiros	80	,9
Santana	59	,7
Cidade Ademar	56	,7
Guaianases	48	,6
Capela do Socorro	39	,5
Vila Mariana	25	,3
Total	8570	100,0

DISTRIBUIÇÃO DOS ACOLHIDOS, POR REGIÃO, 2015

REGIÃO	Acolhidos	%
Sudeste	3050	35,6
Centro	2439	28,5
Oeste	1048	12,2
Nordeste	1024	11,9
Centro sul	416	4,9
Leste 1	369	4,3
Leste 2	129	1,5
Sul	95	1,1
Total	8570	100,0

DISTRIBUIÇÃO DOS ACOLHIDOS, POR DISTRITO MUNICIPAL, 2015

Distrito Municipal	Acolhidos	%
Mooca	1184	13,8
Barra Funda	878	10,2
Pari	847	9,9
Santa Cecília	809	9,4
Vila Guilherme	709	8,3
Bela Vista	703	8,2
Bom Retiro	570	6,7
Brás	394	4,6
Santo Amaro	241	2,8
República	205	2,4
Tatuapé	200	2,3
Belém	167	1,9
Vila Prudente	159	1,9
Casa Verde	157	1,8
Jabaquara	150	1,8
Ermelino Matarazzo	137	1,6
Sé	137	1,6
Penha	134	1,6
Jaçanã	99	1,2
Sacomã	99	1,2
São Mateus	98	1,1



Fundação Instituto de
Pesquisas Econômicas

Distrito Municipal	Acolhidos	%
Vila Leopoldina	90	1,1
São Miguel	81	,9
Pinheiros	80	,9
Santana	59	,7
Cidade Ademar	56	,7